



1º TUCUJU

LITERÁRIO
DO IFAP
CONTOS
& POEMAS







1º TUCUJU LITERÁRIO DO IFAP

CONTOS E POEMAS

Comissão Avaliadora | Seleção de Contos e Poemas:

Rai Brazão Oliveira

Angela Maria Chaves Miranda

Patrícia Andrade Vieira

Amapá, 2022



Conselho Científico Editorial do IFAP

Titulares

Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa

Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires

José Rodrigo Sousa de Lima Deniur

Nilvan Carvalho Melo

Darley Calderaro Leal Matos

Welber Carlos Andrade da Silva

Diego Armando Silva da Silva

Marialva do Socorro Ramalho de Oliveira de Almeida

Suany Rodrigues da Cunha

Carlos Alexandre Santana Oliveira

Suplentes

Ivan Gomes Pereira

Jéssica de Oliveira Pontes Nóbrega

Cleber Macedo de Oliveira

Joadson Rodrigues da Silva Freitas

Adrielma Nunes Ferreira Bronze

Johnny Gilberto Moraes Coelho

Mábia Nunes Toscano

Victor Hugo Gomes Sales

Themístocles Raphael Gomes Sobrinho

Romaro Antonio Silva



1º TUCUJU LITERÁRIO DO IFAP

CONTOS E POEMAS

Organizadores:

Luiz Ricardo Fernandes De Farias Aires

Benedita Machado Pureza

Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa

Amapá, 2022

Capa, projeto gráfico e diagramação:
Fabio Sgroi

Fotos:
Aluizio Cardoso
Eude Rocha

EQUIPE TÉCNICA EDITORIAL

Editora Chefa:
Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa

Editores adjuntos:
Romaro Antonio Silva
Luiz Ricardo Fernandes Farias Aires

Revisora:
Benedita Machado Pureza

Bibliotecária:
Suzana Cardoso

Apoio administrativo:
Sabrina Gama dos Santos
Wandreison Garcia Soares



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T898 I Tucuju literário do Ifap : contos e poemas : os encantos do meio do mundo /
Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires, Benedita Machado Pureza,
Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa (organizadores). – Macapá: Edifap,
2022.
177f. : il.

ISBN 978-65-89513-16-2 (digital)
978-65-89513-14-8 (impresso)

1. Literatura amapaense. 2. Contos - Amapá. 3. Poemas - Amapá. I. Aires,
Luiz Ricardo Fernandes de Farias (org.). II. Pureza, Benedita Machado (org.).
III. Barbosa, Flávia Karolina Lima Duarte (org.). IV. Título.

CDD B869.3098116

Dedicamos este livro a todos os amantes da literatura amapaense e aos escritores locais que com tanta frequência não são reconhecidos, mas que com suas poesias nos trazem amor, alegria, esperança e vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os autores que participaram da composição desta obra, a comissão avaliadora, aos colaboradores da Editora do Instituto Federal do Amapá - Edifap, dentre os quais, Marialva Almeida (Reitora do Instituto Federal do Amapá), Romaro Silva (Pró-Reitor de Extensão, Pesquisa, Pós-graduação e Inovação), Conselho Editorial e Equipe Técnica da Edifap.

Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires
Benedita Machado Pureza
Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa
Organizadores



Foto: Aluizio Cardoso

PREFÁCIO

Foi lançado a mim o desafio de prefaciar essa obra fantástica. Inicialmente me perguntei: o que escrever no prefácio de um livro com a temática “Tucuju Literário”? Falarei dos autores? Dos textos? Da sua importância histórica? Ou ainda sobre a diversidade ótica de seu teor? Tudo isso é deveras importante, eu sei. Entretanto, quando esbocei os primeiros pensamentos para redigir esse pequeno prelúdio, me deparei com o fato de que é preciso falar inicialmente de amapalidade, que é o pertencimento que moveu todos os atores envolvidos no processo de construção dessa literatura. Cada linha, cada verso, cada texto é inundado dessa sensação mista de orgulho, nostalgia, melancolia e prazer em falar dessa terra que lhes apresento a seguir.

O Amapá é um dos estados mais jovens do Brasil, com “apenas” 34 anos. Possui somente 16 municípios distribuídos em um território vasto, ainda pouco habitado, se comparado às demais unidades da federação. É também detentor de singularidades incríveis sobre as quais discorro com imenso prazer: o estado possui o título de “mais preservado do Brasil”, no qual a natureza e a biodiversidade reinam quase que absolutas por todos os espaços; está também inserido no Parque Nacional das Montanhas do Tumucumaque, a maior unidade de floresta tropical protegida por lei do mundo. Sua capital é Macapá, a estância de muitas bacabas, a única capital brasileira banhada pelo majestoso Rio Amazonas e cortada pela Linha do Equador (sim, aquela que divide o mundo ao meio!). Seu povo descende de uma etnia já extinta denominada “tucuju”, os primeiros habitantes dessas paragens, indígenas guerreiros que lutaram bravamente pela preservação da pureza de seu espaço em face ao colonizador.

A cultura amapaense ainda é quase desconhecida do restante do Brasil. Na música, os tambores do Marabaixo e do Batuque ditam o ritmo desta última fronteira (ou primeira, dependendo do ponto de vista), que se “encosta” na Europa e também no Caribe, através da Guiana Francesa. Os rituais que envolvem as manifestações culturais são repletos de muita fé e tradição, passada de geração em geração através da descendência das comunidades quilombolas que aqui chegaram cativas

e se enraizaram a partir da construção da Fortaleza de São José de Macapá, o Forte mais bem preservado do Brasil, remanescente da era pombalina e uma das sete maravilhas do nosso país.

Feitas as devidas apresentações, retorno ao começo deste texto e retomo o conceito de amapalidade para que você, caro legente, possa enxergar comigo, em cada página dessa obra, os traços dessa imensa variedade de características que tornam esse pedaço de chão tão especial. Os autores trouxeram em seus textos o DNA tucuju. Ao ler as poesias e os contos deste livro, é possível deparar-se com um turbilhão de sentimentos externados por cada um deles, sobre essas peculiaridades amapaenses. Saudades, amores, decepções, esperanças, medos, tristezas, alegrias, lugares, sabores..., mas acima de tudo isso, o liame dessa pluralidade é o sentimento de pertencimento dedicado a este lugar. A apropriação orgulhosa da sua força, de suas paisagens, de sua história e estórias, de seu linguajar “caboclês” e de sua perfeita imperfeição. O passeio pelas próximas páginas será uma verdadeira viagem bucólica, para conhecer ou se reconhecer em lugares, pessoas ou personagens, trejeitos e perspectivas.

A você, querido leitor, desejo uma excelente experiência nas palavras que te levarão a um passeio de Cutias a Serra do Navio, de Oiapoque a Laranjal do Jari. A cada virar de página, aproveite o deleite de cada verso, de cada linha e permita-se desbravar o Amapá através dessa maravilhosa obra, cheia de amapalidade, cheia de pertencimento.

Seja bem-vindo ao Tucuju Literário.

Silmara Lobato

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	19
-------------------	----

POEMAS

MACAPÁ TERRA DA GENTE Tatiane Campos Leite de Sá	24
---	----

A BELA MACAPÁ Marciléia do Socorro da Rocha Campos Lopes.....	25
--	----

A CIDADE TURÍSTICA Marciléia do Socorro da Rocha Campos Lopes.....	26
---	----

A ESCOLA DO CORAÇÃO DE MACAPÁ Marciléia do Socorro da Rocha Campos Lopes.....	27
--	----

A FORÇA E A RESISTÊNCIA Lourdylenne Maria da Luz Silva.....	28
--	----

A LINHA Eva Diana da Silva Miranda.....	29
--	----

“AMAPAENSE POR AMOR” Jouze Danielle Alves De Brito	30
---	----

A MENINA DOS OLHOS DA CIDADE Marcileia Pantoja Leal.....	31
---	----

A ROSA Mayla Monise de Oliveira Coelho.....	32
--	----

A VOZ DO MARABAIXO Valneres Rodrigues de Lima.....	33
---	----

APAGÃO RASTRO DE DEVASTAÇÃO Josué Martins de Souza.....	34
--	----

A POROROCA Cláudia Patrícia Nunes Almeida	35
--	----

AQUELA NOITE	
Midiam de Oliveira França	36
AQUI É O MEU LUGAR!	
Kátia Pureza	37
BELA VISTA	
Pedro Tiago Chaves.....	38
BOTO	
Elza Lopes de Oliveira	39
“CAÇULA”	
Kátia Pureza.....	40
CAPITAL MORENA	
Deuzarina Alfaia.....	41
CICATRIZES	
Ester Ferreira Lopes	42
CIDADE QUE APRENDI AMAR	
Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires.....	43
COMO NÃO AMAR O ITAUBAL?	
Deuzarina Alfaia.....	44
CONTA AMAPÁ	
Iraguacema Lima Maciel/ Iramel Lima (nome literário).....	45
CUTIAS DO ARAGUARI	
Kelly Pureza.....	46
DO NORTE ELA VEM	
Izabela Picanço Borges	47
ELA	
Andréina de Souza Vasconcelos.....	48
EM TEUS LENÇÓIS LÍQUIDOS	
Sandra Maria de Jesus Gonçalves	49
ENCANTO NORTISTA	
Angélica Machado.....	50
ENCANTOS DE VITÓRIA DO JARI	
Kátia Pureza	51

ENCONTRO DE ENCANTOS	
Pedro Tiago Chaves.....	52
EQUINOCIAL	
Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa	53
EXALTAÇÃO A MINHA TERRA, MACAPÁ!	
Geovana de Moraes da Silva	54
EXTREMO NORTE DO AMAPÁ	
Deuzarina Alfaia.....	55
EXUBERANTE MUNICÍPIO	
Kelly Pureza.....	56
FERREIRA GOMES	
Angélica Machado.....	57
GÍRIA SINGULAR	
Benedita Machado Pureza	58
HISTÓRIA CANTADA DE UMA MOÇA GUERREIRA	
Iasmin Oliveira do Carmo	59
IDENTIDADE DA NATUREZA	
Larissa da Silva Nascimento Siqueira.....	60
IGREJA DE SÃO JOSÉ	
Elza Lopes de Oliveira.....	61
INSTITUTO FEDERAL DO AMAPÁ	
Benedita Machado Pureza	62
JARIZÃO	
Antonio da Luz Machado.....	63
“LARANJAL DO JARI, DAREI MINHA VIDA AQUI”	
Marcileide Pimenta de Freitas	64
LAUANY	
Jhuliano Oliveira dos Santos.....	65
LUGAR BACANA	
Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires.....	66

LUNA	
Midiam de Oliveira França	67
MACAPÁ	
Elza Lopes de Oliveira	68
MACAPÁ	
Arilson Viana de Souza.....	69
MEMÓRIAS	
Bruna da Silva Alves.....	70
MEU LAR	
Adriana de Melo Andrade.....	72
MEU RIO AMAZONAS	
Margarida de Cassia Queiroz Fernandes	73
MINHA TERRA	
Arilson Viana de Souza.....	74
MINHA TERRA TUCUJU: UM ENCANTO NO MEIO DO MUNDO	
Ivaldo Da Silva Sousa	75
MINHAS ORIGENS	
Fabricio de Souza dos Santos	76
MOTIVO	
Stephane Mayara Melo Nunes.....	77
MULHER GUERREIRA	
Josilene Barbosa de Souza.....	78
MUSA DO MEIO DO MUNDO	
Aldenice Contente Dias	79
NATURAIS BELEZAS	
Angélica Machado.....	80
NATUREZA AMAZONA	
Alessandra Tolosa Guedes Neves.....	81
NATUREZA ENCANTADA	
Augusto Cezar Lima Queiroz	82

O “TREM-BALA” DO AMAPÁ	
Augusto Cezar Lima Queiroz	83
O BARULHO DO BARCO CONSOLA MEU CORAÇÃO	
Wanderlene Cardoso Borges	84
O JEITO TUCUJU DE ALFABETIZAR	
Geovana de Moraes da Silva	86
PARA ONDE VOCÊ DESEJA IR?	
Ataiane Lima do Carmo	87
O QUE ANIMA MEU CORAÇÃO?	
Wanderlene Cardoso Borges	88
PEDRA BRANCA DO AMAPARI	
Kelly Pureza	90
PENÉLOPE (haicai)	
Ademir Pedrosa Araujo	91
PORTO GRANDE	
Ataiane Lima do Carmo	92
PRANTO	
Ana Lucia Carvalho Anspach	93
PRECE	
Raísa Ribeiro De Souza	94
QUERIDO AMAPÁ	
Antonio da Luz Machado	95
PRESENTE DO RIO	
Marcos Antonio Ferreira Alves	96
REMINISCÊNCIAS ANCESTRAIS	
Thor do Nascimento Martins	98
SAUDADE DO LAR	
Ana Eloise Ferro Nery	99
SAGA MACAPAENSE	
Jadson Luís Rebelo Porto	100

SERRA DO NAVIO, REGIÃO NORTE DO BRASIL	
Augusto Cezar Lima Queiroz	102
SOMOS NÓS?	
Maitê da Conceição Soares	103
SONETO OLHO DE VIDRO	
Ademir Pedrosa Araujo.....	104
SOU CABOCLA	
Benedita Machado Pureza	105
SUA ESSÊNCIA	
Jaciara Rodrigues De Miranda	106
SÚPLICA À MULHER AMAPAENSE	
Lorena Reis Brito	107
SUSPIROS AMAPAENSES	
Lucas Dias Coelho	108
TARDINHA	
Arlson Viana de Souza.....	110
TARTARUGALZINHO	
Pedro Tiago Chaves.....	111
TARUMÃ	
Ednamar Melo Silva	112
TERRA ENCANTADA	
Adriany Pinheiro Da Silva	114
TERRA TUCUJU: CALOROSA E ABENÇOADA	
Adriana De Melo Andrade.....	115
TUCUJURAS	
Rodrigo Corrêa Mergulhão	116
UMBIGO DA TERRA	
Ademir Pedrosa Araujo.....	117
UM ENCANTO TUCUJU	
Ellen Patricia Belfor da Silva.....	118

UM VELHO PAI ABANDONADO

Wanderlene Cardoso Borges 119

VIDA

Ana Lucia Carvalho Anspach 120

TERRA DAS BACABAS

Camila De Nazaré Colares Da Rocha 121

CONTOS

A DONA DO TERRENO

Wanderlene Cardoso Borges 125

A GALINHA CARIJÓ

Ademir Pedrosa Araujo 126

APOTEOSE

Rodrigo Corrêa Mergulhão 128

AS PRIMEIRAS LETRAS

Ademir Pedrosa Araujo 132

COLO

Rodrigo Corrêa Mergulhão 135

ENTRE A VIDA E O TEMPO

Keum Hee Ladica dos Santos 136

EQUÍVOCO IMAGINÁRIO

João Wilson Savino Carvalho 138

MEU IRMÃO CABANO

Augusto Cezar Lima Queiroz 142

O BARULHO DO BARCO

Wanderlene Cardoso Borges 144

O BRUXO

Ademir Pedrosa Araujo 147

O CONTO DA MATA

Ezedequias de Souza Correa 150

O MITO DAS MULHERES-MIRITI

Rodrigo Corrêa Mergulhão 152

OPERAÇÃO VERDE	
Iraguacema Lima Maciel/ Iramel Lima (nome literário).....	155
ORGULHO DE SER AMAPÁ	
Keum Hee Ladica dos Santos.....	157
O RIO E A CASA ASSOMBRADA	
Fernando Castro Amoras.....	161
O OVO FICOU EM PÉ	
Midiam de Oliveira França	163
SÓ MAIS UM CASAL FELIZ	
Ana Livia Ramos Costa	165
POSFÁCIO.....	173
SOBRE OS AUTORES.....	174
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	179

APRESENTAÇÃO

É com júbilo que apresentamos o livro do I Tucuju Literário do IFAP. Uma obra fascinante que busca disseminar e valorizar a produção literária amapaense. Com a temática “Os Encantos do Meio do Mundo”, os contos e poemas, que compõem esta obra, revelam as belezas e riquezas deste lugar.

O “Meio do Mundo”, localizado na Floresta Amazônica, é rico em histórias, culturas e atrativos naturais. Os textos nos permitem viajar e desfrutar da singularidade desta amada e encantada terra.

O conteúdo está dividido em dois blocos que se entrelaçam com imaginações e realidades que enriquecem o livro. No primeiro são apresentados os poemas e no segundo os contos.

Os variados poemas: A Bela Macapá; A Cidade Turística; A Escola do Coração de Macapá, de autoria de Mariléia do Socorro da Rocha Campos Lopes; A Força e a Resistência, de Lourdylenne Maria da Luz Silva; A Linha, de Eva Diana da Silva Miranda; Amapaense Por Amor, de Jouze Danielle Alves de Brito; A Menina dos Olhos da Cidade, de Marcileia Pantoja Leal; A Rosa, de Mayla Monise de Oliveira Coelho; A Voz do Marabaixo, de Valneres Rodrigues de Lima; Apagão Rastro de Devastação, de Josué Martins de Souza; A Pororoca, de Cláudia Patrícia Nunes Almeida; Aquela Noite, de Midiam de Oliveira França; Aqui é o Meu Lugar, de Kátia Pureza; Bela Vista, de Pedro Tiago Chaves; Boto, de Elza Lopes de Oliveira; “Caçula”, de Kátia Pureza; Capital Morena, de Deuzarina Alfaia; Cicatrizes, de Ester Ferreira Lopes; Cidade que Aprendi Amar, de Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires; Como não Amar o Itaupal? de Deuzarina Alfaia; Conta Amapá, de Iraguacema Lima Maciel; Cutias do Araguari, de Kelly Pureza; Do Norte Ela Vem, de Izabela Picanço Borges; Ela, de Andreina de Souza Vasconcelos; Em Teus Lençóis Líquidos, de Sandra Maria de Jesus Gonçalves; Encanto Nortista, de Angélica Machado; Encantos de Vitória do Jari, de Kátia Pureza; Encontro de Encantos, de Pedro Tiago Chaves; Equinocial, de Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa; Exaltação a Minha Terra, Macapá! De Geovana de Moraes da Silva; Extremo Norte do Amapá, de Deuzarina Alfaia; Exuberante Município, de Kelly Pureza; Ferreira

Gomes, de Angélica Machado; Gíria Singular, de Benedita Machado Pureza; História Cantada de Uma Moça Guerreira, de Iasmin Oliveira do Carmo; Identidade da Natureza, de Larissa da Silva Nascimento Siqueira; Igreja de São José, de Elza Lopes de Oliveira; Instituto Federal do Amapá, de Benedita Machado Pureza; Jarizão, de Antonio da Luz Machado; “Laranjal do Jari, Darei Minha Vida Aqui”, de Marcileide Pimenta de Freitas; Lauany, de Jhuliano Oliveira dos Santos; Lugar Bacana, de Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires; Luna, de Midiam de Oliveira França; Macapá, de Elza Lopes de Oliveira; Macapá, de Arilson Viana de Souza; Macapá Terra da Gente, de Tatiane Campos Leite de Sá; Memórias, de Bruna da Silva Alves; Meu Lugar, de Adriana de Melo Andrade; Meu Rio Amazonas, de Margarida de Cassia Queiroz Fernandes; Minha Terra, de Arilson Viana de Souza; Minha Terra Tucuju: Um Encanto no Meio do Mundo, de Ivaldo da Silva Sousa; Minhas Origens, de Fabrício de Souza dos Santos; Motivo, Stephane Mayara Melo Nunes; Mulher Guerreira, de Josilene Barbosa de Souza; Musa do Meio do Mundo, de Aldenice Contente Dias; Naturais Belezas, de Angélica Machado; Natureza Amazona, de Alessandra Tolosa Guedes Neves; Natureza Encantada; O “Trem-Bala” do Amapá, de Augusto Cezar Lima Queiroz; O Barulho do Barco Consola Meu Coração, de Wanderlene Cardoso Borges; O Jeito Tucuju de Alfabetizar, de Geovana de Moraes da Silva; O Que Anima Meu Coração? de Wanderlene Cardoso Borges; Para Onde Você Deseja Ir? de Ataiane Lima do Carmo; Pedra Branca do Amapari, de Kelly Pureza; Penélope (haicai), de Ademir Pedrosa Araujo; Porto Grande, de Ataiane Lima do Carmo; Pranto, de Ana Lucia Carvalho Anspach; Prece, de Raísa Ribeiro de Souza; Presente do Rio, de Marcos Antonio Ferreira Alves; Querido Amapá, de Antonio da Luz Machado; Reminiscências Ancestrais, de Thor do Nascimento Martins; Saga Macapaense, de Jadson Luís Rebelo Porto; Saudade do Lar, de Ana Eloise Ferro Nery; Serra do Navio, Região Norte do Brasil, de Augusto Cezar Lima Queiroz; Somos Nós? de Maitê da Conceição Soares; Soneto Olho de Vidro, de Ademir Pedrosa Araujo; Sou Cabocla, de Benedita Machado Pureza; Sua Essência, de Jaciara Rodrigues de Miranda; Súplica à Mulher Amapaense, de Lorena Reis Brito; Suspiros Amapaenses, de Lucas Dias Coelho; Tardinha, de Arilson Viana de Souza; Tartarugalzinho, de Pedro Tiago Chaves; Tarumã, de Ednamar Melo Silva; Terra das Bacabas, de Camila de Nazaré Colares da Rocha; Terra Encantada de Adriany Pinheiro da Silva; Terra Tucuju: Calorosa e Abençoada, de Adriana de Melo Andrade; Tucujuras, de Rodrigo Corrêa Mergulhão; Umbigo da Terra, de Ademir Pedrosa Araujo; Um Encanto Tucuju, de Ellen Patrícia Belfor da Silva; Um Velho Pai Abandonado, de Wanderlene Cardoso Borges; Vida, de Ana Lucia Carvalho Anspach, abordam, dentre outros, as

riquezas dos municípios amapaenses, suas lutas, cotidiano, cultura, os monumentos, as atrações turísticas, anatureza, o sentimento de pertença ao lugar, as experiências e vivências do povo tucuju.

Os contos: A Dona do Terreno, de Wanderlene Cardoso Borges; A Galinha Carijó, de Ademir Pedrosa Araujo; Apoteose, de Rodrigo Corrêa Mergulhão; As Primeiras Letras, de Ademir Pedrosa Araujo; Colo, de Rodrigo Corrêa Mergulhão; Entre a Vida e o Tempo, de Keum Hee Ladica dos Santos; Equívoco Imaginário, de João Wilson Savino Carvalho; Meu Irmão Cabano, de Augusto Cezar Lima Queiroz; O Barulho do Barco, de Wanderlene Cardoso Borges; O Bruxo, de Ademir Pedrosa Araujo; O Conto da Mata, de Ezedequias de Souza Correa; O Mito das Mulheres-Miriti, de Rodrigo Corrêa Mergulhão; Operação Verde, de Iraguacema Lima Maciel; Orgulho de Ser Amapá, de Keum Hee Ladica dos Santos; O Rio e a Casa Assombrada, de Fernando Castro Amoras; O Ovo Ficou em Pé, de Midiam de Oliveira França; Só Mais Um Casal Feliz, de Ana Livia Ramos Costa, perpassam pelos mistérios, lendas, patrimônios históricos, monumentos, atrativos nortistas, flora e fauna Amazônica, “causos” amapaenses que embelezam o meio do mundo.

A poesia pode revelar os encantos de um espaço em forma de linguagem e palavras. Ao trilhar sobre sensibilidade, imaginação e emoção, proporciona experiências incríveis capazes de moldar o ser humano.

Esperamos que esta obra contribua com a difusão e valorização das riquezas e encantos do povo tucuju, bem como dos artistas amapaenses que, por meio da literatura, despertam emoções, acalmam almas, possibilitam voos e ajudam na reflexão e construção de um mundo melhor.

É nossa literatura, cultura, história e identidade!

Então, vamos apreciar os encantos do meio do mundo?

Boa leitura!

Benedita Pureza

Foto: Aluizio Cardoso





Parte 1

POEMAS

MACAPÁ TERRA DA GENTE

Tatiane Campos Leite de Sá

Macapá é tracejada
Pela Linha do Equador
Banhada pelo Amazonas
O Rio que carrega a flor
Da oferta da moça virgem
Que espera seu grande amor
É pujante em força e vida
Que aos sonhos da gente irriga
Que resiste ao desmatamento
Denuncia poluição
Que escuma na maré alta
A beleza de ser natureza!
É caminho do ribeirão
Que escoar sua produção
Ao poeta é inspiração
A compor verso e nova canção.

É terra de índio forte
Que resiste a inundações
Da cultura do homem branco
E fortalece sua tradição,
Mas aprende a importância
Que existe na educação.

É terra do Marabaixo
Do Batuque que move a gente
É cultura que pulsa forte
No sangue e move a mente
Nos anima, nos faz mais forte
Traz em riso essa alma contente
Nos ensina o valor que tem
A voz de quem vive e sente
Que vive o ser nortista
É a voz de nossa gente!
É a voz de nossa gente!
Um povo humilde e simples
Que sabe viver contente.

A BELA MACAPÁ

Marciléia do Socorro da Rocha Campos Lopes

Macapá é uma cidade de natureza exuberante.
No coração da Amazônia, cheia de encantos
É a capital do Amapá, com 264 anos de história, sempre viva na memória.
O seu nome vem do Tupi.
Terras tão ricas, quantos povos já acolheu:
Quilombolas, indígenas, ribeirinhos, todos que a ela recorreu.
Não tem ligação rodoviária com nenhuma outra capital.
Todavia, possui o majestoso Rio Amazonas
E tantos outros lugares para visitar.
Caso você esteja fazendo um tour pela Região Norte,
Não deixe de conhecer a cidade de Macapá.
Tem muitos pontos turísticos que agora vou apresentar:
Bioparque da Amazônia; Casa do Artesão; Estádio Zerão; Fortaleza de São
José de Macapá; Igreja de São José de Macapá; Museu Sacaca; Marco Zero do
Equador; Mercado Central; Pedra do Guindaste; Praça Floriano Peixoto; Curiaú.
Nossa cidade ainda possui vários pontos turísticos para você conhecer.
Não deixe de visitar, a querida Macapá,
pois a energia do povo daqui é espetacular.

A CIDADE TURÍSTICA

Marciléia do Socorro da Rocha Campos Lopes

Ferreira Gomes é cheio de encantos e eu vou contar.
É um dos dezesseis municípios do estado do Amapá.
Muito visitado pelos seus atrativos naturais e culturais.
Entre tantos atrativos tem o admirável Rio Araguari,
famoso por suas águas e pedras de vários tamanhos e formas.
Além de balneários, igarapés, que guardam grandes histórias.
Tem a exuberante fauna e flora.
Cachoeira do Traíra, Cachoeira do Pium.
Onde a natureza mostra sua força e beleza.
Ainda têm as hidrelétricas Coaracy Nunes, Ferreira Gomes e Cachoeira Caldeirão.
Que estão na bacia do Rio Araguari, uma das mais ricas da Amazônia.
E a maior do estado do Amapá.
Sem falar nos atrativos culturais que antes da pandemia arrastavam multidões,
Festival do Caju, os festejos de Nossa Senhora da Conceição, Forróguari,
Araguari Verão e o Carnaguari, realizado às margens do rio Araguari.
E, para descansar, aproveitar e apreciar os encantos do lugar,
tem o Hotel Família Bianchi, Thassos, Pororoca, Pousada Tucumã,
E muitos outros para atender os visitantes de lá e se encantar.

A ESCOLA DO CORAÇÃO DE MACAPÁ

Marciléia do Socorro da Rocha Campos Lopes

EMEI O Pequeno Príncipe, lugar para aprender e nunca esquecer.
Quanta criança aqui iniciou o voo.
E, hoje, recorda com nostalgia a aprendizagem que existia.
Uma grande referência na educação infantil do estado do Amapá.
Desde 1972 cativando corações na cidade de Macapá.
E assim permanecerá a cada geração que por ela passar.
Escola tão acolhedora, que faz crescer e aprender a viver.
Os funcionários, mesmo na pandemia, trabalham com amor e alegria,
sempre prontos para atender todos os dias.
Os professores sempre dedicados na missão de educar.
Diante dos desafios, não deixaram de ensinar:
ressignificaram sua prática para crianças alcançar.
Com 50 anos de história, tem motivo para comemorar,
já que foi contemplada com a tão esperada reconstrução,
para atender melhor as crianças e a população.
Vamos ter fé e esperança,
para a obra logo terminar.
A escola merece e toda equipe agradece.

A FORÇA E A RESISTÊNCIA

Lourdylene Maria da Luz Silva

Mulher de origem indígena
Jamais se desfez das suas raízes
Amava seu povo
Lutava pela paz e conforto
E a natureza sempre como seu consolo
Mulher sofrida, teve um destino triste
Foi tirada de seu lar e sua tribo
Levada de seu marido
Para longe de seu coração
Em embarcação inglesa sua prisão
Mulher forte e destemida
Não fácil se renderia
Queria reencontrar a família
E viver junto de seus amados irmãos
Sem dor, sem guerra, sem ilusão
Cria da natureza
Se fez a sua beleza
E mesmo forjada em costumes estrangeiros
Não abriu mão de seu coração selvagem e guerreiro
Teve a permissão de estar com seu filho
E quis voltar para sua família
Mas foi impedida
Adoeceu abatida
E em terras desconhecidas findou-se sua vida
Índia marcada na história
Forjada em sua pele tristes memórias
Nunca precisou de riqueza
Ou bens pra acentuar sua essência
É mulher brava, destemida e corajosa

Pocahontas era sua glória
E mesmo tendo um nome europeu
Sua identidade não se corrompeu
Sua essência de mulher indígena permaneceu
Permanente filha da natureza
Seu lar as florestas
O mar seu alimento e renascimento
A família seu bem mais precioso
Seu modo de viver e pensamento
Sua tribo sua religião e firmamento
Assim se fez o seu legado
Mulher de coragem e dor
Mas trouxe um filho ao mundo
Fruto de seu amor
Seu gene ficou
A luta eterna por liberdade
A história marcada por atrocidades.

A LINHA

Eva Diana da Silva Miranda

Eu tenho uma linha,
Uma linha imaginária
Que corta o meio do mundo
E liga o amor mais profundo.
Que sai cortando as águas,
Endereçando as paradas,
Separando os amores
Da minha terra amada.
O Norte e Sul são separados,
Até parecem distantes,
Porém a minha linha
Forma um eixo constante,
Onde atraindo esses polos
Fazendo deles amantes
Pisando em dois solos
Num instante emocionante.
Essa linha quase ninguém tem,
Se tem, não são nas minhas medidas,
Nem nas minhas larguras,
Nem nas minhas alturas,
Muito menos nas minhas lonjuras.
Ela me foi dada por capricho
Para explicar ao mundo
Que existo!

Em cima da minha linha,
Faço “mágica” sobre ela,
É o sol de março e setembro,
Que se alinha na minha janela.
Ela é precisa e imponente,
E tudo isso pra me dizer:
- Oi, eu sou o Equinócio, muito prazer!
Eu sou o Marco Zero do Equador,
Minha cidade é Macapá,
Terra dos Tucujus,
Da Dona Maria e Seu Sabá,
Onde tem peculiar canção
Regional, Marabaixo e Batuque,
Comida cheia de truques
E que apaixona meu coração!

“AMAPAENSE POR AMOR”

Jouze Danielle Alves De Brito

Vim do Nordeste
Para aqui passear,
Apaixonei-me por este
Amapá, quero ficar.
Povo tão amável,
Acolhedor e singular;
Gente tão admirável,
Nos motiva ficar.
Culinária do Amapá:
Camarão e tucunaré,
Maniçoba e vatapá,
Agora botei fé.

Cachoeira de Santo Antônio
No município do Amapá;
Serra do Navio,
Aqui quero estar.

Banhado pelo Amazonas,
Lendas à beira mar;
As belezas encantadas
Escondidas neste lugar.

Beiradas de Santana,
Índia e boto-tucuxi,
Filha que virou cobra,
São contos daqui.

Uma velha feiticeira
Com assobio agoureiro,

É Matinta Pereira
Deixando-me cabreiro.

Nascido não sou
Deste lindo amapazão,
Mas ligado estou
Levo-o no coração.

Sair pode ser,
Desta terra d'amor;
Mas nunca esquecer,
Amapaense sim, senhor.

A MENINA DOS OLHOS DA CIDADE

Marcileia Pantoja Leal

Minha terra tem seus encantos
E um deles ficou para a história
Quem nunca ouviu falar
Da histórica Fortaleza de São José?
Um monumento encantador
Que atrai gente de todos os lugares
Ah, essa Fortaleza,
Quantas histórias bonitas
Dos negros e índios
Da construção
E do seu papel de defesa do Estado
Já foi escolhida como uma das setes maravilhas do mundo
Nossa, que riqueza!
Um patrimônio como esse tem que ser valorizado
E jamais desprezado
Para quando vierem os visitantes
A encontrarem tão linda e perfeita
A mais doce e deslumbrante
Fortaleza de São José de Macapá.

A ROSA

Mayla Monise de Oliveira Coelho

A pele envolvente, um sorriso contagiante
Uma flor tão bela, com espinhos cortantes
Espinhos...
Este que te fez tão feroz e envolvente
Tomou meu coração tão carente
Nestes rios de águas tão profundas
Afogaste-me neste teu mundo de lutas
Tomou-me o amor e o respeito, ao livrar-me do medo
Medo este que acalenta a minha morte
Mais uma vez a rosa me guardou, e mnj de seu pai me salvou
Queria ser tu, ó mulher, tão forte como a maré
Peço a essa floresta que agora me guia, para que um dia tua vida encontre com a minha
Para o mundo te apresentar e oferecer, porém agora só o que me resta é escrever
Peço aos céus para contigo sonhar, a minha rosa do belo olhar.

A VOZ DO MARABAIXO

Valneres Rodrigues de Lima

Cultura no Amapá é Marabaixo
É dança de roda, canto e percussão
É voz afrodescendente, festejo tradicional
Evento sagrado, profano ou lúdico
Que fortalece os movimentos sociais
Ato de resistência em ação.
Tombado como patrimônio histórico,
Artístico e Nacional pelo IPHAN
Sua história tem a presença do negro
Que luta pelos seus direitos
Que valoriza as comunidades negras
Numa política de integração
A luta de combate ao preconceito racial é a voz:
Do Abacate da Pedreira
Do Carmo do Maruanum
De Conceição do Macacoari
De Mazagão velho, Santana e Curiaú
As vozes são as mesmas:
Respeita a nossa gente,
Respeita a nossa história,
Respeita a nossa cultura,
Sua ignorância não é de agora
Marabaixo é dança de roda,
É canto e percussão
Nossa história é cantada
Carregada de lutas e tradição
Marabaixo é o grito
Marabaixo é a voz
Marabaixo é resistência
Deixa de ser algoz

Meu coração sente tua ignorância
Mas não impede que ecoe a minha voz.
Teu preconceito ao Marabaixo é ignorância
Teu preconceito é mais que racial
Teu preconceito é deselegância
Teu preconceito te impede
De ser alguém com alto astral.
Nosso povo já sofreu demais
Nossa gente sabe como é
Não consigo mensurar a dor
Nem o sofrimento dos meus ancestrais
Mas se sofremos hoje, imagina...
Eles sofreram muito mais.
Marabaixo é a voz
Que não pode se calar
Marabaixo é resistência
Deixa meu povo falar.
Sou feliz com o Marabaixo
Sou feliz no Amapá.

APAGÃO RASTRO DE DEVASTAÇÃO

Josué Martins de Souza

A luz se apagou o cachorro chorou,
Minha cama na goteira começou a ensopar.
Entre estrondos e reflexos a alma pasma, cega, ouvinte.
Daquela delirante que achava o fim começar.
Sim ele começou com lampejos e a penúria de não se ver.
Algo tão comum à margem do Norte, onde nossos sonhos são apagados
juntos com nossa existência.
Decorrência do susto percebi que era devaneio, que o
fim do cristão não era aquele com os sete apocalípticos,
Mas era aquele, da plena desumanização.
Ali deitado sentindo o trovão, mas era o que se chamou de apagão.
Quantos mais desses então?
Quantos mais desses virão?
Pois quatro hidrelétricas mataram o 'sonho povoado' do meu irmão.
Originário ou não.
Ribeirinho ou Quilombão.
O amazônida sente o lastro da devastação.

A POROROCA

Cláudia Patrícia Nunes Almeida

A Pororoca
Pi-po-ca
Arrebenta
Derruba
Assusta
Arrasta
As Encostas
Os Barrancos
Os Barcos
Os Mururés
As Andirobas
Os Amores
As Jacitaras
As Tabocas
As Tracajás
A Pororoca
Pi-po-ca
Arrebenta
Derruba
Arrasta
A Pororoca “mundia”* os olhos de quem a
ver passar trazida pelos braços do Mar.

* O termo é usado na cultura cabocla para dizer
que a pessoa fica encantada, hipnotizada.

AQUELA NOITE

Midiam de Oliveira França

O vento soprava em meu rosto a brisa do rio...
esse rio imenso a perder de vista, que bate e recua no quebra mar,
passo por um, passo por mil, mas nada vejo
Meu coração bate acelerado, não podendo acreditar... ele está ali...
Era nossa primeira vez
Sim a primeira vez que sentávamos lado a lado pra conversar
As primeiras palavras sem barreiras, sem defesas, sem rejeição
Eu caminhava lentamente, retardando os passos, com medo que aquela visão
sumisse no ar a qualquer minuto, mas ele continuava lá
olhei para o céu de lua cheia, ela estava linda, esplendorosa, para testemu-
nhar nosso encontro
de repente, baah... estávamos sentados ali!
Queria que o tempo parasse, que o mundo acabasse, só pra nunca mais sair
dali, do lado dele
Ele falava e falava, e eu bebia suas palavras, seus sorrisos, seus gestos...
bebia como água para sede do sedento
Meus olhos fitos como super band em cada detalhe dele... feliz como criança,
e ele nem notava
o tempo passou... a noite acabou...
hora de partir
aaaah! triste hora da despedida
vou com o coração apertado, mas vou feliz
Mesmo que seja essa a última vez, ficará a lembrança, eternizar-se-á o mo-
mento, e esse...
morre comigo, assim como vive comigo o amor pelos lindos olhos daquele
poeta que cantava
o amor em baixo da linha do equador.

AQUI É O MEU LUGAR!

Kátia Pureza

Macapá, Amapá, aqui é o meu lugar
Onde nasci, cresci e pretendo sempre morar
Minha terra amada, de florestas gigantes
Uma natureza tão bela como nunca vi antes
Teus encantos inebriaram o meu ser
Longe de ti não saberia viver.
Onde mais encontraria a brisa do teu rio majestoso?
Acaso provaria outro açaí tão saboroso?
Que lugar me permitiria estar no meio do mundo e contemplar a tua beleza?
O Batuque, Marabaixo, Museu Sacaca, Fortaleza...
Ribeirinho, quilombola, índio, parteira e lavadeira
São tesouros dessa terra que só tem gente guerreira.
Teu sol forte aquece e ilumina
Teu povo, o meu povo, me fascina
Em cada canto um encanto para contar
Ainda tem o Instituto Federal do Amapá.
Teu brilho se espalha do bairro Cidade Nova ao Fazendinha
Ser do Norte, ser daqui quanta sorte a minha
É, não tem como comparar
Aqui é o meu lugar!

BELA VISTA

Pedro Tiago Chaves

Serra do Navio
Tem encantos como nunca se viu.
É marcado pela implantação
De um megaprojeto de mineração.
Passou por transformações
Tem resistido às explorações.
Seu clima frio e aconchegante
Devido às serras impressionantes.
Sua paisagem conquista
É cheio de bela vista.
Tem a Lagoa Azul
E o Festival do Cupuaçu.
Acolhedora, Terra
Tão amada, Serra!



BOTO

Elza Lopes de Oliveira

Coração de pedra ele tem
Não amando ninguém
Jeito atraente também
Espero que não me leve, amém!
Na beira do rio ele mora
Ou no rio todo pode ser
E agarra moças sem demora
Sempre antes de alguém perceber
Moças que somem sem paradeiro
Deixam famílias, amigos e até amores
E todos ficam num berreiro
Sem saber onde procurá-las primeiro.

“CAÇULA”

Kátia Pureza

Quem conhece teus encantos naturais
Não te esquece jamais
Calçoene do Amapá
Maravilhoso lugar
Praia do Goiabal, a única constituída de sal
Para essa paragem
De tão linda paisagem.
“Caçula”, faz parte da raiz
Torna o povo feliz
Na cachoeira do Firmino
O banho é até ficar mufino.
Em tuas águas os peixes se fazem abundantes
Movimentam a economia desta terra apaixonante
No parque arqueológico um círculo de pedra há
Dizem que foi construído como observatório indígena
Os teus balneários são atrações
Tua floresta perene
Como és lindo, Calçoene!

CAPITAL MORENA

Deuzarina Alfaia

Tens encantos mil
Macapá, Amapá, Brasil
Peculiar jeito de ser
Do amanhecer ao entardecer
Os olhos não cessam de brilhar
Não deixas de me encantar
Minha capital morena
Conhecer-te vale a pena.
Ao avistar o teu Rio
Sinto forte o arpejo
Outro maior não há
Quero nele mergulhar
Lavar a alma
Sentir a brisa calma
Como és maravilhoso
Ó Amazonas majestoso.
No Marco Zero eu quero
Desvendar os mistérios
Do equilíbrio de um ovo
Entre os dois hemisférios
No meio do mundo
Sinto um amor profundo
Relógio solar
Lindo de apreciar.
O Marabaixo é expressão
Cultural e devoção
Símbolo de resistência

Forma de vivência
Dança, canto e percussão
Popular tradição
Seus versos (ladrões)
Atravessam gerações.
A Fortaleza, que beleza
Compõe essa riqueza
Maior fortificação
Portuguesa na região
Quatro baluartes
Pentagonais são partes
Do Patrimônio histórico
De um povo heroico.
Gente que contagia
Com tamanha alegria
Acolhimento, generosidade
Fazem parte da cidade
Que acolhe com amor
Sem distinção de raça, gênero e cor
População que luta, trabalha, tem fé
E pede a intercessão do padroeiro São José.

CICATRIZES

Ester Ferreira Lopes

Carrego marcas em minha pele
Dura e sofrida
Marcas de minha história
Mas também de muita alegria
Povo tucuju
Povo alegre, povo forte
Povo que luta
Povo sofrido, povo triste
Mas por que a gente tem que tanto lutar?
Afiml esse não é o nosso lar?
Por que eu sempre tenho que provar?
Provar que sou inteligente, e latente
A gente luta
A gente luta
A gente grita, mas pra quê se ninguém vai escutar?
Solidão
Respeito, e opressão
Elas são a minha sensação
Todos os dias em meu coração.

CIDADE QUE APRENDI AMAR

Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires

Deixa eu me apresentar...

Sou de Santarém do Pará, mas meu coração é da cidade de Macapá.

E nas curvas das maresias do Rio Amazonas quero relaxar, ao som do Marabaixo descansar, o meio do mundo é meu lugar.

“Égua!”, não nasci em Macapá.

“Eras, macho!”, Macapá já tem meu coração e dela já tenho até os traços.

Pense num lugar “filé”, fico até “mordido” quando algum “gala seca” - que vive nela e dela, mal dela começa a falar.

Não sou natural de Macapá, e isso não é “potoca”, mas, para viver feliz, conta o que diz o coração:

- Em Macapá que eu vivo desde “gito” - é a cidade que aprendi amar.

Suas belezas não cabem num poema, por isso, “pega o beco” e vem “timbora” conhecer a minha cidade Macapá no Amapá.

COMO NÃO AMAR O ITAUBAL?

Deuzarina Alfaia

Itaubal do Piririm
Quem se banha nos teus rios
Não quer mais embora daqui.
Há tanto aconchego em tuas comunidades
Carmo do Macacoari,
Curicaca, Cobra Capim
Bom Sucesso,
Aracu, Igarapé Fundo
São encantos do Meio do Mundo.
Agricultura e pecuária
São fontes de economia
Para o povo que luta dia a dia
O extrativismo vegetal
Tem papel fundamental
A pesca artesanal
Serve de alimentação
Para população.
O festejo de São Benedito
Movimenta a cidade
Como é linda tua religiosidade.
Tua natureza fascinante
Animais, pássaros
conquistam num instante
Tão calmo e natural
Como não amar o Itaубal?

CONTA AMAPÁ

Iraguacema Lima Maciel/ Iramel Lima (nome literário)

Não me canso dos sabores da minha terra
Viajo contemplando as belezas que há
Cada dia é uma surpresa
Sol e chuva para refrescar
Maresias no Araxá
Paisagens de estontear
Se desejas tacacá aqui é o lugar
Tão saboroso não há
E o camarão no bafo é só degustar
É delícia do Amapá
Se desejas maniçoba também podes provar
Já viajei pelos quatro cantos do Planeta Mar
Mas sabores inigualáveis só aqui vais saborear
E os doces até água na boca dá
Não é conto de pescador pode acreditar
Seres sobrenaturais aqui podem habitar
O folclore popular pode demonstrar
A floresta é protegida, não deixe de acreditar
Já viu o curupira?
Seu avô caçador pode comprovar
E o boto namorador!
Ele sabe encantar...cuidado ao navegar
Marco Zero do Equador é para admirar
Leve um ovo para lá equilibrar
É tanto mistério que olhe lá!
Quem vive por acá
Tem muitas histórias para contar.

CUTIAS DO ARAGUARI

Kelly Pureza

E chegando por aqui
Temos o Cutias do Araguari
A pororoca, fenômeno natural
Trouxe-lhe fama internacional.

O encontro das águas do rio e do mar
Despertou o desejo de surfar no lugar
Nas grandes e violentas ondas sem igual
Surfistas do mundo conheceram o local.

Com a criação de búfalos e implantação de hidrelétricas
no seu rio, o fim desse fenômeno chegou
A festa do encontro das águas acabou
Por falta de preservação
Para a tristeza da população.

Mas seus encantos não param por aí
É cheio de beleza, magias, riquezas
A farinha do Pacuí é exclusiva daqui
Tem o pirarucu, a mandioca, a banana, materiais para
construção civil
Com ajuda de seu povo, vence cada desafio.

DO NORTE ELA VEM

Izabela Picanço Borges

Que força é essa que impressiona?
Que energia boa é essa que não a abandona?
Mulher igual a essa, certeza, não tem
Ela canta e dança como ninguém.

Do Norte ela vem!
Posso ver pelos lábios manchados de açaí
E também pelo cheiro do buriti.

Do Norte ela vem, rapaz!
Ela vem forte porque é do Norte
A presença traz alegria sem limites
E não há quem a intimide.

ELA

Andréina de Souza Vasconcelos

Ela é forte e guerreira,
Sua força representa mãe natureza
Ela tem cabelos negros,
Como a luz do luar
Ela é aventureira,
Não tem medo de se arriscar
Ela tem a voz doce e suave,
Como os cantos dos pássaros

Ela é amável,
Mas não se deixe enganar, ela sabe liderar
Ela é nobre e gentil,
Mas esconde suas dores
Ela tem um amor,
E uma conexão profunda

Ela é o barulho da chuva,
Que acalma a alma
Ela tem olhos escuros,
Como a noite escura

Ela é apenas ela
Ela tem seus encantos,
Mulher exótica eles dizem.

EM TEUS LENÇÓIS LÍQUIDOS

Sandra Maria de Jesus Gonçalves

Ribeirinha nasci,
Amapaense cresci.
Nas ruas líquidas desse chão
Remei em direção aos sonhos
Quase impossíveis
De criança do mato.
Há quem diga que
Ribeirinho não é gente
Até conterrâneo pensa assim.
Nas alamedas desse rio,
Nasci Maria
Minha bisa já dizia,
Pra quê Maria?
Melhor seria Bom Jardim.
Mulher da mata,
Na floresta nasce gente,
igualmente.
É nas encostas dessa terra
Me envolvi nas turvas
Águas do Amazonas.
As pororocas que por aqui existiram,
Pude sentir.
Em meio ao medo
E a admiração dessa força
Sobrenatural, quase morri.
Teria morrido
Não fosse a eterna proteção.
Quando o caminho é líquido,
Montarias, cascos e lanchas
Te ensinam a nadar.

Aprendi na ponta do remo
Que criança da floresta
Sem ler nem escrever
Mas parece visagem.
Na cidade, um bicho da floresta.
Se não tem proteção,
Logo perde a imaginação.
Onde o coração fez ninho,
A alma fundeou
E o canto das juritis fascinou,
A cabocla fez morada.
Alguns dizem: vida paradisíaca!
Quase perfeita,
Não fosse ter que
Nadar contra a correnteza.
Só para dizer que
Tanto faz serem
Rios, lagos ou igarapés,
Os sonhos sempre correrão
Na vazante da maré.

ENCANTO NORTISTA

Angélica Machado

Porto Grande
Paisagem exuberante
Procurado por banhista
Mais um encanto nortista.

Lugar de descanso e lazer
Visitar-te é um prazer
Tua natureza, tua gente
Que tem orgulho de ti
Que realizas o Festival do Abacaxi.

Principal produtor de seixo e areia
Ajudas em construções
Possuis prósperas criações
De bovinos, búfalos e suínos
Há a produção de dendê
Que faz o município crescer
Destaca-se a exploração do pinho
Para a fabricação de papel
Como é atraente contemplar o teu céu.

Terra boa para morar
Neste sossego, aconchego
Vou me deixar conquistar.

ENCANTOS DE VITÓRIA DO JARI

Kátia Pureza

No Estado, localizado ao Sul
Pertence à terra tucuju
Vitória do Jari, por Beiradinho te chamaram
Do Laranjal do Jari te desmembraram.

És fruto de um parque industrial da Cadam
Empresa de minério da região
Aos arredores, residiam tua população.

Sobre palafitas e pontes
Extração do Caulim e Castanha-do-pará
Tua gente segue a lutar.

Último município criado
Mas não menos amado.

Tuas florestas e plantações
Tua cultura e criações
Ofereces passeios de catraias pelo Rio Cajari
Venha ver os encantos de Vitória do Jari.

ENCONTRO DE ENCANTOS

Pedro Tiago Chaves

Mazagão,
Trazes marcas da escravidão
E incentivo para a população
Que valoriza sua cultura e raiz
Que sonha, batalha e é feliz.

A extração da castanha-do-brasil, do palmito, da madeira
A fabricação do carvão, o látex da seringueira
Fábricas de tijolos, serrarias ainda há
Atividades que movimentam esse lugar.

És notado por tuas religiosas manifestações
A Festa de São Tiago faz parte das tradições
Reconto das guerras entre mouros e cristãos cavallhada, teatro a céu aberto
Deixa o povo boquiaberto.

Com a Ponte inaugurada
As relações foram estreitadas
Facilitou-se a contemplação
Das belezas da região.

E como não falar da Comunidade do Carvão e da Vila do Maracá?
A castanha tem seu festival
A paisagem é tão natural
Cachoeiras e o Lago do Ajuruxi
Encontro de encantos daqui.

EQUINOCIAL

Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa

Seguimos equinociando e na corda bamba
de linha encerada que não corta definitivamente.
É linha que amarra sóis individuais.
Um sol para cada um
significa que estamos com os pés nas trepadeiras
de floresta ciclópica
e os olhos no céu esperançoso que demora a anoitecer.
Também, uma rabiola para cada um:
somos livres-arbítrios assistidos.
Seguimos como sombras que se deslocam
no relógio de sol da eternidade,
mas no fim
- Asseguro por intuição primaveril que nunca falha -
todos os remorsos do hemisfério vital
ficam embaixo de invejável e doce rio.
Só queremos a bonança de um vinho roxo,
puro como alguma parte distante do espaço sideral.
E por mais que existam dias, noites
e translações que nos diferenciam,
luz e escuridão se balanceiam num Batuque balancê,
encontrando a paz do equilíbrio equinocial.

EXALTAÇÃO A MINHA TERRA, MACAPÁ!

Geovana de Moraes da Silva

A nossa Macapá é bela
Toda cheia de glamour
Rica em histórias
Construídas com amor.

Cortado pela linha do meio do mundo
O Marco Zero é sensacional
Com um pé no Sul e um no Norte
É um lugar surreal.

E a nossa imponente Fortaleza de São José
de Macapá
Lugar de história e religião
São 240 anos de tradição
Um ponto de referência, pesquisa e cultura da
nossa população.

Vem para o museu, vem para o Museu Sacaca
Do saber empírico ao científico
Da casa do ribeirinho à casa do índio
A natureza é a nossa morada.

E continuando nossa excursão agora pela
Casa do Artesão
Com a venda de brindes, suvenires e lembranças
Seja de madeira, folha ou grãos
Não tem como não levar uma recordação.

A cada canto para admirar
O que falar no passeio pela Orla de Macapá?
Lugar de caminhar, pedalar e enamorar
Não tem como se refrescar com a brisa
da beira mar.

E andando mais um pouquinho
Chegamos à Praça Beira Rio
Tem água de coco, batata e parquinho
É o point do macapaense de segunda a domingo.

Fauna e flora encontramos no Bioparque
Aqui pedimos permissão para apreciar a criação
Não tem dinheiro que pague
A importância de termos um lugar de pura
preservação.

E se der praia, vá na praia da Fazendinha
Lugar de turismo, comida e gente bonita
Degustar o camarão com aquela farinha
Curtir aquele vento e agradecer toda essa
maravilha.

E em cada linha aqui escrita
Há uma gota de poema
Que ama, preserva e valoriza
Por ser macapaense da gema.

EXTREMO NORTE DO AMAPÁ

Deuzarina Alfaia

Oiapoque
Como fostes disputado
Hoje fazes parte do Estado
Tens fronteira internacional
Possuis a Ponte Binacional.

Fazes limite com a Guiana Francesa
És cheio de tanta beleza
Dizem que o Brasil começa aqui
Não tem como deslembrar de ti.

Dentre os teus tesouros
Há a extração de ouro
O Parque do Cabo Orange
A Serra do Tumucumaque
No município dão destaque
Aos teus encantos florestais
Tuas riquezas naturais.

Tens a Vila Velha, a Cachoeira Grande
O povo trabalhador que luta e é gigante
A Clevelândia do Norte, uma colônia militar
O Rio Cassiporé que embeleza este lugar.

Por sorte, estás no extremo Norte
Do Estado do Amapá
Onde podemos te contemplar.

EXUBERANTE MUNICÍPIO

Kelly Pureza

Carregas o nome do Estado
Amapá, lugar amado
Nome que originou-se do amapazeiro
Árvore de tronco volumoso
Onde escorre leite branco e viçoso
Fostes capital do Território Federal do Amapá
Histórias não faltam para contar.

Tens Cabralzinho como herói
Um povo forte que luta e constrói
Tens o museu aberto, a base aérea
Usada na segunda guerra mundial
O festival da gurijuba, do leite, do Cinema Nacional
A feira de agronegócios, agropecuária e pesca
Tuas majestosas e ricas florestas.

Ofereces banho de água cristalina
Eita paisagem divina
Não deixas a desejar
A quem vem te visitar
Exuberante município do Amapá.

FERREIRA GOMES

Angélica Machado

Ferreira Gomes
Lugar de alegria
Uma das maiores fontes de energia
Banhado pelo Rio Araguari
A Hidrelétrica Coaracy Nunes
Localiza-se aqui.

Seus lagos e rios
São propícios para banhos e pescas
Possui diversificadas florestas.

É conhecido pelo Carnaguari
Carnaval fora de época
Folia contagiante
Que atrai visitantes.

Tem peixes, frutas, o Festival do Caju
Mais um encanto da terra tucuju.

GÍRIA SINGULAR

Benedita Machado Pureza

Égua, Amapá
Parei pra ti
Mais lindo logo!
Tu não emprestas tua beleza, não?

Tua gíria singular
Torna mil grau este lugar
Fico charlando o dia inteiro
Com o açaí verdadeiro
Se o povo não gosta com mistura
Alvará eu!

Pequeno, vem timbora
Não seja gala seca,
Vem rapidola
Conhecer as belezas tucujus
Ver o nosso Rio porrudo
Ficar no meio do mundo

Não troco estes encantos
Nem com nojo
Aqui sigo com fé
Eita lugar só o filé!

HISTÓRIA CANTADA DE UMA MOÇA GUERREIRA

lasmin Oliveira do Carmo

Tez como a noite
Olhos cor de azeviche
Pés descalços ao chão
Vêm embalando uma canção
Canção de outrora e a que está porvir
Seu valor, não souberam medir
Beleza sem igual, encanto surreal
Roubaram a cor dos seus lábios
Não entenderam o seu significado
Mas então vem o vento
Embalando um tempo
Tempo
Em que seu nome será lembrado
Povos da terra escutarão
Aquele antiga canção
De desalento e solidão
Por outra será substituída
De refúgio e lágrimas de alegria
Entoando assim uma cantiga:
“Olhem: Aí vem, a nossa Esperança ao Amanhecer”
Forte guerreira dos cabelos ao vento vejo balançar

Vencestes a batalha
Fostes sustentada
Teu inimigo ao chão está
Agora podes contemplar
O amor reinando
Forte como a morte
E aquele coro que nunca esqueceste
Ecoará outra vez
“A minha Esperança há de jubilar”
Olhes para o alto
Podes enxergar
Ela a te esperar
Majestosa e coroada
A tua Esperança não foi abalada.

IDENTIDADE DA NATUREZA

Larissa da Silva Nascimento Siqueira

Mulher, guia da floresta
O sol resplandece a tua luz
Com o canto dos pássaros que te conduz.

Em dia chuvoso com a terra molhada
O cheiro das árvores junto com a da Mata
Menina mulher guerreira da alma.

Sua vontade violada, sua vida roubada
Mas nunca deixa de lutar por nada
A linda história possui marcas pesadas.

Destemida, sagaz, descendência feminina
No seu pulmão habita resistência e esperança
De uma coragem que carrega desde a infância.

Nas raízes do teu ventre eu encontro a tua força
Alma de borboleta que renasce a todo instante
Em todos os lugares és bem-vinda
Velejando em uma canoa, defendendo sua etnia.

Matoaka, Amonute, Pocahontas, mulher indígena
Sua cultura resplandece a sua essência;
Olhar de onça, coração de menina
Em seu DNA tem a marca da vida.

IGREJA DE SÃO JOSÉ

Elza Lopes de Oliveira

Mesmo vazia, silenciosa
É companheira
É ouvido para bons e maus
Momentos já vividos
É antro da fé de um povo amigo
De um povo sonhador
Que nela depositam palavras que indicam
Vitória, alegria, arrependimento e dor

Templo de gerações antigas
Onde nossa história continua
Dentre mestiçagens traçadas em nossas vidas
Diante um namoro ao luar
São José...
Não somente teu nome a igreja foi concebido
Pois também é nosso padroeiro querido.

INSTITUTO FEDERAL DO AMAPÁ

Benedita Machado Pureza

Dos encantos desse lugar
Tem-se o Instituto Federal do Amapá
O que se sonhou um dia
Educação, ciência e tecnologia
Tornou-se real
Marco fundamental
Na história de um Estado
Que só tem me conquistado.

Cada campi com a sua beleza
Imensurável riqueza
Macapá, Porto Grande, Laranjal do Jari
Santana, Oiapoque, Pedra Branca do Amapari
Municípios com unidade
De ensino gratuito e de qualidade
Superior, básica e profissional formação
São ofertadas à população.

Oportunidades de crescimento
Que geram desenvolvimento
No meio do mundo
O José e o Raimundo
Tem garantido acesso, permanência e êxito
A inclusão, assistência e o direito
Excelência da educação
O ensino, a pesquisa e a extensão
Podem sonhar e contribuir
Com a transformação do povo daqui.

JARIZÃO

Antonio da Luz Machado

Laranjal do Jari
Não há quem não se encante por ti
Fico abismada com a Cachoeira de Santo Antônio
Quedas d'água que impressionam
Produzes energia e contagia
Vale a pena conhecer
Beleza rara de se ver.

Tuas reservas extrativistas
Brilham aos olhos dos turistas
Oh Laranjal!
Recebestes influência do “Jari Florestal”
No Estado estás localizado ao Sul
Fazes parte da beleza Tucuju.

Tua gente querida
Tuas moradas, palafitas
Tens o festival da castanha-do-brasil
Só perde quem nunca te viu.

És o terceiro município mais populoso da região
Este é o Jarizão!

“LARANJAL DO JARI, DAREI MINHA VIDA AQUI”

Marcileide Pimenta de Freitas

Jari, meu rio amado
É também cidade linda
terra do meu agrado.
Em ti nasci, cresci, saí
De saudade não aguentei
Retornei
E aqui me firmarei.
Voltei por ti,
Por tua paisagem
Vim cantar tua beleza,
Teu cheiro, tuas águas, Jari.
Quem te conhece
Se encanta
Sente amor e acolhida
Nos teus rios e igarapés
Balneários e palafitas
Tua linda cachoeira
É a mais preterida
Que linda cidade, tu és!
Com tuas praças e vias estruturadas
Teu povo feliz te elegeu
O coração do Vale do Jari
Nas conversas de calçadas
Escolhi a ti
Aqui sempre vou morar,
Meu Jari,
Meu Laranjal,
Meu rio das castanhas
Darei minha vida aqui,
Te amo Jari!

LAUANY

Jhuliano Oliveira dos Santos

Às margens do Araguari
Lauany vem se apresentar
Emerge, então, dali
A linda índia a admirar

“Forte e poderosa”
Assim hão de chamar
Essa pedra preciosa
Que só aqui é possível achar

Ela é forte por natureza
De família vem seu poder
De seu pai herdou a nobreza
Em seu nascimento, ao belo alvorecer

Lauany é poderosa
De sua mãe herdou a coragem
Índia valente e formosa
A que deu nome à sua linhagem

Perspícaz como um gavião
Lauany faz jus ao nome
Na busca por romper a tradição
Até hoje dominada pelo homem

Em seu sangue corre a valentia
E em seus olhos é possível ver
Refletidos os sonhos da jovem índia
Que ser nenhum é capaz de deter.

LUGAR BACANA

Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires

Santana
Que lugar bacana!
Nele tem o Porto fluvial
A movimentação de mercadoria
Como finalidade original
Pela sua privilegiada posição
Tornou-se importante rota de navegação.

A Cachoeira do Engenho, da Batinga,
De Cima, de Bela Vista
A todos conquista
Segundo maior município do Amapá
É fácil de localizar.

No distrito da ilha
É possível realizar trilha
A economia é influenciada pelo minério
Possui encanto e mistério.

Tem a Praça Cívica, o Recanto da Aldeia
Carrega o nome da Padroeira.

O Paraíso encontra-se aqui
Seu povo segue sempre a sorrir.

LUNA

Midiam de Oliveira França

Enquanto a lua passeia pelo céu...
Rolo na cama desejando teu abraço;
Ouço o movimento dos ébrios, dos boêmios em sua vã felicidade...
Temporária talvez, temporã...
Sonho acordada, fantasiando com as sombras na parede,
Olho o celular na esperança que ele me traga apenas uma esperança,
Mas a verdade é que tudo está mudo, silencioso, quieto,
e todo o barulho, inquietação, que tanto não me deixa dormir, está aqui
dentro, no profundo,
no pensamento,
que também não está aqui, mas que te persegue como uma sombra
que a luz reflete.
Enquanto isso, a lua passeia pelo céu.
Cruza o Marco zero, forma a linha do equador, e vai banhar o Rio.
Enquanto isso, meu coração não bate, batuca, ao som do Marabaixo.
Enquanto a lua brilha no céu e eu vivo em Macapá.

MACAPÁ

Elza Lopes de Oliveira

Amazonas...
Sombras de diversas árvores
Leito barrento e sinistro
Que esconde 1001 prazeres
No meio das mais belas flores

Boto...
Ele vem todo faceiro
De onde? Ninguém sabe!
Vem se chegando primeiro
E engana a moça que nada sabe

Marabaixo...
A roda está feita
Com o saião rodado
Começa a dança bem-feita
Onde ninguém fica calado

Povo...
Batuque até alta madrugada
Com muita bebida e alegria
Se torna uma festa bem levada
De gente cheia de magia

...rio de encanto incomparável, porém inconfiável.
...homem galante que te engana num instante.
...com um pé à frente ela se torna diferente.
...sempre companheiro não se leva por dinheiro.

MACAPÁ

Arlison Viana de Souza

Aqui o sol brilha mais intenso.
Aqui os pássaros vivem a cantar.
Tuas noites inspiram os amores...
Harmoniza-te com os tambores.
Vista linda tens ao mar!

Seguindo o Batuque das caixas,
a roda de Marabaixo a deslumbrar.
Cantam-te em verso e prosa...
És bela, és formosa.
Sempre irei te exaltar!

Tua cultura é tua riqueza.
Fauna e flora tens a esbanjar.
No ponto “Marco Zero”,
os turistas esperam
o equinócio contemplar!

Lindos lugares tens:
Fazendinha, Curiau e Quebra Mar.
Teu povo caminha no Círio com fé...
Ainda tens a proteção de São José,
Que abençoa o barco a navegar!

Sempre protegida foste,
Pois tens a Fortaleza a te guardar.
Quem já foi, contigo sonha...
” És a joia da Amazônia”.
Minha querida Macapá!

MEMÓRIAS

Bruna da Silva Alves


Lembro que quando criança, de manhã ao acordar,
ainda deitada em minha rede, ouvia os passarinhos assobiar,
ouvia as panelas batendo e minha mãe a cantar.
Lembro do cheiro do café, cedo da manhã pela casa se espalhar,
logo já era a hora merenda dos homens, que iam pra mata caçar,
geralmente era o que sobrava do jantar.

Lembro do canteiro que tinha perto do girau,
lá eram plantadas verduras e os temperos para a comida temperar.
Chicória, cheiro-verde, cebola e pimentinha.
Lembro do cheiro do vapor, saindo da panela quentinha,
e do fogo queimando a lenha lentamente,
daquela brasa vermelha que ajudava a alimentar a gente.

Lembro que das mãos e da boca que ficavam pretos
de tanto açai amassar e de caroços roer,
via aquele líquido negro, a nossa mesa fartar,
era a base do nosso alimento na hora de comer.

Lembro que depois de almoçar,
toda a molecada corria, era a hora de brincar,
um atrás do outro que da ponte pularia,
ganha quem mais longe boiar.
Lembro de minha mãe gritando:
“Menina, deixa a comida sentar”.

Lembro da praia que surgia no rio em lugares diferentes,
Daquele tapete de água infinita e da bagunça da gente.
E de todo mundo entrando ao entardecer,
com medo, porque já era a hora do boto aparecer.



Lembro de todo mundo sentado à beira da ponte,
sob as estrelas do céu, que refletiam no rio até o horizonte.
Lembro que enquanto os mais velhos falavam,
as crianças apenas escutavam,
e das mais tenebrosas histórias que nos contavam.

Do boto, que desafiado por meu avô,
na rede com ele deitou.
E as pessoas de canoa que ao longo do rio vinham,
mas nunca chegavam e nem passavam, simplesmente sumiam,
“visagem”, era o nome que elas tinham.
E quando o momento se encerrava,
todos deitavam em suas redes e dormiam.

Lembro da luz das velas ao me acordar,
quando de madrugada os homens saiam para lanterna,
era o melhor horário que tinha para caçar.
Lembro também da mãe saindo cedo,
a canoa era o transporte, para o matapi despescar,
era camarão que seria feito para o jantar.

Essas são memórias da minha infância,
Apenas coisa de criança.
Mas que nunca sairão da minha lembrança.

MEU LAR

Adriana de Melo Andrade

Quando vim de minha terra, não imaginava encontrar
Um lugar encantador e tranquilo de morar.
Pelo estado me apaixonei e não consegui mais voltar,
E desde então o Amapá é o que chamo de meu lar.

Aqui tem gente do Sul e quem vem lá do Nordeste,
Tem caboclo, tem galego e também cabra da peste.
Essa terra tem encantos que não existe no Sudeste,
E a cultura cativou até o povo do Centro-oeste.

Não importa de onde venha, quem aqui chega, não quer mais voltar.
Das riquezas desse lugar é difícil desapegar.
E depois de 20 anos, continuo a me encantar,
Com a terra e com o povo do estado do Amapá.

Não me sinto imigrante, pois aqui fui acolhida.
Vim em busca de saúde e encontrei uma nova vida.
Cheia de oportunidades, e de boas energias.
Tenho data de chegada, mas não tenho de partida.

MEU RIO AMAZONAS

Margarida de Cassia Queiroz Fernandes

As mulheres da luta
Da labuta
As mulheres do Norte
Tão fortes
As mulheres meninas
Tão lindas
Ser mulher é símbolo de fortaleza
Carregamos tamanha destreza
As dificuldades da vida
Sempre tiramos de letra
Dentre açais e camarões
Lembro de todas as mães
Das abdicações da vida
Para ter como recompensa
A felicidade de um filho
Ao ouvir a marcha do Pinduca
A sensação de dever cumprido

Ser mulher é sorte?
Com as dores,
Abusos,
E desmerecimentos?
Muitos diriam que não,
Mas eu acredito que sim
Somos vida
Somos parte
Pedimos respeito
Pedimos passagem
Somos símbolo de luta
Por liberdade e por igualdade
Para mim, é uma honra e prazer
Lutar ao lado de vocês
Minhas mulheres meninas
Gigantes como o Rio Amazonas.

MINHA TERRA

Arilson Viana de Souza

Axé, terra bendita!
Terra de encantos e natureza viril.
Tua cultura é de beleza infinita,
Jamais vista em outro lugar do Brasil!

Terra de lendas, batuques e encantos,
Onde o Brilho de Fogo reluz e leva o povo a marabaixar.
Terra abençoada pelo Santo,
Que imponente tudo vê nas redondezas do Quebra Mar!

Terra da lagoa dos Índios, da Fortaleza e do Quilombo do Curiaú.
Terra do Equinócio, da fazendinha e das Louceiras do Maruanum.

Terra de Mestre Sacaca, de Mãe Luzia e Carlitão.
Terra de tia Chiquinha, Walkiria Lima e Mestre Pavão.

Terra de amor e esperança!
Terra de açaí e mucajá!
Terra de boa vizinhança!
Minha amada terra, Macapá!

MINHA TERRA TUCUJU: UM ENCANTO NO MEIO DO MUNDO

Ivaldo Da Silva Sousa

Com meu jamaxi nas costas
Calafetei meu bote, peguei meu remo
E por entre as flores dos mururés
Coletei na Amazônia, sonhos e versos.
Minha terra tucuju, minha bela Macapá.
Aqui encontro os encantos do meio do mundo.
Caminhei e caminho por entre as palavras
Desviando-me das árvores de letras de espinho,
A Amazônia é minha casa, a vida levo de boa
Aqui, canto e me encanto,
Meu olho d'água já brota gotas cristalinas
Meu braço preferido é o braço do igarapé
Que me leva até você: minha bela Macapá
O gosto de teu beija flor me encanta
Meu bem-querer, bem te vi cantando ali,
Traz na boca do Jari, a beleza quando te vi
Espremendo tipiti, sentada na escada-de-jabuti
Trago boas lembranças em meu jamaxi,
Junto levo também açaí e na salmoura matupiri.
Viajo pela Amazônia em busca de ti.
Matinta pereira já passou por aqui.
Vêm! tem tabaco amanhã pra ti,
Mas quando a rasga mortalha canta,
Eu desconjuro e corro,
Tomo banho de pião roxo,
Atravesso a pororoca até em cima da folha
da sororoca.
Tomei o banho do tamaquaré
Aqui na boca do igarapé.
Deus me acuda com meu pé de arruda,

Agora chora nos meus pés!
Faz querer quem não me quer!
Amansa leão,
Vem para meu coração,

Chega-te a mim! Agarradinho.
pega e não me larga,
Corre atrás de mim, busca longe,
chama e abre meu caminho
Com a espada de São Jorge.
Nestas densas curvas dos braços dos igarapés
Vem me beiju com café
Que já passou o puraqué,
Vem me mostra teu corpo,
Teu pé de canela,
Teu olho d'água,
Tua boca do Jari,
Só não te quero com barriga d'água,
traz minha gengibirra,
Que hoje estou de birra!
Já tem sarapó e jacundá, vem logo pra cá!
Daqui já vejo a boca, a boca da noite,
Pega a lenha, faz o fogo, atíça, atíça
Aquece o couro, que a festa na floresta vai começar
Com batuque e marabaixo, nós,
negros, brancos e índios iremos festejar
Pela felicidade, que esta vida nos fez chegar,
Nada de tristeza, nossa liberdade, nossa beleza
Aqui na Amazônia acabou de chegar
Em minha terra Tucuju: a bela Macapá!

MINHAS ORIGENS

Fabricao de Souza dos Santos

Eu jamais posso esquecer das minhas origens
O lugar de onde venho é simples,
Mas todos nós somos muito felizes.

O meu povo é guerreiro, sempre lutou pela vida.
Lutou com muita vontade
Lutou pela liberdade
E conseguiu se encaixar na sociedade.

Quilombola eu sou e tenho orgulho de ser
Minha cultura não pode morrer
Quilombola eu sou e tenho orgulho de ser
Minha cultura não pode morrer.

Desde o princípio sempre foi tudo doloroso
Mas graças a Deus o meu povo é vitorioso
Nunca se entregou na luta pela liberdade
Por isso hoje somos marcas na sociedade.

Nossa origem é AFRO, AFRO e BRASILEIRA
Nome dado para toda essa gente guerreira
Que está presente com toda a sua essência
Porque nós somos filhos de uma só descendência
(DEUS).

Quilombola eu sou e tenho orgulho de ser
Minha cultura não pode morrer
Quilombola eu sou e tenho orgulho de ser
Minha cultura não pode morrer.

Não pode morrer e nem deixar de existir
Porque é tudo muito lindo o que temos aqui
Toda essa cultura nós temos de preservar
E minha vida darei para isto se perpetuar.

Quilombola eu sou e tenho orgulho de ser
Minha cultura não pode morrer
Quilombola eu sou e tenho orgulho de ser
Minha cultura não pode morrer.

MOTIVO

Stephane Mayara Melo Nunes

Nas lendas e História
Vislumbro a grandeza
De mulheres valentes
E de sua nobreza.

Toma o peito, um aperto
Tenta a mente de jeito
Abre espaço ao anseio
De alcançar algo mais

Da terra, o que sou
senão mais de muitos?
De tantos, buscando
Os mesmos ideais.

Busco o inalcançável com afinco
Repito os passos de Naiá
Namoro o passado como à Jaci
Almejo o futuro, como Matoaka

Da terra, o abrigo
O exemplo, a herança
Sou quem faz minha sorte
Sou mulher, sou do Norte.

MULHER GUERREIRA

Josilene Barbosa de Souza

Nascida na floresta
Onde é bom acordar
Admirando tanta beleza
Que é difícil de acreditar
Mulher guerreira
Compreendeu que a cultura é um rio
Corre manso para os braços do mar
Assim não existem fronteiras
Para aprender a lutar
Seu povo encantado
Porque sabe que vai ajudar
Com sua força e coragem
Por eles irá lutar
Lutar
Por respeito e preservação
Tendo orgulho de sua identidade
Pois merece consideração
Por lutar pela igualdade
Mulher guerreira que luta por sua terra
Porque ela lhe pertence
Ela é mãe
E faz feliz muita gente.

MUSA DO MEIO DO MUNDO

Aldenice Contente Dias

Quem não te conhece, não imagina
Os teus encantos naturais
Que conquista desde o início
E não esquece, jamais.
Ao chegar na Beira Rio
O vento vem te saudar
E dança com o teu cabelo
Sem querer parar de bailar.
Tua floresta tem formosas palmeiras
Dentre elas, a bacabeira
Que enfeitam o Teatro das Bacabeiras.
Musa do meio do mundo
És banhada pelo Rio Amazonas
Que contempla a tua beleza
E se rende com sua riqueza.
A Fortaleza de São José
Patrimônio histórico e cultural
Com sua beleza e encantos
Recebe pessoas de vários cantos.
Macapá,
Terra de povo trabalhador
Acolhedor,
E que não desiste na dor.

És privilegiada por ficar no meio do mundo
No Marco Zero do Equador
Lugar que se pisa nos dois hemisférios
E podes conquistar um amor.
Na praça do Barão
Passeie com emoção
Você pode ser conquistada
E até morrer de paixão.

NATURAIS BELEZAS

Angélica Machado

Pracuúba
Pequeno em população
Mas conquista o coração
Com suas naturais belezas
Seus encantos e riquezas.

É marcado pela pecuária e pesca artesanal
De espécies como o pirarucu, trairão e tucunaré
Aqui o povo segue com fé
E não perde as estribelas
Possui a extração e beneficiamento de madeiras.

Dizem que Deus ajuda
Quem cedo madruga
E habita em Pracuúba.

NATUREZA AMAZONA

Alessandra Tolosa Guedes Neves

Minha bela Flor que do campo colhida,
Teu cheiro exala a milhas distantes.
Teu corpo formoso, moreno avisto,
Comparo a rígida Fortaleza;
Que guarda a história
De um povo e sua crença.

Minha Deusa Amazônica
Tua força vem da Mãe Natureza;
Amazona Guerreira,
Teu poder emana da correnteza
Dos teus rios, e cachoeiras,
Que banham teu fruto.

És Negra Ameríndia,
És Nativa e pioneira,
És Pátria Fértil,
Em teu solo tropical;
Onde nascem e crescem teus filhos,
Com suor do trabalho de suas mãos.
No teu quebra-mar,
Encontro o doce balançar
Que vem do nosso amor,
Não importa de onde surjo,
Solimões e Rio Negro,
Se cruzam para além das fronteiras.

NATUREZA ENCANTADA

Augusto Cezar Lima Queiroz

Na ponte, a estrutura de madeira reclama conserto
O lago, logo abaixo, mostra sua coloração negra
Mil garrafas “PET” sob a água para mil anos de existência
Emaranhado de cabos elétricos para captar qualquer energia.

Passos apressados sobre as pênseis tábuas
Coturnos reforçados banhados de lama
À caça de um fantasma marginal
Inimigo número um da sociedade.

À frente, gritos, tiros, “choro e ranger de dentes”
Mais um corpo esquelético tomba
“Que vitória a nossa!”
O sangue pode gotejar do assoalho para a água agora...

E testemunhando tudo isso
A impávida e exuberante natureza
Encantada e bela
Permanente no lugar onde nascera.

Áreas úmidas oriundas das nossas magníficas bacias hidrográficas
Habitat de inúmeras espécies de peixes
Leito do mururé literário, musical e medicinal
Equilíbrio natural do quente clima nortista.

Agredida e devassada ao longo do tempo
Desrespeitada por quem de direita ou de esquerda
Esta mesma natureza só serve hoje a um propósito:
Tablado para o grande espetáculo de nossa miséria e tristeza...

O “TREM-BALA” DO AMAPÁ

Augusto Cezar Lima Queiroz

Duas linhas brilhantes
Cortando a mata
Por quase duzentos quilômetros
Em direção ao verde serrano.

A missão era nobre
Com a força de seu aço
Transportar o minério de ferro
Para o progresso da nação.

Símbolo de uma época de prosperidade
A serpente de metal
Fez história
Descendo da mina para o porto.

Por muitos anos e até hoje
Na memória vívida de seus passageiros e dos amapaenses
O nosso “trem-bala” faz morada
Pelas inúmeras vezes que fez seu apito ecoar.

Mas hoje, desativada
Fruto de um bombardeio de irresponsabilidades
Padece com seus ferros retorcidos
Engolidos pelo mesmo verde que antes rompera.

Distante muitas léguas
Em nossa lembrança
A menos de um metro
Das famílias que agora moram às suas margens.

O BARULHO DO BARCO CONSOLA MEU CORAÇÃO

Wanderlene Cardoso Borges

O barulho do barco consola meu coração,
Deixa minha alma feliz.


Não vejo o mar, mas posso imaginar.
Aprendi que, como está o céu assim está o mar.

Meu coração sente um aconchego,
Quando escuto o barulho do barco,
Ter um coração com o dever cumprido,
Contagia os que estão de lado.

Ser uma boa filha, ser grato faz com que você veja o mundo colorido.
Não é a tecnologia que te deixa feliz,
É o teu espírito animador de eterno aprendiz,
Senti a palavra extraordinário,
Saber que não estou no mundo contrário.

Precisava olhar para você,
Remo que atrai meu olhar,
Casco que anda no rio,
Ter um rapaz para remar.

Catraio que traz pureza,
Catraio que consola meu coração;
No meio da natureza,
Bioparque é mais que beleza,
Mas meu coração bate pela casa do artesão.



Um bule, que foi tão trabalhador,
Hoje está no Sacaca contando histórias,
Sobre as famílias que tem amor,
É um lar de vencedor.

Queria entender por que motivo um barulho de barco, refrigera minha alma,
Se não puder andar com você,
Que outro motivo terei pra viver,
Ouvir seu som, já me deixa feliz o dia inteiro,
Como um remo novo que fez o carpinteiro,

Lembrando aqui que,
Sempre lindo é um barco no porto,
Bem mais feliz que um aeroporto,
Porém agora com essa distância,
Só ficou o barulho do barco,
Lembrando da inesquecível infância.

O JEITO TUCUJU DE ALFABETIZAR

Geovana de Moraes da Silva

Tem descobertas que são essenciais
Na infância precisam de estímulos
A leitura é um dos momentos cruciais
Que os pais incentivam os primeiros caminhos.

Chegou o momento de ir para a escola
Os professores acolhem com muito carinho
A leitura é ensinada por meio de novas propostas
Onde os protagonistas são os pequeninos.

O poema da leitura para a criança
Tem o poder da afetividade
Apresenta um mundo colorido
Da mais completa amabilidade.

A leitura da criança do Amapá
Nos leva a conhecer vários personagens
Tem nas suas linhas a responsabilidade
De descrever sua própria linguagem.

E a leitura vai fluindo
Com tanta naturalidade
E o conhecimento vai se construindo
A criança agora é alfabética de verdade.
E esse modo tucuju de educar
Pautados nas habilidades e competências
Regido hoje pela BNCC e o RCA
Atingiremos o objetivo de alfabetizar.

E assim quem não se emociona
Escrevendo um poema infantil
Deixando mais um inédito registro
Que temos mais crianças alfabetizadas pelo Brasil.

PARA ONDE VOCÊ DESEJA IR?

Ataiane Lima do Carmo

Para onde você deseja ir?
Deseja conhecer o mundo?
Deseja ver o que tem além do muro?
Ou na esquina que fica logo ali?

Para onde você deseja ir?
Deseja viajar pela sua janela?
Velejar pelas suas novelas?
Ou na história que acabou de ouvir?

Para onde você deseja ir?
Deseja mergulhar em suas telas?
Descansar sobre novas eras?
Ou simplesmente despertar para seguir?

Que seja por terra ou por rio, que seja uma viagem única que só você viu.

O QUE ANIMA MEU CORAÇÃO?

Wanderlene Cardoso Borges

O que anima meu coração?
O que ajuda a eu não desmoronar naquele momento?
Os açazeiros balançados pelo vento,
Acho um luxo as pessoas dominarem suas emoções,
Pensei que só existissem dores de paixões.

Uma vara sozinha, seca e abandonada,
Juntou-se com outras quatro,
Agora aguentam qualquer porrada.

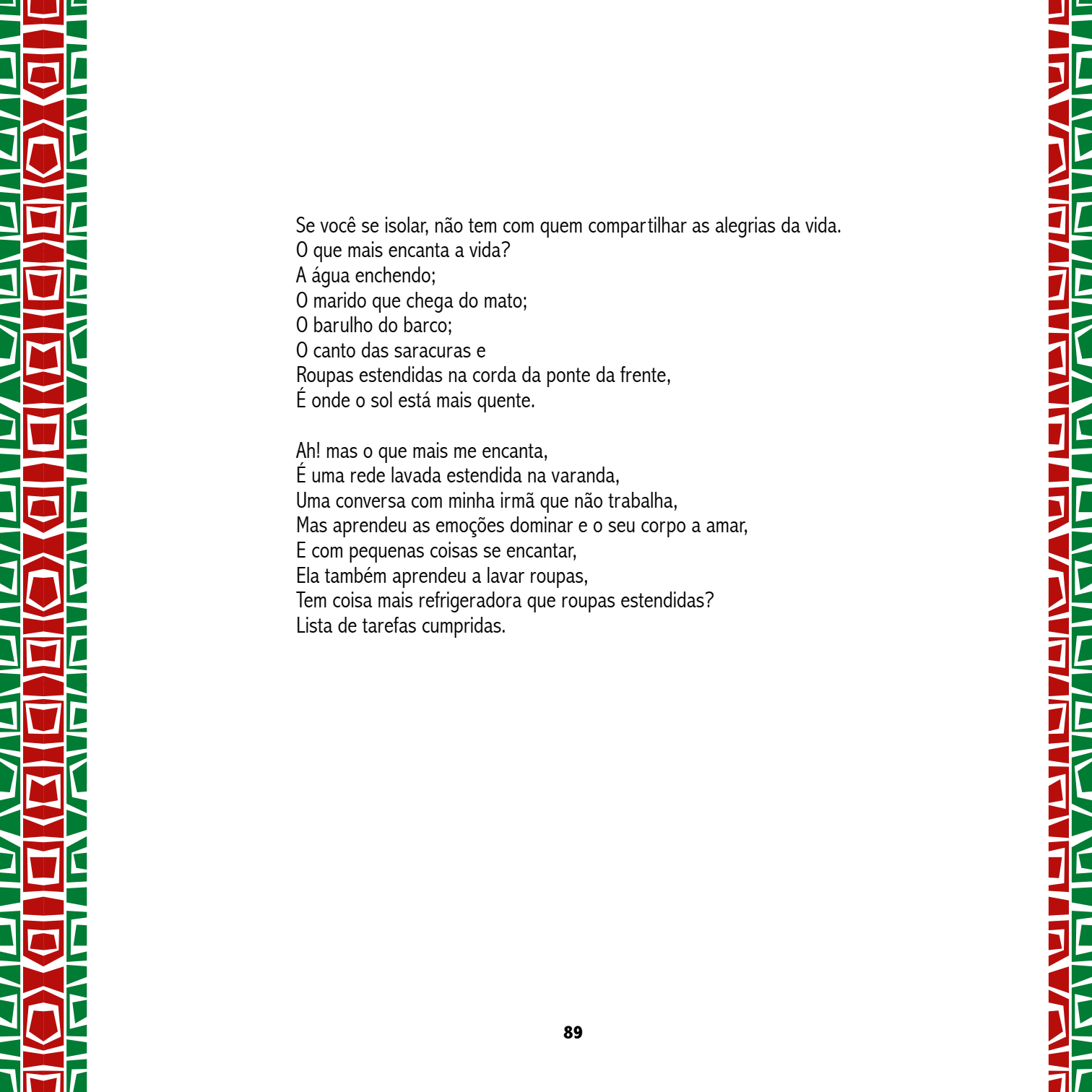
No meio do caos, criei um remédio para tomar naquele momento;

O que anima o meu coração sofredor?
Um café novo, a imensidão de mar;
Um barco que navega com a tranquilidade de ter onde chegar.
Como cultiva a felicidade? Em meio às armadilhas e fatalidade da vida.
Um brega antigo acalma meu coração “meu bem não demore, não vou resistir sem o teu amor [...]”.

O vento nos açazeiros, as flores que caem primeiro que o fofóio de açai,
Anunciando que daqui a seis meses um cacho preto estará ali,
É quando chega a safra do açai,
Onde as meninas do interior vão pra Santana,

Tem onça no bolso para comprar tudo que está por ali.

Tudo melhora e neste exato momento que,
Não sentimos que a felicidade está morando nos açazeiros, os cachos estão,
A metade preta e a outra “aparaú”
Tudo esperando o natal.



Se você se isolar, não tem com quem compartilhar as alegrias da vida.
O que mais encanta a vida?
A água enchendo;
O marido que chega do mato;
O barulho do barco;
O canto das saracuras e
Roupas estendidas na corda da ponte da frente,
É onde o sol está mais quente.

Ah! mas o que mais me encanta,
É uma rede lavada estendida na varanda,
Uma conversa com minha irmã que não trabalha,
Mas aprendeu as emoções dominar e o seu corpo a amar,
E com pequenas coisas se encantar,
Ela também aprendeu a lavar roupas,
Tem coisa mais refrigeradora que roupas estendidas?
Lista de tarefas cumpridas.

PEDRA BRANCA DO AMAPARI

Kelly Pureza

Teus encantos vimos surgir
Pedra Branca do Amapari.

Tuas origens estão ligadas à exploração de minério de ferro e ouro
Há variadas cachoeiras, beleza rara e tesouro
Já fostes chamado de “Eldorado” do Amapá
Por riquezas existentes no lugar.

A Serra do Tumucumaque, tua fauna, floresta, o povo combatente
Tuas culturas alimentares sustentam tanta gente.

Comunidades indígenas aqui estão presentes
O amor por ti, não se explica, se sente
Trazes paz, calma, tranquilidade
És marcado de singularidade
Tua hospitalidade não se encontra por aí
Prazer em conhecer-te, Pedra Branca do Amapari!

PENÉLOPE (haikai)

Ademir Pedrosa Araujo

De dia, com a linha
do Equador tecia; à noite,
ela desfazia.

PORTO GRANDE

Ataiane Lima do Carmo

Eu não sei se é o céu azul daqui que seduz,
Ou as pessoas que nelas se fazem luz.
Se é o canto dos pássaros que por aqui está,
Ou o mergulho nas águas do rio que não mais está.

Como em qualquer lugar,
Há muito o que melhorar,
Mas sempre haverá algo de bom,
Na morada dos eucaliptos para encontrar,
Como olhar a beleza deste lugar.

Mas nada é tão bom,
Como a beleza e aconchego do nosso lar.
Lugar que me faz forte,
Lugar que me faz raiz,
Dessa terra que me faz tão feliz.

PRANTO

Ana Lucia Carvalho Anspach

Na noite em que lemanjá chorou
Todo o povo se assustou com seu pranto.
A água que caía do céu se
Juntou a do Rio Amazonas
E foi tanta que
Lavou o sangue das calçadas
E o caminho marcado
Por pedrinhas cintilantes.
Tão sofrido pranto
Se espalhou pelas raízes das árvores
E fez surgir grandes ondas
No braço do Rio-Mar.
Nem a música ou a poesia
Foram suficientes para aplacar sua dor.
Água que afoga.
Mar de solidão.
Na noite em que lemanjá chorou
Fiz dos braços uma rede
E pesquei teu olhar perdido.
O teu barco agora vazio
Já pertence à dona das águas.
E o teu amor
Também já tem paradeiro.

PRECE

Raisa Ribeiro De Souza

Março
peço sua licença,
peço sua bênção,
e insisto em uma reza,
não tem presságio
nem Castorina
Tem a Matriz
os anjos, as vozes e uma multidão
tem fitinha, tem promessa
tem a chuva pra acompanhar a prece
que dá paz aos homens de boa vontade
livra dos encantados
das enchentes
desde agora e até o próximo inverno.
E vem
bem fininha, em toró, tromba d'água
abençoa meu Senhor
da ilharga, de largura todos os lugares com muita chuva
próspera
abençoa
de agora até o próximo inverno.

QUERIDO AMAPÁ

Antonio da Luz Machado

Oh meu Amapá, o coração por ti bate forte
Estado tão querido da região Norte
Os olhos brilham com tanta beleza natural
Teus encantos para mim são sem igual
Os monumentos, a Fortaleza, o povo trabalhador
Fazem este lugar ser cheio de esplendor.

Tuas riquezas, tua gente, tua história
Há tantos registros em minha memória.

Pretos, brancos e índios somos frutos dessa mistura
Música, dança e arte, como é linda tua cultura
Quero me banhar em teus rios, me aquecer em teu calor
Tens a única capital cortada pela linha do Equador
Terra que me atrai, chão que me sustenta
Açaí, peixe, camarão é o que me alimenta.

Sou da nação tucuju, não tenho vergonha de dizer
Meu querido Amapá, meu jeito de ser e viver!

PRESENTE DO RIO

Marcos Antonio Ferreira Alves

Galgou serenamente a margem do rio
A música serena como as águas que ali correm
Sua tez morena, reluzindo como gotas de orvalho
Os olhos carregados de segredos invioláveis

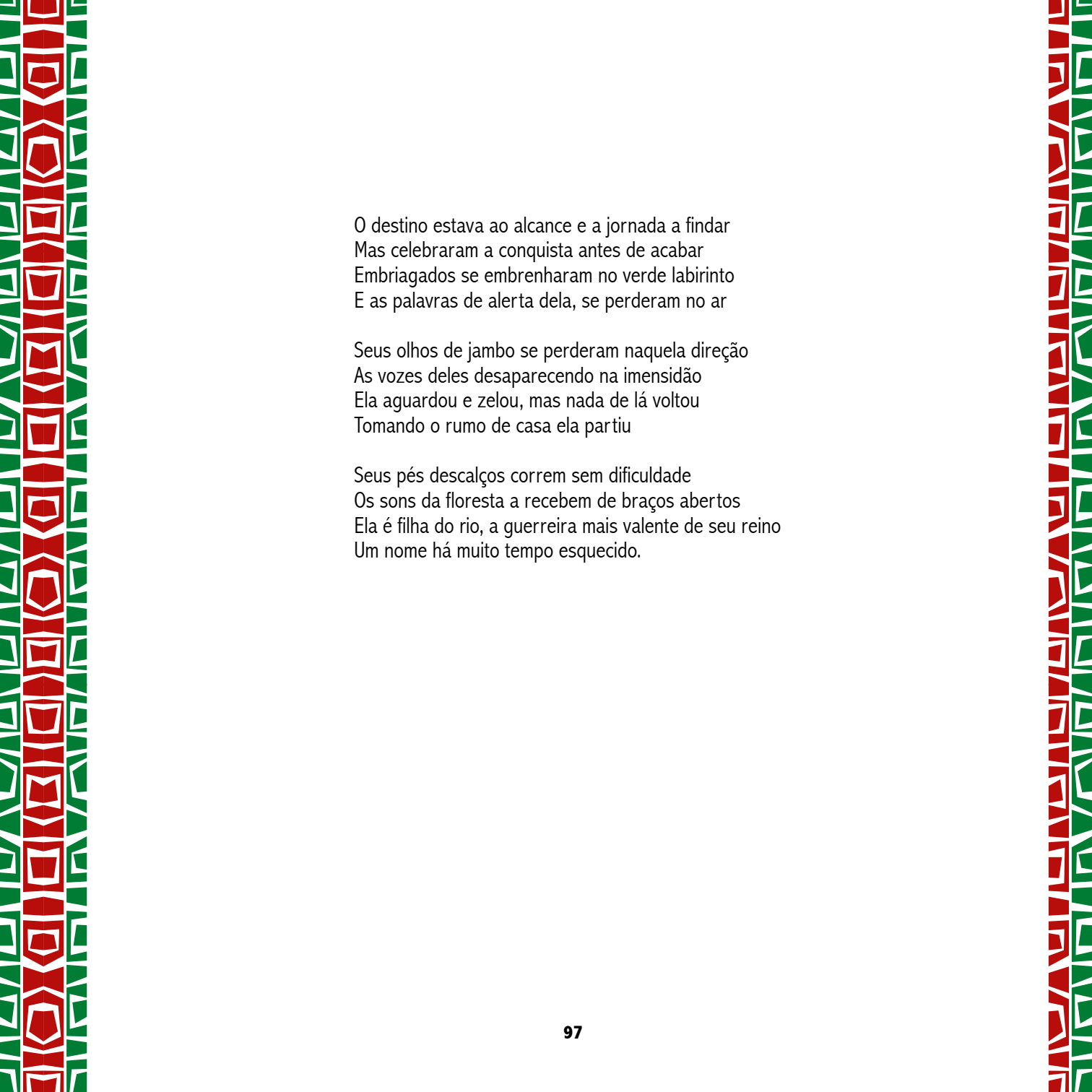
Apresentou-se a eles, como a filha do rio
A guerreira mais valente e temida do seu reino
Seus cabelos negros como piche, são fogo vivo
Destinada a ser a maior e mais duradoura

Inveja corria naqueles olhos de conquistadores
Apenas viam sua beleza física e seus encantos
Acostumados a tomar sem nunca pedir
Os colonizadores sabiam que ali cravariam sua bandeira

Calma e paciente ela assistiu, observou
As vozes deles eram enigmas que ela não decifrava
Mas ela sabia, sua alma sentia
Era chegado o momento de agir

Buscou no leito do rio a pedra mais bela e preciosa
Aos olhos dele, diamante, aos dela apenas, apenas...
O regozijo foi imenso diante de tal visão
O tão aguardo tesouro prometido

Ela os conduziu em direção a sua busca
Mostrou a trilha perdida, a direção proibida
Cearam com a lua, e acordaram na pororoca
O azul cantor estava em alerta, era chegada a hora



O destino estava ao alcance e a jornada a findar
Mas celebraram a conquista antes de acabar
Embragados se embrenharam no verde labirinto
E as palavras de alerta dela, se perderam no ar

Seus olhos de jambo se perderam naquela direção
As vozes deles desaparecendo na imensidão
Ela aguardou e zelou, mas nada de lá voltou
Tomando o rumo de casa ela partiu

Seus pés descalços correm sem dificuldade
Os sons da floresta a recebem de braços abertos
Ela é filha do rio, a guerreira mais valente de seu reino
Um nome há muito tempo esquecido.

REMINISCÊNCIAS ANCESTRAIS

Thor do Nascimento Martins

Pela sua ingenuidade, foram enganados
Pela sua pureza, foram traídos
Pela ganância colonizadora foram levados
Pelas costas foram atingidos

Seu orgulho e graça lhes foram roubados
Sua cultura fora ignorada
Seus templos, violados
Sua fé, arrancada e escoraçada

Olhando para o céu
Lutavam com esperança
Na boca, apenas o gosto amargo do féu

Tentaram apagar com ganância
Mas são lembrados pela honra
Não importa a distância.

SAUDADE DO LAR

Ana Eloise Ferro Nery

Nas tuas águas quero nadar
No seu verde me embrenhar
Respirar os aromas que só lá tem
Os sabores únicos que há muito não provo
Quero ver de novo a majestade serpenteante
Descansar embalada no sono tranquilo
A rede a balançar preguiçosamente
Minha alma anseia seu abraço aconchegante
Meus olhos chegam a molhar
Quando venho a recordar, de como parti
Mas o que me alenta é a certeza
De que um dia irei voltar
Seja nesta, ou noutra vida
Um dia irei voltar
Para o lugar que um dia
Chamei de Lar.

SAGA MACAPAENSE

Jadson Luís Rebelo Porto

Chegaram em terras que não se conhecia
Era um grande negócio que ali nascia
Foi dado um nome às terras, que se chamaria
Adelantado de Nueva Andaluzia.

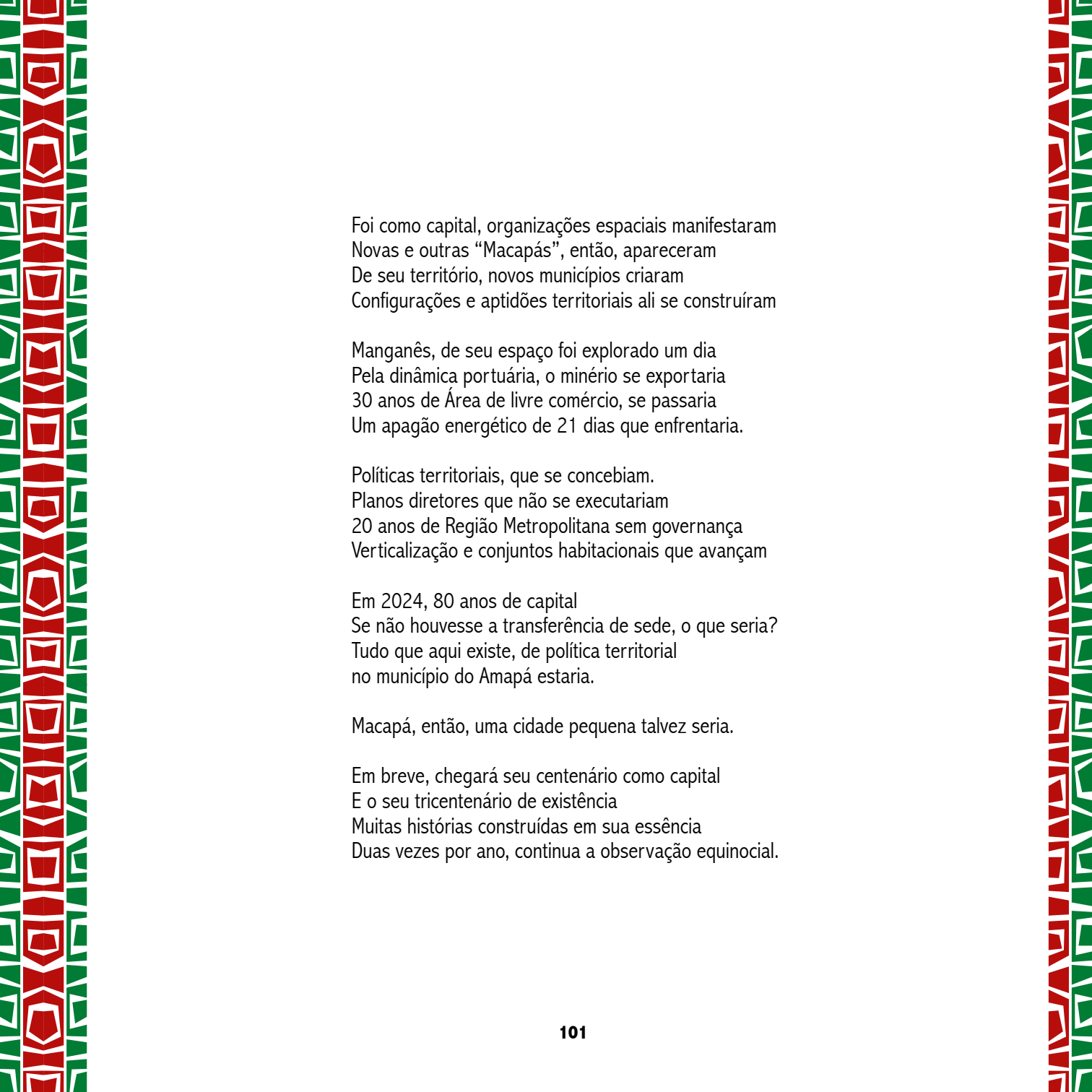
Já foi chamada de capitania
Cabo Norte, Bento Maciel receberia
O Rei português lhe concedia
Por serviços prestados, ganharia.

Uma vila, Macapá se denominaria
Uma fortaleza ali se construiria
E foi indicada para ser capital de duas províncias
A de Oiapóquia e a de Pinzonía

300 anos se passaram
Muitas histórias se registraram
O Território Federal do Amapá, ali nascia
Mas como capital, Macapá não seria.

A cidade do Amapá, como capital se escolheria
Base aérea americana lá estaria
Janary Nunes a tudo mudaria
Transferindo para Macapá, a nova primazia.

De ocupação em ocupação, vivificaria
De intenções em intenções, vitalizaria
Na busca de novas economias
Intenções de desenvolvimento se buscaria.



Foi como capital, organizações espaciais manifestaram
Novas e outras “Macapás”, então, apareceram
De seu território, novos municípios criaram
Configurações e aptidões territoriais ali se construíram

Manganês, de seu espaço foi explorado um dia
Pela dinâmica portuária, o minério se exportaria
30 anos de Área de livre comércio, se passaria
Um apagão energético de 21 dias que enfrentaria.

Políticas territoriais, que se concebiam.
Planos diretores que não se executariam
20 anos de Região Metropolitana sem governança
Verticalização e conjuntos habitacionais que avançam

Em 2024, 80 anos de capital
Se não houvesse a transferência de sede, o que seria?
Tudo que aqui existe, de política territorial
no município do Amapá estaria.

Macapá, então, uma cidade pequena talvez seria.

Em breve, chegará seu centenário como capital
E o seu tricentenário de existência
Muitas histórias construídas em sua essência
Duas vezes por ano, continua a observação equinocial.

SERRA DO NAVIO, REGIÃO NORTE DO BRASIL

Augusto Cezar Lima Queiroz

Outrora mata virgem,
Recanto do beija-flor-brilho-de-fogo,
Da onça-pintada,
Do sapo colorido,
E da cobra-coral.

Na virada “cinquentista”,
A febre do “ouro negro”,
O brilho do manganês,
O projeto mirabolante arquitetônico,
A mata singrada.

Apogeu político e econômico,
Felicidade geral da nação,
Quanta alegria dos “filhos da Serra”
Naquele modo de vida fantástico
Na região Norte do Brasil.

Depois, esgotamento da riqueza mineral,
Fim de mais um ciclo econômico,
Desinteressada e rica, a empresa sai de cena,
A natureza cobra o seu preço:
Contaminação do solo e de águas fluviais e subterrâneas

Hoje, só no imaginário local a aparente prosperidade de antes
Imóveis e maquinários abandonados
O caminho inverso se fez:
Do progresso para o atraso
Triste herança para o extremo Norte do Brasil.

SOMOS NÓS?

Maitê da Conceição Soares

Somos nós os filhos das mulheres que cravaram
raízes na nossa terra?
Somos nós os filhos das mulheres donas dos rios, da
caça, da fauna e flora?
Somos nós os filhos das deusas amazônicas?
Somos nós filhos das mães das florestas?
Será que somos?
Somos nós os culpados por cortar as raízes das
nossas mães?
Somos nós que manchamos a beira dos igarapés
com o sangue?
Somos nós que desrespeitamos nossas deusas?
Somos nós filhos da mulher de pele vermelha?
Somos nós?

SONETO OLHO DE VIDRO

Ademir Pedrosa Araujo

Lusco-fusco de luz, globo fumê
O crepúsculo fulvo, vespertino
Céu de fogo purpúreo, repentino
Filme noir, sombrio e démodé

No horizonte o ícone prístino
O pincel roto e vil sobre o godê
O verbo e seu princípio - o porquê
Céus! O cu do mundo breu e celestino

Feixe de luz de viés nos hemisférios
Solstício e Equinócio, Norte e Sul
Luz do sol, fictício Denorex

O curtume de Fès e seus mistérios
O porto, o forte, o rio... Tucuju!
E o foco de teu íris Rolleiflex

À guisa de esclarecimento, aí vão algumas explicações técnicas:

No 5º verso, utilizei da diástole e desloquei o acento da proparoxítona “prístino” (antigo, velho) transformando-a em paroxítona para rimar com “celestino”.

No 8º verso, acresci ao verso uma sílaba inicial (Céus!) que não entra na contagem das sílabas poéticas do verso. Esse recurso é denominado de anacruse.

No 11º verso, me vali do recurso técnico chamado anaptixe ou suarabákti (do sânscrito) que é a utilização de uma vogal de apoio entre duas consoantes. Pra que o verso cumpra a escansão desejada, foi

preciso recorrer do suarabákti, isto é, criando uma sílaba com a palavra “fic(i)tício. Então assim, o verso passou a ter dez sílabas métricas.

Apliquei alguns galicismos (fumê, godê e etc.) com o propósito de lembrar de nossa influência fronteiriça com a Guiana Francesa.

E no 13º verso, observe que após as reticências (O porto, o forte, o rio...), imaginei uma pausa prolongada, como se quisesse acrescentar algo mais, é que as reticências sugerem o acréscimo de mais uma sílaba métrica, a 7ª que falta no meu verso heroico.

E por fim, há duas curiosidades lúdicas nesse soneto: o poema não tem verbo nem tem a letra “a”.

SOU CABOCLA

Benedita Machado Pureza

Eu venho do interior do Amapá
Das entranhas da floresta
Sou cabocla
Sou Nortista
Da Beira do Rio
Minha família é gigante
Pássaros, peixes,
Botos e jabutis.

Minha gente é hospitaleira
Traz sempre um sorriso no rosto
E um abraço caloroso
Como todo povo temos dificuldades
O que não impede nossa felicidade
Coragem, fé para ir à luta
Aqui ninguém tem medo da labuta.

Nossa riqueza vem da natureza
Da simplicidade e humildade
Daqueles que não têm frescura
Dizem que vou embora daqui, hum... mas tu jura!

SUA ESSÊNCIA

Jaciara Rodrigues De Miranda

Seus traços são carregados de cultura
Suas raízes são sua força e armadura
Sua habitação é retirada por poder
Por alguém que o seu destino quer escolher

O seu bem mais precioso é a natureza
Sua Essência é forte e tem muita beleza

Você nasce e seu lugar não pode ter
Pois alguém pensa que é mais dono que você
Você luta, pois, sabe que o seu lugar
É onde você escolheu estar

Em Pocahontas inspiração vai encontrar
Sua força e garra são motivos pra sonhar
No seu país ou sua aldeia aonde for
Terá um índio com sua força e seu valor.

SÚPLICA À MULHER AMAPAENSE

Lorena Reis Brito

Na sociedade dominada por eles
Elas são dominadas por rótulos
Fraca, frágil, pouco ágil, deixa que ele faz!

Em terra de Amoras, Luzias e Veninas
Eles ainda tentam rotular
Preta velha tem que estar na cozinha
Mulher te põe no teu lugar!

Na sociedade dominada por eles
Elas encontram suas sinas
Poeta, parteira e curandeira, aqui é ela que faz!

Assim como a guerreira do novo mundo
Aqui no meio do mundo eles ainda tentam rotular
O que Matoaka tinha de mimada, tu tens de fraca
Mulher tucuju, te põe no teu lugar!

SUSPIROS AMAPAENSES

Lucas Dias Coelho

Grandes Navegações
Um povo destemido e desconhecido
Mares, navios e caravelas
Os colonizadores chegam ao Brasil

Diante disso, os nativos são catequizados
Impondo cultura e costumes à força
Que a verdade seja dita!
Eles foram sim, dominados

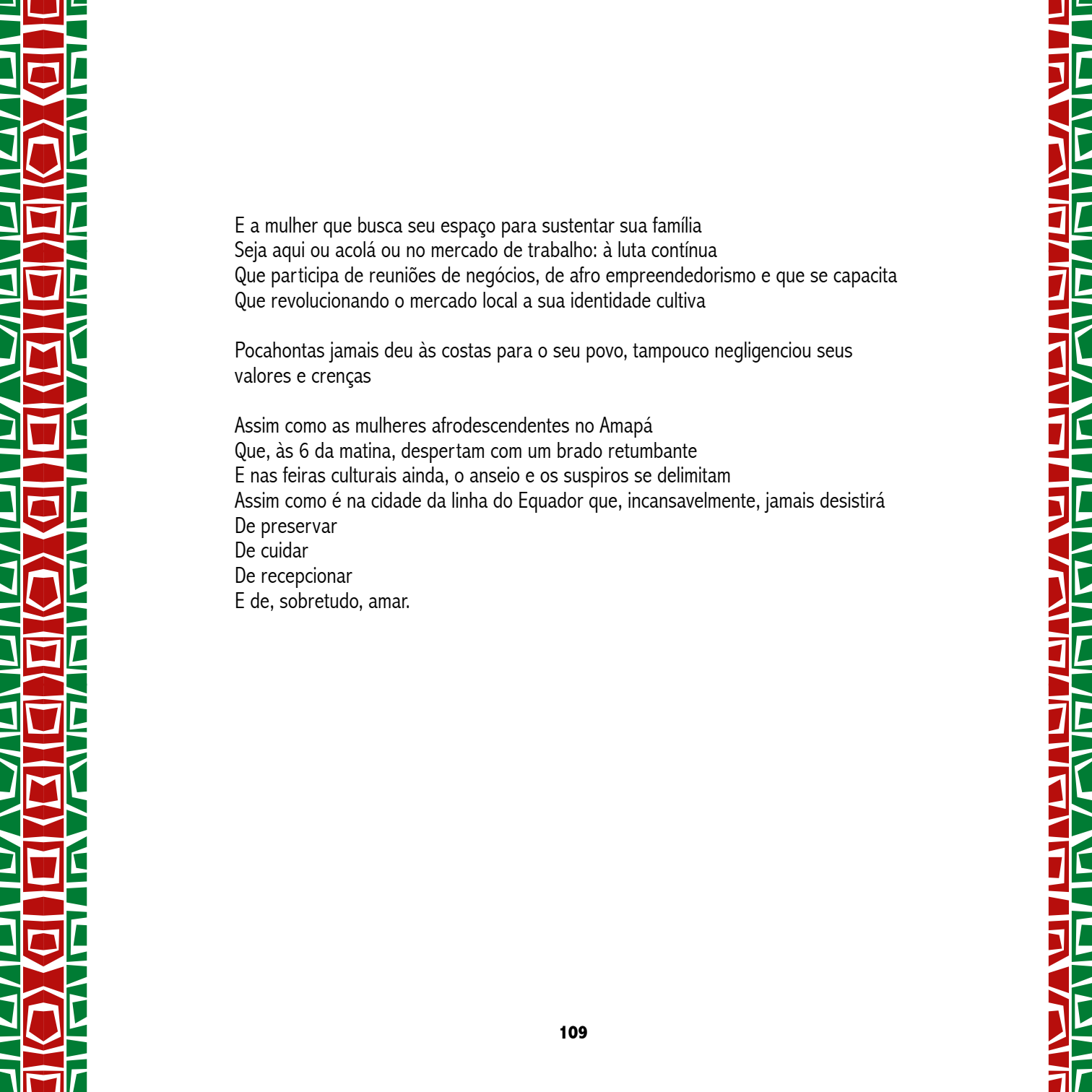
Com isso, o Brasil se transforma
Ganha novos ares e de modernização
Mas um entrave se depara: A mulher social concorda?
Eis aí a questão!

Uma das figuras femininas mais latente
É importante destacar, confesso
Pocahontas é seu falso nome
E o verdadeiro. Quem dirá?

Retratada por John Smith fora
Era bela e filha favorita de Powhatan, seu pai

Idealizada como “índia boa”
Mas, na verdade, assim era o olhar patriarcal que se destilava desde a proa

E o que dizer do Amapá, além de seus encantos e belas paisagens?
Um lugar que tem como escudos o Rio Amazonas e a inoxidável Fortaleza de São José
Mas, estes lugares continuam quase intocáveis ainda
Onde um povo miscigenado prega a fé



E a mulher que busca seu espaço para sustentar sua família
Seja aqui ou acolá ou no mercado de trabalho: à luta contínua
Que participa de reuniões de negócios, de afro empreendedorismo e que se capacita
Que revolucionando o mercado local a sua identidade cultiva

Pocahontas jamais deu às costas para o seu povo, tampouco negligenciou seus valores e crenças

Assim como as mulheres afrodescendentes no Amapá
Que, às 6 da matina, despertam com um brado retumbante
E nas feiras culturais ainda, o anseio e os suspiros se delimitam
Assim como é na cidade da linha do Equador que, incansavelmente, jamais desistirá
De preservar
De cuidar
De recepcionar
E de, sobretudo, amar.

TARDINHA

Arilson Viana de Souza

No céu azulado, uma gaivota paira sobre as águas turvas do rio majestoso,
Abobalhada com as conchas dos kite surfistas,
Que dão voos rasantes sobre um aglutinado de águas dançantes.
As ondas, em ritmo bailoso, se cravam nas paredes de cimento arenoso,
Rompendo o silêncio em sons achocalhados.
Ao lado do cais, o “santo de rocha” abençoa a cidade e os navegantes que
seguem rumo à costa.
À beira mar e de cara ao vento, a casa feita de pedra com mistura de san-
gue e suor dos nossos irmãos negros e índios, ainda se mostra imponente,
desafiando o passar do tempo.
E no trapiche, agora de aço e cimento, se estende o trilho, que avança rio —
mar adentro, por onde passa o bondinho.
E assim vai passando à tardinha!

TARTARUGALZINHO

Pedro Tiago Chaves

Denominado Tartarugalzinho, por se tratar de um afluente do Rio Tartarugal Grande
Sua localidade é bela e deslumbrante.

Com a descoberta de ouro nos arredores da sede atual
Teve consequências marcantes em nível socioeconômico ambiental.

Um dos fatores responsáveis pelo povoamento da região
Deu-se quando a Amcel fez sua implantação
A Empresa de plantação e extração de pinho
Marcou Tartarugalzinho.

Em suas selvas preservadas quelônios impressionam
Os visitantes se apaixonam.

Dentre suas bases produtivas estão a agricultura e a pecuária
Possui uma rica área.

Passeios ecológicos, pesca esportiva, suas belezas todos querem contemplar
O Ecoturismo traz desenvolvimento ao lugar.

Povo hospitaleiro, onde ninguém se sente sozinho
Muitos são teus encantos, Tartarugalzinho.

TARUMÃ

Ednamar Melo Silva

TARUMÃ é nome forte
De uma lenda especial,
Conta a história de um amor
E de um jovem genial,
Que para amar e ser amado
Fez algo sensacional.

Ubiracy tinha o dom
De com os bichos falar,
Até com os seres das águas
Estava a conversar,
Na terra e também nos ares
Sempre estava a dominar.

Os pássaros lhe procuravam
Para as notícias lhe dar,
Os animais segredavam
Sempre estava a lhes preocupar,
Os peixes tinham, com ele
Coisas para conversar.


E assim o nosso guerreiro
Por muito tempo viveu,
Era livre e feliz
E na natureza cresceu,
De Tupã era o escolhido,
Mas algo lhe aconteceu.

Em um passeio na mata
Ubiracy avistou
Uma bela índiazinha
E logo se apaixonou,
Seu sorriso era tão lindo
Que ele logo se encantou.

A índia era encantada
Veio pra prejudicar,
A jornada do guerreiro
Que iria liderar,
Pra acabar com sua vida
E a Tupã afrontar.

Ubiracy sem rumo quase enlouqueceu
O índio já não comia
E não podia dormir,
Pedia ajuda aos pássaros
Não queria desistir
Mas nem no ar, nem na terra
Podem vê-la sorrir.

Em noite de solidão
Ele foi até o mar,
Ao ver a lua nas águas
Ficou a imaginar
Que em algum lugar no céu Seu amor podia estar.



E tomado pelo feitiço
E também por tanto amar,
Resolveu pular nas águas E aquela lua alcançar,
Para rever sua amada
E com ela, então, ficar.

E quanto mais mergulhava
Mais a lua era distante,
Sem a proteção dos peixes ficava mais ofegante,
E então dormiu nas águas
Sob uma lua brilhante.
Então no meio do rio
Uma árvore brotou,
Ubiracy, índio forte
Em árvore se encantou.

TERRA ENCANTADA

Adriany Pinheiro Da Silva

Minha cidade é assim...
Situada no meio no mundo
Sim, bem lá no fundo
No fundo do meu coração
Transborda encantos
Por um lugar cheio de emoção!

Terra tucuju

Tens a beleza do curiaú!
Tens a Fortaleza contando
As tuas histórias
Tu és forte, és do Norte
e conquistou várias vitórias!
Linda como o teu pássaro: o aracuã
Terra tucuju
Você é minha verdadeira irmã
Teu beija flor brilho de fogo
Voa à procura das mais belas flores
Mas com a correria
Do dia a dia
Vejo-te tão pouco!

No teu Marabaixo todos envolvem-se
Com muita alegria
E tu vais crescendo
e vai brilhando
A cada dia!

Tens tuas aventuras em teu Rio Araguari
Tens tuas delícias no festival do abacaxi

És linda como o Rio Amazonas
Que te banhas e encanta

Terra da bacaba
Terra do amapá
Terra encantada!
Tu és muito amada.

TERRA TUCUJU: CALOROSA E ABENÇOADA

Adriana De Melo Andrade

O Amapá possui muitas riquezas,
Diversidade de plantas, animais, gente e beleza.
São lugares e espécies incontáveis,
Do Norte, nossa cultura é representatividade.

Isolados? Jamais, eu diria que privilegiados!
Pelo maior rio do mundo, nosso estado é banhado.
E a culinária então? Espetacular!
Camarão, tucunaré, guriyuba e tacacá.

Também temos frutas exóticas para lhe surpreender,
Sabores únicos e raros, por aqui a gente vê.
Bacaba, graviola, cupuaçu e açaí,
Taperebá, tucumã, castanha-do-brasil e uxi.

Nos minerais dessas terras encontram-se outros tesouros,
Manganês, caulim, granito e o tão desejado ouro.
No extrativismo vegetal ou na produção agrícola,
Não me canso de falar, em riquezas naturais, essa terra é muito rica!

Equinócio, Pororoca, e uma vasta biodiversidade.
No cenário nacional, o Amapá tem seu destaque.
Sendo o estado do país mais preservado ambientalmente,
Vimos que o povo não é só bonito e trabalhador, mas também é consciente!

Ao falar do nosso estado, lembro dos rios e cachoeiras,
E que através dessas águas, naturais são nossas fronteiras.
No extremo Norte do Brasil, aqui é minha morada.
E me orgulho de dizer que a terra tucuju, é calorosa e abençoada!

TUCUJURAS

Rodrigo Corrêa Mergulhão

Walkiria cantou-me escala
que louva as auroras da orla.
Mitterrand fez-me (a)fluente.
De Portinari, discente.

Baluartes defendi.
Amazonas naveguei.
Cabralzinho convenci.
Tucumaque escalei.

Quando castiga secura,
igarapés aproveito.
Se mufino sobre leito,
Mestre Sacaca me cura.

Pirão com tamuatá,
camarão no tacacá;
quem desaprova pupunha
nem vale pó de farinha.

Vovó fundou Mazagão;
vovô vem d'Amapari
— reina miscigenação
do Oiapoque ao Jari.

Só lá no Curiaú
ato uma rede em preguiça,
curtindo a minha tiriça
com cachaça de jambu.

Bebi da chuva perene
a mui lavar Calçoene,
fiz um navio subir serra,
soltei cutia em Ferreira,
redescobri para mim
a ilha além de Santana,
transportei ao Piririm
tartaruguense banana.

Praguejei contra minérios
extraídos sem respeito
porque negaram direito
a solo, bichos e rios.

Honro meu Santo José
e Nossa Mãe Nazaré
para que nunca me falte
a vida boa do Norte.

Quem, Amapá, não resiste
ao esplendor Cunani;
ao Marco Zero em riste;
de Porto ao abacaxi;
ao Marabaixo em tambor?
Pois aqui estou a rogar
que me aceite entoar
tais tucujuras de amor.

UMBIGO DA TERRA

Ademir Pedrosa Araujo

É a luz dos teus olhos, que me parte ao meio
Que me arde em cheio, que me enche de luz
Veio de volúpia rútila e fumegante
Labaredas lascivas de salivas purpurinas
Meu elo umbilical, meu ego mapa-múndi
Meu beijo híbrido, meu álbi paradoxal
Um sentimento vulcânico de magma de mel
Um sentimento...

Eu espiei por cima da linha do horizonte
E avistei a curva convexa
Do arco da prenhez da mulher
Cheia de átomo e de vácuo,
Cheia de água e de ar
Cheia de carne e vegetal
Inteiramente cheia, inteiramente bela
Parturiente de astros, satélites e estrelas
Parto de lua cheia, parto do Equador
É a luz do Alef, é a luz do Alef
Eu vi debaixo de mim um globo enorme
Feito de barro genético, de célula de lama
Um chão úmido e bom a me lambar os pés
Era de pó rarefeito, um raro sopro de brisa
De pororoca e preamar, vitória-régia à deriva
Mururé de bubuia, um banho de cuia

Do arco-íris no ar
Lá de cima os diamantes pingam cintilantes
De gota a gota, de boca em boca
De amantes em amantes
É meu sentimento de pó, minha carne de barro
O coração de papiro, meu olho de vidro
Minha impressão digital, meu cabalístico CPF
É a luz do Alef, é a luz do Alef.

UM ENCANTO TUCUJU

Ellen Patricia Belfor da Silva

Em sua alma carrega a natureza,
Seu peito explode de coragem e ternura.
É mais forte que uma intensa correnteza,
Suas ações jorram enorme bravura.

Detentora de uma beleza que beira o divino,
Olhos e cabelos negros como o ouro do Norte.
Quem os contempla se encanta, eu afirmo.
Ela sozinha cria a própria sorte.

Com as maravilhas de sua terra é comparada,
Ouço os sons do Marabaixo em sua voz doce e celestial.
Na pele vejo o brilho e a cor do vinho de bacaba
Criatura extraordinária, afinal.

Olhar para sua face é apreciar um belo dia ensolarado,
Daqueles que se aproveita sentido a brisa do rio,
Onde não há preocupação, nem sentimento enfarado
Digo e repito, encanto igual nunca se viu.

UM VELHO PAI ABANDONADO

Wanderlene Cardoso Borges

Falar de você, é como pegar um espinho
E espetando as feridas devagarinho;

Em outrora eras considerado,
Visitas recebias todo dia;
Hoje todos te olham de lado,
E a tua casa não tem mais a alegria.

Teu ânimo onde ficou?
Andas nas portas a bater,
Nem as tuas louças sobrou;
Agora só me resta compadecer.

Um casco novo, alegre e bonito;
Agora velho, sujo e esquecido.
Como um bule no museu,
Tantos copos de café já ofereceu.

Teu remo ainda sabes fazer,
Tua lenha ainda sabe cortar;
O que tem na Casa do Artesão para vender,
Ainda consegues contemplar.

Teu cacho de açaí,
Não consegues mais tirar;
Na maré enchente,
Ainda consegues remar.

Filhos não estão mais para obedecer,
Estão somente a criticar;
Se não te esforças a viver,
Não venhas me envenenar,
Se não lutar por você,
Como vou me encantar?

Pegue a canoa e vamos tirar açaí para nos animar,
Pois o melhor que ficou é o açaí para debulhar,
E muito dinheiro para ganhar,
E ainda ter vida para nos encantar;
E ainda temos muito rio para remar,
São essas amizades que quero cultivar,
E essa lembrança sempre guardar.

VIDA

Ana Lucia Carvalho Anspach

Pés calejados de pisar nas pedras do caminho:
Seixos, cascalhos e pedregulhos
Tentam impedir o percurso...em vão.
Os joelhos já não conseguem se dobrar,
Pois já se curvaram mais de mil vezes
Clamando por misericórdia.
A trilha não é fácil.
Calço sapatos mais resistentes,
Respiro fundo e volto à rota.
Ainda tenho esperança de encontrar
Pedras preciosas
E um amor calmo
Que serão entregues a mim
Por anjos celestiais e então,
Um dia poderei dizer
Que o que vivi valeu a pena.
Contarei para quem quiser ouvir
Os prós e contras
Mostrarei as pontes que ergui,
As amizades que construí
E os amores com quem
Dividi a vida.

TERRA DAS BACABAS

Camila De Nazaré Colares Da Rocha

Marabaixo aqui temos a honra de dançar
E diante do batuque nossa ancestralidade cantar
Na terra das bacabas, temos um majestoso rio-mar
Seu nome é Amazonas e assim o debes chamar
Sob a lua nova, sua maré enche e assopra em nossos ouvidos lendas a contar
Começo com o boto cor-de-rosa e termino com a Matinta Pereira a assobiar
Nossa miscigenação nos dá orgulho para em prosa e verso rimar
Nessa grande oca que chamamos de lar
Fica o estado do Amapá
E nele a Fortaleza de São José conta a história do povo que aqui há
Em nosso palavrear encontra suprimo, mana e sumana,
tratamento que entre irmãos se dá
Aqui a terra tem açaizeiro e que canta é o Iratuá
Na mesa servimos açaí com mapará, e para tratar nossas
doenças uma benção com folhas há de curar
Somos amapaenses, trazemos o amar no nome. Seja de
nascença ou de coração a nossa brasilidade aqui se encontra
Ficamos entre o Pará e a Guiana Francesa, e quem não nos
conhece não faz ideia do que perdendo está
Estamos no Norte, e no meio do mundo para quem está
perdido no mapa possa encontrar
De dezesseis municípios somos feitos e essa união em
nossos rostos despercebida não passará
De Maracá Cunani a banho de rio ouvirás falar, pois boa
lembança daqui não te faltará
O Norte que habita em mim, saúda o norte que habita em você
e de porta aberta a minha de boas-vindas está.

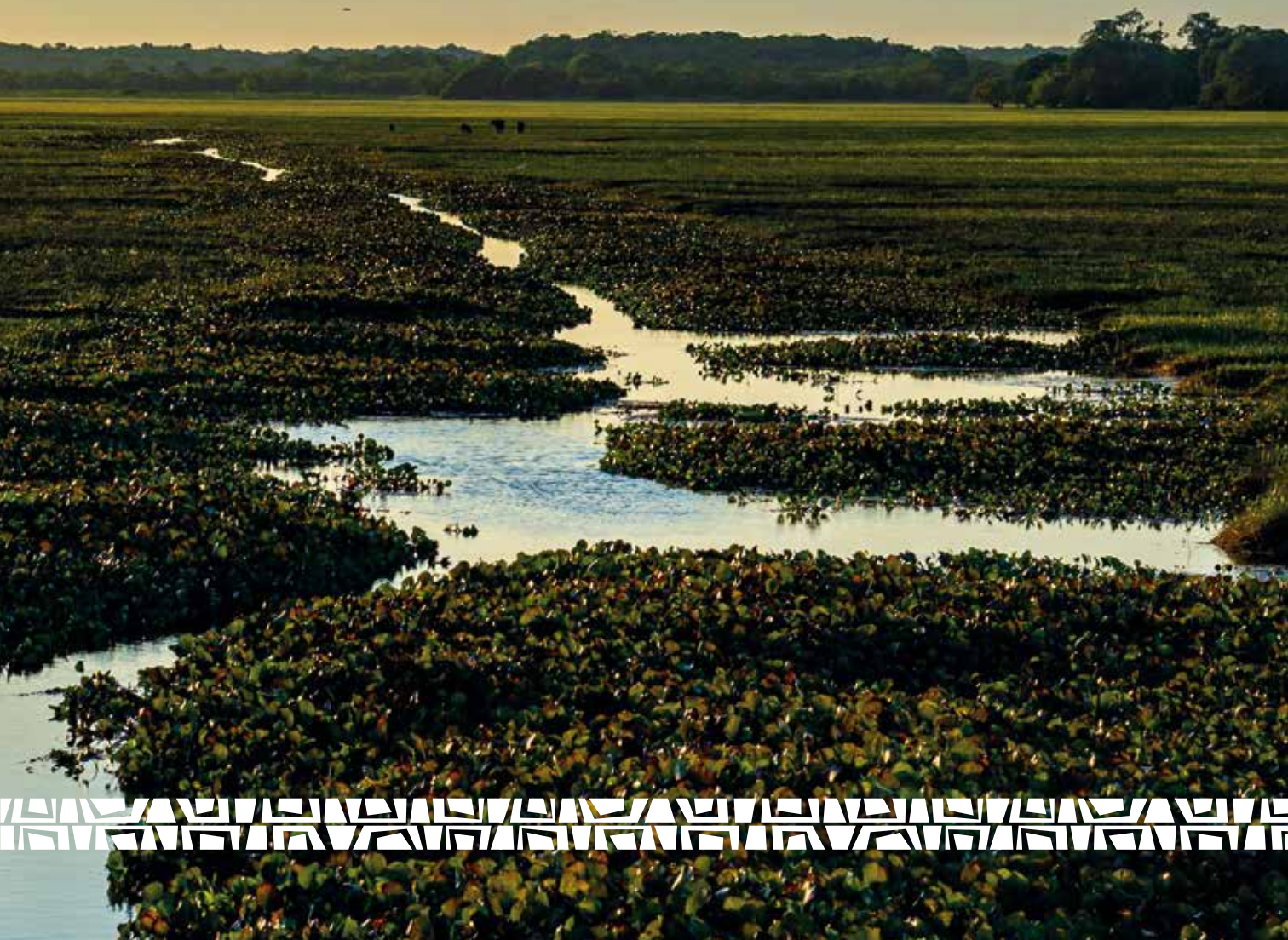


Foto: Aluizio Cardoso



Parte 2

CONTOS





A DONA DO TERRENO

Wanderlene Cardoso Borges

Era uma vez um rio chamado Rio Furta-fênix, localizado às margens da floresta

Amazônica, perto da cidade de Macapá, onde moravam poucas famílias. Ouvia-se o seu Tolo Borges contar uma história, que um certo dia, a noventa anos atrás, sua tia saiu com uma latinha cheia de joias de ouro e foi enterrar no meio da mata, pois sabia que em breve ia morrer. Anos passaram e a senhora adoeceu gravemente sem conseguir ao menos falar, tentava dizer em gestos algo, mas ninguém conseguiu compreender.

Depois da morte da senhora, ela começou a aparecer em sonhos, indicando onde tinha enterrado suas joias. Porém, existiam três regras: a pessoa tinha que ir sozinha ao local antes do dia vir, sonhar três vezes e não contar para ninguém.

Um certo dia, no mês das férias, sua neta estava dormindo e sonhou com um caminho onde ela corria livre, foi quando apareceu uma senhora e lhe deu um colar de ouro e diamante.

Bem cedinho pela manhã, ela contou a sua família e seu pai lhe falou sobre as três regras. Ela ficando triste por ter contado, seu pai deu-lhe de presente o lugar em que ela sonhou. Hoje ela é a dona do terreno, sempre no fim da tarde passeia neste lugar, cultiva batata-doce com esperança de um dia cavar e encontrar algo valioso, às vezes quando se ouve só os cantos dos passarinhos, ela vê somente vultos de mulheres andando por debaixo das árvores.

A GALINHA CARIJÓ

Ademir Pedrosa Araujo

Havia terminado a reunião da Paróquia e antes de ir embora, porém, resolvi contar algo para o Padre Júlio, um incômodo que tanto me afligia. Ele puxou de uma cadeira e me mandou sentar.

Disse-lhe que alguns dias atrás ordenei a minha mulher que matasse a galinha carijó de meu filho caçula, que era seu bicho de estimação. A coitada já estava velha e gorda, nem conseguia mais ciscar o terreiro e não botava mais ovos. Tinha chegado a hora de ir para panela. Minha mulher relutou, e me disse que certa vez tentou convencer nosso filho de que a galinha já tinha passado do tempo e que o melhor mesmo seria comê-la no almoço.

O menino puxou um choro pungente e soluçava pelos cantos da casa acometido de uma tristeza profunda, resmungava e não falava com ninguém, bateu-lhe um banzo de dar dó. Minha mulher desistiu de matar a galinha.

Então, eu decidi que desta vez não tinha choro nem vela, era para abater a galinha carijó nos primeiros raios de sol da manhã seguinte. E para que não houvesse mais demora, eu mesmo me dispus a fazer o trabalho.

De manhãzinha, arrumei a lenha no fogão e botei o tacho de água para ferver. Era fácil distinguir a galinha no terreiro, no meio das outras, ela tinha uma nódoa preta, uma mancha indelével que lhe cingia o pescoço pelado. Peguei a galinha. Estendi no tronco de cortar carne e decepei com um só golpe de terçado o pescoço pelado da galinha carijó. Daí bastou mergulhar no caldeirão de água fervente, depenar e esquartejar a ave. Botamos tudo numa panela com tempero para cozinhar. E a carne dura da galinha velha levou mais tempo para amolecer, mas o braseiro do fogão à lenha mantinha a fervura e a carne ficou tenra, bem macia para mastigar.

Foi servido o almoço. O menino se recusou a comer. Era compreensível. Minha mulher fez um caribé, e ele se deu por satisfeito. E encerramos aquela refeição do meio-dia de domingo.

No dia seguinte, de manhãzinha, minha mulher gritou escandalosamente do quintal. Corri para lá. Ela apontou pro terreiro num arroubo de alegria e espanto. A

galinha carijó do nosso filho estava vivinha da silva. Caí sentado numa velha cadeira de balanço e quase desmaiei. Um milagre. Me voltei pro Padre Júlio e lhe disse que até agora sinto um remorso medonho. Aquilo me pareceu uma provação com a qual fui tentado e fraquejei.

Padre Júlio ouviu tudo atentamente, e disse que quando foi em minha casa para comer um capão no aniversário do meu filho, o menino o levou pro quintal para conhecer a galinha dele. Havia várias galinhas no terreiro, mas a dele se distinguia pela mancha preta no pescoço pelado. Ele disse que eu tinha uma bela criação, e eu me senti lisonjeado.

Padre Júlio revelou que uma das vezes que minha mulher foi à cidade, e que levou nosso filho caçula, o menino pediu para ir à paróquia tomar a bênção do Padre. Quando lá chegou, o menino contou que eu e sua mãe queríamos matar a sua galinha. O reverendo ensinou-lhe como salvar a galinha da guilhotina, sem que a gente percebesse a artimanha. Disse que ele deveria escolher uma galinha do terreiro que fosse parecida com a sua, embora não tivesse o pescoço pelado. Ele teria que tirar cuidadosamente pena por pena do pescoço da galinha até que ela ficasse idêntica a sua. Padre Júlio deu pro menino um pequeno frasco de tinta nanquim da cor de azeviche e um pincel, e indicou que ele pintasse cuidadosamente a mancha preta no pescoço da galinha. Quando fosse o dia da morte anunciada, ele trocasse as galinhas do terreiro. Escondesse a sua de estimação e botasse no quintal a falsa galinha carijó. E assim fora feito.

Padre Júlio revelou que a galinha que nós comemos no almoço de domingo decididamente não era a carijó do nosso filho. Fiquei estupefato com aquela revelação. Aquele pirralho me enganou direitinho. A trama teve a anuência do Padre. Não me restou admitir que a conspiração foi bem-sucedida e surpreendente. Padre Júlio se levantou, ajustou o cordão na cintura da batina, cofiou a barba e o bigode em volta da boca; e, por fim, espreado um sorriso incoercível.

APOTEOSE

Rodrigo Corrêa Mergulhão

Macapá me foi morada no aniversário de 265 anos da cidade. Em novembro de 2022, conheci, pela Internet, a inspiração tucuju de minha vida acadêmica. Após um web seminário acerca de reflexões sobre reproduções folclóricas do Norte do Brasil, por conta de meu doutorado em semiótica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, deparei-me com Elcy Luzia Dojuara. Ícone literário e recém-formada em Letras pelo Instituto Federal do Amapá.

“Égua! Um do Sudeste que não resume Norte a Boto!”, digitara a moça por e-mail.

“Confesso que já fui desses... Mas continuo desnortado.”, repliquei intrigado.

Semanas de mensagens eletrônicas decorreram-se. Elcy revelara-se verdadeiramente apaixonada pela arte de sua terra. O fato me aprazia porque, àquela altura, eu já desejava, sim, com ela estar; e, ao mesmo tempo, aplicar meu pós-doutorado em identidade e ressignificação da literatura nortista brasileira do século XXI.

“Fala mais de você. O que faz de melhor no Macapá?”, eu enviava. “O correto é ‘em Macapá’. E, sem modéstia, faço o impossível por minha literatura.”, ela devolvia. Eu não poderia me negar: sucumbia ao poder e à paixão discursivos que emanavam de Elcy. Em fevereiro de 2023, não titubeei ao nosso último contato: “Vem pro meio do(s) mundo(s) pra ter um norte melhor. Vai saber me achar.”.

Deixei o Rio e cheguei à capital amapaense no exato dia 4 em festa. Maravilhado. Esperançoso. Nômade. Com medo; e vontade de ali me entregar a Elcy. Como Elcy. Ela, porém, sumira. Abandonara-me? Não compreendi. Houve um convite! E agora eu vagava só, domingo, confuso, até fruir de um movimentado bar de plural e liberta aura no bairro Santa Rita.

— Você conhece... Elcy Luzia? — perguntei à bartender que me servia caipiroska.

— Elcy? Biblioteca, mano. No centro. Novo na cidade?

Na segunda-feira, defronte à Biblioteca Pública Estadual Elcy Lacerda, exaltei deuses por tê-la assimilado. Minha Elcy era mesmo misteriosa e ímpar. Seu nome representava um dos maiores pilares culturais do Amapá — quão, por isso, agraciado

eu estava! Mas... o que eu deveria fazer? Gritar por seu nome? Cumpri protocolos preventivos pela pandemia Covid-19 ainda vigente e adentrei o recinto. A intuição me fez visitar o primeiro ambiente aberto e vazio, Sala Circulante, de obras disponíveis para retirada. Talvez, enfim, encontrasse Elcy.

— Aqui trabalha Elcy? — assustei um idoso funcionário a roncar ao balcão.

— Veio pegar tua encomenda, né? Toma — o velho grunhiu com raiva e sono e levíssimo sotaque maranhense. Abriu uma gaveta e de lá tirou um livro. “Paisagem antiga” de Alcinéa Cavalcante. — Assina aqui. Dez dias pra devolver. *Anda*, meu filho, *aqui!*

Atônito, assinei lista de empréstimos e saí correndo da biblioteca direto ao hotel próximo, à orla, onde eu me acomodava. O que seria aquilo? Onde estaria Elcy? Nada entendi. O velho decerto a conhecia, pois despachou a mim sua “encomenda”. Tentei contatar Elcy através de mídias sociais. Nada. Real ela era, evidente. Possuía até Twitter, Instagram e blog literários. Mas nada. O que eu deveria fazer? Bom, ao menos eu possuía um livro em mãos. Absorvi a agradável Cavalcante em um dia. No dia seguinte, retornei à biblioteca.

— O senhor pode dizer para El-cy Lu-ziiii-aaaaa Do-ju-aaa-raaaaa que eu estou aq...

— Té leso, é?! Fala direito! Espia, esqueceu esse papel aqui, toma — roufenhrou o velho, retirando da contracapa um pequeno adesivo Post-it amarelo que eu não notara; escondido no fundo do pseudo envelope à guisa de recipiente de canhotos-registros de empréstimos. Um bilhete em floreada caligrafia: *Jardim clonal. Tua vez.*

Só então entendi. Minha Elcy oferecia-me um jogo!

Saí da biblioteca com “Jardim clonal” de Alcy Araújo e “Sermão de mágoa” de Arthur Nery Marinho. Devorei-os num átimo. Antes de devolvê-los, escondi naquele fabuloso Alcy meu bilhete a sugeri-la o outro livro. Qual foi minha surpresa ao constatar, manhã seguinte, ao fim de *Sermão*, minha Elcy a me propor “Romance regional” de Algimiro Firmino Torres!

Assim correspondemo-nos por dias; às (entre)linhas de nossos cúmplices imortais. “No limiar da incredulidade”, de Alci Conceição de Jesus, levou-nos a “Família na sala”, de Almeida Júnior, que nos despiu as “Vestês da alma”, de Eliude Viana, e nos tornou “Abilash”, de Lulih Rojanski. Quando abusamos da dose, consumimos

duma só golada “A margem esquerda do Amazonas” e “Pétalas sobre Macapá” de Amiraldo Bezerra; “Avis rara” e “Lírio metálico” de Armindo Sousa. Minha Elcy compartilhava comigo a posologia que compunha “O último sorriso” de Afrânio Borges de Freitas, o prazer de sermos “Adoradores do sol” de Fernando Canto e todas “As histórias de João Pescador” por Mauro Guilherme. Com ela, simulei ser ribeirinho sob o “Lume” de Rostan Martins; a correr campo sem fim, sem peso de sela pela imensidão do mundo como o “Cavalo selvagem” de Eliakin Rufino. Louvei o “Crepúsculo do rio” de Cléo Farias. Fui cafaeste lírico, à la Isnard Lima Filho, reproduzindo as lições de “Brilho de fogo” de Augusto Oliveira. Desvendei mais do jeito de ser do povo daqui com “As aventuras do professor Pierre na Terra Tucuju” de Maria Ester Pena Carvalho.

Março úmido terminou. Elcy nada respondia, exceto por nosso enlace de obras. Em suas redes virtuais, postava fotos dos livros que trocávamos. Por isso, no bilhete que deposei ao fim de “Destinado a mim”, de Izaias José Cruz Cunha, cujo poeta me foi despachante de cartas pra lembrar se nada acontecer, rabisquei nervoso: *Permita-me ver-te e ter-te e ler-te para que nosso destino não seja esboço de uma paixão inominável de efêmera foz florescente.*

Pesou-me, a réplica, como o derrubar desumano de uma sumaúma: *Sobre o adeus de opostos existenciais – deságua-te em rio de lembranças.*

Escorado à Fortaleza de São José, à direção do Parque do Forte, intuí nossa sorte antes mesmo do fim da leitura destes três livros; de Carla Nobre, de jovens membros do grupo Pena & Pergaminho e de Carlos Cordeiro Gomes, respectivamente.

Eu jamais teria Elcy só para mim. Tolo afobado fui ao não perceber que Elcy era, na verdade, a disseminadora das histórias de seu povo, como o fez Esmeraldina dos Santos; talhando histórias de amor e de fé; histórias de pássaro, de desamor, de um sino, de gatos pingados na contradança dos que lançam pérolas ao sol. Através de minha musa amapaense, já me bastava atravessar Pontes; prostrar-me a Emanuel; transpor ilhargas com Cantuária; fazer-me Paulo de Tarso em diálogo aos coríntios.

Elcy foi-me a janela que me mostrou o meio do mundo. Varal de recortes de poemas em murmúrios. Papo de boteco sobre contos estranhos. Coletânea de poesias na boca da noite e do rio de poetas na linha imaginária. Elcy me guiou à literatura

tucuju sem que eu o tivesse percebido a tempo, feito pororoca ao que se não prevê ao certo sua natural fúria sem culpa.

Decidi deixar o Amapá por não poder nem (alvará) atrever-me a tomar só para mim o lugar de chuva de bênçãos literárias de Elcy. Entretanto, eu tinha de devolver as últimas estórias lecionadas. Daria tempo? A Catedral de São José já anunciava o início da noite macapaense. Eu ainda precisaria correr a um dos portos de Santana, município vizinho, para dali pegar um navio de três dias a Belém. Arrisquei-me.

Nos portões fechados da biblioteca, choraminguei dissimuladamente à vigilante terceirizada em ronda para que esta me consentisse entrar e devolver os livros (“É rapidola, mana...! Quebra essa...!”). A porta da Sala Circulante estava entreaberta. Pela fresta, observei o rabugento funcionário idoso a organizar volumes para empréstimos enquanto assistia, resmungando baixo, a uma videoconferência de catedráticos sulistas refletindo sobre a poderosa imaterialidade dos ladrões de Marabaixo compostos pela eterna Tia Zefa, pioneira do Laguinho.

Não contive o sorriso silencioso. Meneei a cabeça. Repousei nossas derradeiras testemunhas ao pé da porta. Antes de partir, veio-me súbita luz. Escondi o gito bilhete em uma das contracapas:

*Salve deusa Elcy do Amapá,
guardiã dos imensos tesouros
que abriga seus filhos que escrevem
e acolhe leitores vindouros.*

AS PRIMEIRAS LETRAS

Ademir Pedrosa Araujo

Na escola de alfabetização me ensinaram a juntar letras, formar palavras. Mas confesso, honestamente, que não achava divertido. Era enfadonho escandir e concatená-las. A professora repetia a ladainha didática:

– Vo - vô, Vo - vó; Adão viu a Eva, Eva viu a uva e Adão viu a avelã.

Aliás, até hoje eu não sei direito o que é avelã.

Depois me ensinaram os esses do plural e os ãos do aumentativo das palavras. Naquela época eu também não compreendia por que Adão não era o aumentativo de Ada, minha colega de turma. E por que diabos até hoje o plural de avô é avós.

Descobri nos corredores da escola a sedutora clandestinidade dos gibis, as revistas em quadrinhos. Folheávamos às escondidas, pois, se flagrados, podia nos custar uma visita inoportuna à diretoria da Escola Barão do Rio Branco. Havia, no entanto, um inspetor da escola que era meu chapa, e ainda passava furtivamente informações dos nossos colegas aliados:

– O Juquinha, da sala 105, tem um Super-homem novinho em folha e quer trocar.

– Bacana. Avisa pra ele que tô interessado. Depois da campanha tocar, espero por ele ao lado do banheiro.

O País acabara de inaugurar o regime discricionário com o golpe militar de 64, e as medidas disciplinares da escola puniam com rigor os desobedientes. Nós éramos álares delinquentes juvenis. E eu já ensaiava, naquele estádio, minhas primeiras subversões. A censura era a que tinha o caráter de imposição mais abominável. Eu brincava de “camony” (do inglês come on – venha, saia daí) com ela, e eu quase sempre a vencia.

Batman, Super-Homem, Durango Kid, Búfalo-Bill, Zorro e outros super-heróis eram muito mais fabulosos e interessantes do que todas as fábulas dos monótonos livros didáticos-infantis. A “leitura” das histórias dos gibis esclarecia muito mais do que qualquer aula convencional de alfabetização.

Na verdade, eu lia os balões dos quadrinhos numa espécie de adivinhação, interpretando a história pela sequência dos quadrinhos cujos desenhos definiam o roteiro da história. E assim fui me alfabetizando.

As letras do abecedário entraram em minha vida como numa aventura fictícia. As figuras dos meus gibis me ensinaram as primeiras letras. A vogal a, por exemplo, era fácil identificá-la no peito do Capitão América; e o z, a última do alfabeto, era a marca do Zorro, que eu, modéstia à parte, sabia escrevê-la como um letrado.

Em seguida fiz pós-graduação em frente às casas de espetáculos cinematográficos (Cine João XXIII, Cine Macapá e Cine Equatorial), onde trocávamos os gibis, por outros ainda não lidos, entre as sessões dos vesperais de domingo.

Era um mercado legítimo de trocas com seus critérios e regras que não estavam escritos em nenhuma cartilha, mas que nós sabíamos de cor: um Super-Homem-Bi, de capa dura e em cores, valia pelo menos duas revistas comuns.

As revistinhas de Walt Disney (Tio Patinhas, Pato Donald, Mickey e Pateta) tinham cotação baixa no mercado. Três por uma comum. Uma discriminação da qual eu me beneficiava. Adorava as histórias policiais do Mickey e do seu rival Bafo-da-onça, ria dos conflitos passionais entre Pato Donald, Gastão e a Margarida. Na troca de três revistinhas por uma comum, eu contabilizava lucro certo, igual ao milionário Tio Patinhas.

Nesse mesmo período surgiu o almanaque. Ainda que fosse desconfortável carregá-lo no meio das outras revistas, devido ao seu formato oblongo, as páginas em papel couchê enchiam de brilhos nossos olhos infantis. Dava um ar de austeridade ao menino que o possuía. E causava uma inveja de roer as unhas:

- Deixa eu ver?
- Só na capa, tá lacrado.
- Então abre, ora...
- Não. Prometi pra mamãe que só abro no meu aniversário.
- Quando é?
- Ano que vem.
- Poxa...

As regras de trocas eram seguidas com rigor; e aí daquele que fosse apanhado em flagrante, tentando trocar algum gibi faltando páginas, pois a falta de uma delas inutilizava inexoravelmente a revista. O infrator era imediatamente cercado e levava uma saraivada de tapas na cabeça. Dura lex, sed lex (A lei é dura, mas é a lei). Era o castigo que chamávamos de “samba”, sentença imposta àqueles que desobedeciam deslealmente às nossas convenções. Estava aberto o mercado de trocas.

— Te dou três em uma — no Mandrake.

— Aceito quatro.

— Eu topo, mas a revista do Tio Patinhas, vou logo avisando, a capa tá colada com fita-durex.

— Tá valendo, mas só não pode faltar página.

— Num tô doido, pode conferir, tá completinha.

Zorro, Tarzan, Mandrake, Fantasma, Capitão Marvel e tantos outros povoaram meu universo imaginário — e eu sabia tudo sobre eles. Identidade secreta, nomes das namoradas, nomes dos cavalos, e etc. Você pode não acreditar, caro leitor, mas eu sabia descrever a árvore genealógica da família do Fantasma. De pai, avô e de todos os seus antepassados, acredite.

Hoje — desculpe —, a memória vacilante se ocupou com nomes de bandidos da vida real, enquanto os meus heróis vão ficando cada vez mais confinados a um mundo de memórias remotas e inverossímeis.

Dia desses fui a banca de revista do Dorimar, que fica ali na Praça Veiga Cabral, próximo do antigo Cine João XXIII, e comprei uns gibis para minhas filhas. Quando eu os abri, emanou de suas páginas um cheiro perfumado de saudade, e aí eu recordei, emocionado, do tempo em que eu era um super menino de verdade.

COLO

Rodrigo Corrêa Mergulhão

Decrépita demais para quem lá ainda restava, a diminuta casa de madeira gasta situava-se à avenida Maria Quitéria, entre as ruas Santos Dumont e Barão de Mauá; limiar que confundia desavisados a mesclarem Santa Rita com Buritizal. Àquele perímetro, fazia-se lei a soturna quietude noturna, pois a vizinhança resumia-se ao prédio-sede do Centro de Ensino Profissionalizante do Amapá, à Escola Estadual Prof.^a Maria Carmelita do Carmo e ao silencioso domínio do Cemitério São José de Macapá.

No interior daquele antigo lar, como em todas as madrugadas, um garotinho retornou da rotina paralisa do sono. Temeu dormir ali de novo. Levantou-se afoito. Correu ao quarto frio da mãe. Ela o abraçou até o seu adormecer. A mulher aninhou o pequeno em seus braços magros. Carregou-o de volta ao seu berço cama.

Pela manhã, após acordar sozinha, com um pão e a mamadeira cheia de leite, a criança saltitou portão afora, atravessou a avenida e esgueirou-se por um pequeno buraco no muro branco à ala leste do terreno vizinho. Assim o fazia desde o seu segundo aniversário: em paz o filho toma café com a mãe — em frente a sua lápide.

ENTRE A VIDA E O TEMPO

Keum Hee Ladica dos Santos

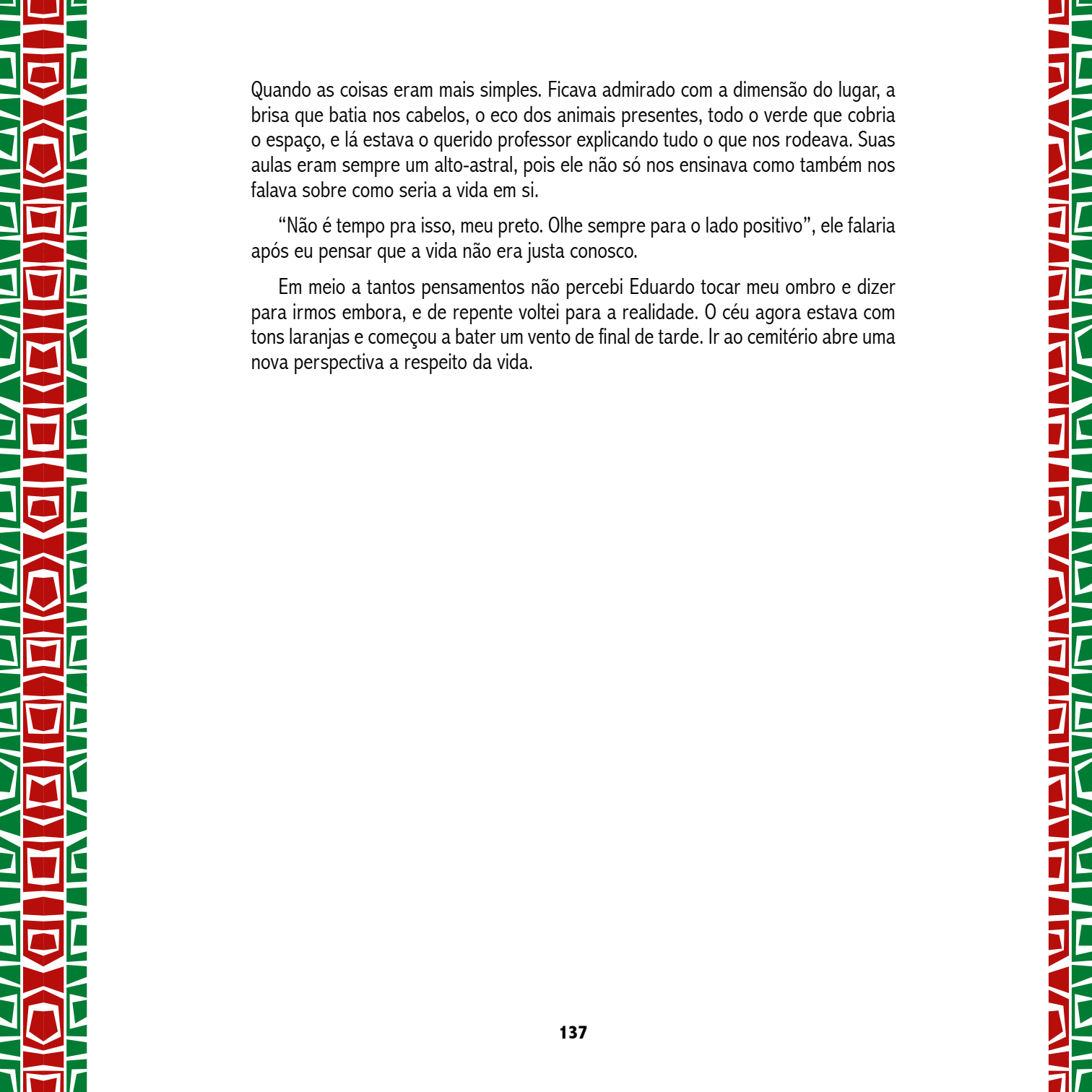
Sexta-feira, no geral, é o dia que a gente só quer terminar o trabalho e ir logo embora pra casa, ou sair com os amigos pra se distrair do estresse da rotina diária da semana. Quase no fim do expediente o chefe me pede para fazer uma matéria sobre o funcionamento dos cemitérios para o dia dos pais no próximo domingo. Nunca tinha entrado em um, mas como repórter é minha obrigação fazer a matéria.

Nos deslocamos para o cemitério mais próximo em plena sexta-feira à tarde. Eu e Eduardo, o cinegrafista. Estava nublado e sem vento, apreensiva pensei “vai ser perfeito pra gravar e ir embora logo sem o clima pra atrapalhar”. No caminho checava o texto que ia falar e começava a receber as primeiras mensagens dos amigos convidando para sair e tomar um vento na orla da Beira-Rio. Respondia que estava indo para o cemitério.

Ao chegar lá encontramos os portões fechados como de costume já que não estavam recebendo visitas, mas entramos mesmo assim. Não demorou nem 4 minutos para gravar a passagem. O cinegrafista estava pegando imagens para inserir na matéria. Enquanto esperava comecei a olhar ao meu redor e de repente caiu a ficha sobre onde estávamos.

Com um arrepio olhei os túmulos mais de perto. “1933? Qual seria a história dessa pessoa?”, pensei. Em outro dizia “falecida em 1994”, o quanto de mudanças que aconteceram na cidade essa pessoa perdeu? Ou o que será que aconteceu pra ela estar aqui agora? Observei a dimensão do lugar, haviam túmulos até onde a vista não alcança. São amigos, pais, avós, tios, entes queridos, pessoas que não estavam mais entre nós. Comecei a suar frio, a sensação de perda começou a me abater. Ao olhar a imagem das pessoas em pequenos retratos antigos é difícil imaginar a cidade diferente da realidade atual. Dentro das fotografias em preto e branco não eram rostos familiares, mas senti como se fossem.

Em meio a tantas fotografias de pessoas que já se foram, uma não me pareceu estranha. Ai o baque foi maior. Aldenor, o melhor professor do mundo. Rapidamente me vem à memória uma de suas excursões pelo Museu Sacaca no quinto ano.



Quando as coisas eram mais simples. Ficava admirado com a dimensão do lugar, a brisa que batia nos cabelos, o eco dos animais presentes, todo o verde que cobria o espaço, e lá estava o querido professor explicando tudo o que nos rodeava. Suas aulas eram sempre um alto-astrol, pois ele não só nos ensinava como também nos falava sobre como seria a vida em si.

“Não é tempo pra isso, meu preto. Olhe sempre para o lado positivo”, ele falava após eu pensar que a vida não era justa conosco.

Em meio a tantos pensamentos não percebi Eduardo tocar meu ombro e dizer para irmos embora, e de repente voltei para a realidade. O céu agora estava com tons laranjas e começou a bater um vento de final de tarde. Ir ao cemitério abre uma nova perspectiva a respeito da vida.

EQUÍVOCO IMAGINÁRIO

João Wilson Savino Carvalho

Zezinho carvoeiro era um menino muito trabalhador e se orgulhava muito disso. Na época não se discutia o trabalho infantil, muito ao contrário, os pais faziam questão de iniciar seus filhos em uma profissão como uma garantia contra os desvios da vida. Com doze anos completos, ele nem sentia falta de escola, até o dia em que um cliente de seu pai convidou a molecada do entorno da carvoaria para um passeio em uma praia de rio chamada Fazendinha, por conta de uma fazenda-modelo criada pelo governo do que então era o Território do Amapá, visando garantir o abastecimento da capital, que sofria com o isolamento imposto pelo caudaloso Rio Amazonas. Eles eram seis garotos de mais ou menos a mesma idade e viajavam na traseira da caçamba fazendo a maior algazarra, até que um deles gritou:

— *Cuidado, gente, vamos passar na linha do Equador! Se abaixem, rápido!*

Zezinho foi o primeiro a se deitar no chão sujo da caçamba que costumeiramente carregava sacos de carvão e, claro, teve que aguentar a gozação dos outros moleques. Ele era o único que não sabia que a linha do Equador era uma linha imaginária. Aliás, ele nem sabia o que era uma linha imaginária.

Aquilo foi o estopim para a reação de Zezinho, que foi ao seu pai, o dono da carvoaria, e com a cara mais séria do mundo disse que precisava estudar. Esperava uma forte reação negativa, mas seu pai pareceu até bem feliz. Com um sorriso triste disse que o trabalho dele na carvoaria era muito útil, mas que gostaria muito que seu filho estudasse. Só impôs uma condição: caso fracassasse nos estudos, voltaria de imediato para a carvoaria.

Mas Zezinho, muito ao contrário do que temia seu pai, se adaptou muito bem na escola, mesmo tendo que passar suas tardes ajudando na carvoaria. Eles moravam em um lugar que era praticamente o final da área urbana de Macapá, a então capital do Território Federal do Amapá, e ele ia caminhando até a escola, que ficava no centro da cidade. Corria o ano de 1967, e o Amapá padecia de um problema crônico de abastecimento, mas a educação era pública e de boa qualidade e Zezinho se empolgava cada vez mais com o que aprendia. Era especialmente

interessado em Geografia e, claro, logo descobriu o que era uma linha imaginária, o que despertou ainda mais o seu interesse. Um dia acabou pedalando sozinho em uma velha bicicleta da família até o pequeno marco onde a estrada cortava a linha do equador, onde encontrou um monumento extremamente simples, dois obeliscos interligados por uma linha de concreto, com cada lado pintado com a indicação da latitude zero, Norte ou Sul, mas foi o suficiente para que Zezinho procurasse a pequena biblioteca da cidade para saber o que era aquilo. Sentia-se um privilegiado porque estava exatamente no meio do mundo. Por conta disso, passou a frequentar constantemente o monumento, e acabou sendo testemunha de sua evolução. Ficava muito feliz a cada vez que visitava o monumento e descobria que ele estava sendo ampliado, ajardinado, e que seu entorno estava sendo cada vez mais valorizado. A essa altura, já não trabalhava mais na carvoaria do pai, que teve que se mudar para uma área mais afastada. Como balconista de uma loja no centro, tinha sua maior preocupação no fato de que brevemente teria que se deslocar para uma cidade fora do Território, onde existisse uma universidade pública e ele pudesse realizar seu sonho de tornar-se um professor de Geografia.

Mas, num dia triste, em uma de suas últimas visitas ao monumento, encontrou um pequeno grupo de pessoas que não pareciam turistas. A maioria deles estava com estranhos aparelhos, no formato de telescópio com tripé, porém bem maiores, e Zezinho, assim como quem não quer nada, se aproximou deles. A conversa era difícil de entender porque usavam muitos termos técnicos, mas, ao final, Zezinho soube que eles haviam descoberto um erro nos cálculos feitos ainda na época do primeiro governador do Território, o então capitão Janary Nunes. Segundo esses técnicos, o monumento estava posicionado erradamente.

Aquela informação deixou o Zezinho triste. Afinal, eram tão poucos os atrativos de sua pequena Macapá. A centenária fortaleza, o formidável Rio Amazonas, os quilombos e suas danças. Não queria acreditar na possibilidade de que o Marco Zero do Equador, com todas as suas simbologias, estava a ponto de ser desacreditado.

Mas a vida ainda assim seguiu seu curso e Zezinho conseguiu, depois de mais alguns anos de luta, se mudar para Belém do Pará, a capital mais próxima, e cursar uma licenciatura em Geografia. A carvoaria do seu pai rendia cada vez menos porque as pessoas já não sentiam tanto medo dos fogões a gás e já não dependiam tanto do carvão vegetal. Foram mais alguns anos de luta para passar no vestibular, para estudar morando em repúblicas, sem dinheiro para o transporte e às vezes

passando fome, mas ele finalmente conseguiu se formar, e voltou à Macapá muitos anos depois de sua saída.

Como nunca tinha tido dinheiro para visitar sua família nas férias, em seu retorno levou um susto com as mudanças na urbanização da cidade. O que antes era uma estrada tinha se tornado área urbana bem povoada. O monumento ao Marco Zero era agora um enorme prédio e a marcação da latitude zero estava em cima de uma extensa laje, de onde se avistava um belo panorama do entorno. Lá em cima um guia explicava para os visitantes as curiosidades do local. Um belo monólito de concreto pintado com as cores do recém-criado Estado do Amapá ostentava, lá no alto, um furo por onde a luz do sol se projetava em cima da marcação da linha do Equador, e no equinócio, estudantes vinham ao monumento para aulas práticas.

Próximo ao monumento estava sendo construído um estádio de futebol, onde a linha divisória dos dois lados do campo seria a própria Linha do Equador, o que significava que um time partiria do Hemisfério Sul para fazer um gol no Hemisfério Norte. Pelo outro lado estava sendo planejada uma avenida que chegaria até o rio Amazonas, emendando em uma pista que percorreria toda a orla do rio. Tudo era muito curioso e pitoresco, mas isso só aumentava o peso do segredo que ele carregava. Toda essa simbologia cairia por terra se alguém descobrisse que o monumento estava posicionado equivocadamente, já que não seria naquele ponto o marco zero do equador. E para completar seu dilema, conseguiu um emprego em um departamento do governo cujo objetivo era fomentar o turismo local. Ele se angustiava pela posse de um segredo cuja divulgação seria quase uma traição à cidade que ele tanto amava, enquanto sua formação científica impunha a ele um compromisso com a verdade.

Mais ou menos estabilizado, convidou sua namorada para conhecer Macapá. Sentia que ela poderia ajudá-lo. Mas, quando ela chegou e ele contou seu drama, ela quase morreu de rir.

— Mas que bobagem! É apenas uma linha imaginária. Tanto faz se está a uns poucos metros da marcação. O monumento poderia estar no centro da cidade que a simbologia seria a mesma... Aliás, se o erro fosse significativo, seria um caso ainda mais curioso para contar aos turistas. O que essa tua cidade precisa mesmo é criar mais opções, explorar melhor o potencial desse rio, das ilhas aqui defronte... Veja, como técnico do governo, você faria melhor se focasse suas preocupações no que falta aqui. Olhe só, eu gostaria de passear de barco com segurança, mas para conseguir isso é a maior dificuldade. Olha

essa imensa praia aí na frente, que segue rasa por quase um quilômetro... Isso é ideal para esportes de vela...

Ele olhou para ela entre atônito e apaixonado enquanto ela discorria sobre o mundo de possibilidades que conseguia ver ali. Naquele momento ele repassou rapidamente os últimos anos em Belém ao lado dela. As dificuldades financeiras, as aventuras de estudante, a felicidade que sentia quando eles superavam as adversidades da vida com mais facilidade quando estavam juntos. E agora aquela demonstração de que ela tinha lido muito sobre Macapá. Ali veio a certeza que precisava dela ao seu lado. Olhou-a nos olhos e disse apenas:

— É verdade... Se depender de mim, o Marco Zero vai continuar sendo o símbolo da minha terra para sempre. E por falar em para sempre, que achas de dividir a tua vida comigo aqui em Macapá?

Ela não respondeu. Nem precisava. Com um sorriso doce, apenas abriu a bolsa e mostrou a ele um papel dobrado. Era um comprovante de compra de passagem aérea. Ele abriu e descobriu que ela não tinha comprado passagem de volta.

MEU IRMÃO CABANO

Augusto Cezar Lima Queiroz

A floresta úmida anunciava a chegada do inverno amazônico. Eu contava dez anos de idade quando Isídio, meu irmão mais velho, partira da velha cabana onde minha mãe e meu outro irmão, Antônio, morávamos, nos longínquos arredores da Vila de São José de Macapá, próximo à “boca” do Amazonas. O ano era 1835 e o destino daquelas brenhas que ele decidira percorrer era a cidade de Belém, na vizinha província do Grão-Pará.

Ouvi algo a respeito de uma grande revolta que estava em curso e só sei que essa notícia tomou Isídio de jeito, tornando-se uma empolgação só. Largou de vez a enxada que cavava o chão e anunciou a partida. Com poucas coisas em um saco de pano e um velho facão na cintura despediu-se de todos nós, irredutível que tava. A razão da súbita ida estava em poder se aliar àqueles revoltosos e fugir daquela vida miserável que levava naquele interior de São José.

Sumiu no mato. E voltamos para nossa rotina: o cultivo da mandioca, do feijão e do milho – lida que já existia bem antes d’eu nascer, uma pequena criação para termos um pouco carne para comer e a pescaria nossa de cada dia. O arroz, vindo de fora, não vingara, talvez pelo clima quente em certa época do ano. Estávamos mais para as pequenas ilhas do grande Amazonas do que para São José de Macapá, embora, alguma vez, tenhamos precisado botar os pés na vila.

Os dias passaram. Vieram os meses. Minha mãe preocupada com a falta de notícias. Éramos agora apenas três naquele fim de mundo de meu Deus, lembrado apenas pelo isolamento. Meu pai há muito tinha morrido de febre amarela, então nos virávamos sozinhos, arrancando a sobrevivência da terra como podíamos.

Até que um dia, subitamente, Isídio apareceu. Correndo, assustado, faminto e bastante fatigado. Quase desfaleceu nos braços da mãe ao chegar cabana adentro. No seu relato, escapara da morte. Já estávamos em dezembro daquele ano e ele havia se juntado a um grupo armado de insurgentes que estava escondido na Ilha de Santana e que depois de descobertos e atacados por tropas vindas de Macapá, desbarataram-se pela floresta.

Quase nada sabíamos. Nem sei pelo que lutava. Só sei que sua juventude e teimosia o impulsionavam para essas aventuras, a despeito do zelo que deveria ter com a sua casa e com os seus. Mas, de volta, teve que retomar a vida na floresta, como todos nós fazíamos.

Passados mais alguns meses, ele mesmo impaciente com alguma coisa, confidenciara-me que precisava partir novamente, iria buscar algumas informações. Inventou uma viagem até Macapá, a pretexto de trocar alguma produção nossa, que não era nada grande, por algumas manufaturas. E assim fez.

Na vila de São José, após uma longa viagem pelas trilhas da mata, Isídio, clandestino no povoado, teve notícias, à boca pequena, dos recentes acontecimentos de Belém. A cidade paraense fora implacavelmente bombardeada pelas forças imperiais instaladas em quatro navios de guerra, expulsando os revoltosos sobreviventes. Não havia mais “insurgência” e a “ordem” estava restabelecida no Pará.

E essa notícia fora a responsável pelo último adeus de Isídio para nós, familiares.

Retornando para nossa roça, desolado e também meio amedrontado com tudo que ouvira, ele não se deu por vencido. Alguns dias depois, inconformado ainda, decidiu-se mais uma vez: iria embora de novo, buscando encontrar alguns daqueles fugitivos de Belém embrenhados naquelas matas e juntar-se a eles, para lutar.

E assim foi feito. Contra a vontade de todos, apanhou suas coisas novamente e deixou claro que estava resolvido a partir para aquela aventura. Foi a última vez que o vi. Saiu andando pela trilha próxima de nossa cabana enquanto a floresta o engolia lentamente, até desaparecer por completo no verde-escuro da vegetação.

Passaram-se dias, meses, anos. Isídio não mais retornou. Muito tempo depois, um viajante qualquer passou por aquelas bandas onde morávamos. Vinha do Pará e contou-nos umas histórias sobre uma revolta sangrenta que havia mobilizado toda a população de Belém. Dos que lutaram contra os soldados do Império, sobreviveram os que fugiram; os que resistiram, morreram.

Cinco longos anos desde a partida de Isídio e como nunca mais voltara e com a rebelião paraense sufocada, só nos restou presumirmos a sua morte. E talvez assim mesmo tenha ocorrido, pois pelo que eu saiba, revolucionário nenhum conquistou definitivamente o poder naquelas bandas, que acabou voltando para as mãos imperiais, deixando apenas como herança uma carnificina contra toda a população pobre e sonhadora.

O BARULHO DO BARCO

Wanderlene Cardoso Borges

Houve um tempo em que os vizinhos eram acordados pelo cantar do galo, mas na casa do Seu João, tinha dias que eles eram acordados pelas batidas na porta da casa, era Seu Zé Maria que também era amigo e conhecido dos cachorros da casa. Com a chegada do barco, os moradores da Ilha do Pará, vizinha da cidade de Santana, agora são acordados pelo barulho do motor do barco que vem da cidade.

O barco vem trazendo passageiros, pão, rosca, cacetinho e deliciosas donzelas para tomar com café preto feito a lenha. A reunião da família acontece cedo, pois as filhas do Seu Sabá vieram, e até o momento são as mais cobiçadas do interior, os meninos estão animados, agora fazem visita ao seu irmão Zeca, convidando-o para jogar baralho e dominó ou até mesmo para escutar uns bregas antigos. Nesta noite o motor de luz vai até tarde da noite, é muita notícia para ser compartilhada, pois o barco trouxe notícias dos filhos que estão estudando na cidade, também veio perfumes para os rapazes que disputam pra serem os mais garanhões e cheirosos do lugar.

Anos depois. Só ficou o barulho do barco para aquela comunidade, pois a modernidade chegou e desempregou a rádio local que dava notícias. Mesmo com a internet, os filhos não mandam um oi para os pais, mesmo com as voadeiras luxuosas que transformaram uma viagem de oito horas em duas, os filhos não lembram mais do frango para os pais, “fará” donzelas.

O barco continua navegando entre as canaranas, buçus e paus boiados. Agora volta triste para sua comunidade, as únicas novidades são os números de assassinatos e morte no trânsito, não se vende mais donzelas. Um pai reclama no Porto do Açai de Santana, o quanto se arrepende de ter deixado seu interior, lá tinha açazais, casa e barco. Ao vir para cidade perdeu sua mulher para o novinho, porém agradece a essa mesma cidade que deu oportunidade para seus filhos agora serem formados, uns professores, outros advogados. Relembra dos momentos em que contavam histórias, somente com uma lamparina acesa, foram tempos em que queria que o dia amanhecesse logo, para irem atrás de peixe nos igarapés e umas de suas diversões era a disputa de quem nadava mais rápido e esperar a famosa festa de São Tiago no Mazagão Velho.

Naquele mesmo porto, onde metade da cidade se encontra para comprar açaí, peixe, pupunhas uns para tomar uma sopa após a ressaca, outros para tomarem o café com tapioca sobre a aurora que chega e também atraídos pela beleza do encantador Rio Amazonas chegou um recado do seu João para seus filhos:

— Vocês vão vir passar as férias aqui? Estamos esperando vocês, está na época do jandiá, e do açaí. Não precisa trazer rede, não precisa trazer nada. Compramos uma saca de farinha. Tudo nós temos aqui.

A vida de seu João foi dentro de um barco, deve ser por isso que Alice sua filha tem tanto encantamento quando vai visitar a casa do artesão e a Beira Rio, seus olhos brilham quando vê aquela imensidão de água, relembra sua infância, quando ficava horas boiada em cima de um pau boiante na maré, fica impactada quando vê as canaranas viajando no rio por conta própria. Outro dia, ao conhecer a casa do ribeirinho, passou horas conversando com um bule abandonado no museu. Lembrou de sua tia, que nunca deixara o café do bule esfriar, preto do fogo a lenha, era a panela mais feliz que tinha em seu lar. Também ficou muito encantada ao rever esses mesmos fogões na casa do ribeirinho situada no museu às margens do Rio Sacaca.

Alice é a segunda filha de Seu João, única, que se preocupa com as formigas do terreiro, única que ajuda nas reformas e manutenções do barco de seu pai, também a única que ainda visita os pais que moram no interior, na ilha do Pará, às margens do rio Amazonas.

Dessa vez Alice recebeu o recado de seu pai João que está esperando em seu aconchego; é uma mulher sofrida, criou os filhos sozinha até casar novamente com o Antônio, homem sem estudo, porém nunca deixou o sol lhe pegar na cama, dizia sempre para a Alice: - emprego não tem, mas trabalho tem muito. Agora, os dois têm a companhia um do outro e a missão na vida de manter a casa e criar os filhos, os mesmos que hoje retribuem com rebeldia, nunca fizeram um frango para eles, mesmo seus pais morando longe, nunca deixaram de ajudá-la, com muito carinho e alegria, sempre vai ao porto de Santana pegar mantimentos para o sustento de sua família, sua bicicleta vem rodeada de garrafas de açaí, urucum, camarão, peixes e chicórias, sua felicidade agora está na labuta diária de lutar para que seu lar esteja sempre em harmonia, gosta de ser chamada de “guardiã do lar”. Ela já arrumou as malas, comprou as bolachas vitória que relembra sua infância, já arrumou uma sacola de roupas usadas para dar às suas primas, são momentos felizes vividos por ela, momento que está tentando repassar aos seus filhos, o quão é o importante

o interior na vida deles, os filhos não querem acompanhá-la, pois dizem uns aos outros que lá não tem nada pra fazer. Não tem internet, só tem uma TV, e muito carapanã, mas um acordo já foi feito, ou vão visitar os avós, ou ela não compra o celular novo na loja.

Seu João está aguardando os filhos com a panela no fogo, com o açaí já debulhado, o casco está bem lavado, a dona Raimunda já lavou os peixes com limão, tem jandiá assado no fogo à lenha. Momento de felicidade de seu João. Porém, a água já vazou e a família ainda não chegou, o telefone não pegou mais, no rosto do casal nota-se a ansiedade, preocupados, se aconteceu alguma coisa, já era para terem chegado, a vizinha passa no casco remando. Seu João olha para o fogo com a lenha já quase apagando, o peixe já esfriou.

— Hoje em dia os pais não ligam para os pais. De longe ouve-se o barulho do barco, chegou perto, mas passou era um barco de outro rio. Seu João amola o terçado e resolve ir limpar seus açaizais. Acostumado a matar seus problemas e dores no trabalho.

Já que eles não vieram, vou para mata, de longe se ouve outra “zuada de barco”. Agora é eles. Resmungou Dona Raimunda. Nunca o barulho do barco foi tão esperado, sua filha não imagina, o quanto é amada, o quanto é esperada, o dia será diferente, Alice está chegando e dessa vez o barco não volta solitário pela Amazônia. Seu João está ansioso, muito feliz; ouvindo o barulho do barco.

O BRUXO

Ademir Pedrosa Araujo

Ganhou a alcunha de Bruxo depois que foi preso e torturado na masmorra da Fortaleza São José de Macapá. Imputaram-lhe crimes que nunca cometeu. Diziam que ele engasgava mulheres e comia criancinhas, na hora neutra da madrugada.

Bruxo é visto pedalando pelas ruas da cidade a sua magrela bicicleta francesa, que ele chama de vélo, e que é seu veículo para toda obra. Ele exhibe um farto bigode grisalho e tem eternamente sobre a cabeça uma boina de origem basca, uma espécie de boné sem pala, que lhe esconde a calvície e que lhe dá o ar taciturno e circunspeto.

O apelido de Bruxo é alusão ao seu aspecto bizarro, dá a impressão de ser corcunda devido à postura curvilínea das costas quando pedala. Talvez seja sequela da tortura que sofreu quando foi preso. Seu castigo parece não ter fim, pois frequentemente sofre a estúpida avacalhação dos moleques de rua que lhe jogam pedras e lhe xingam de feiticeiro numa algazarra festiva. Ele suporta estoicamente a humilhação ainda que tenha a idade suficiente para ser avô ou bisavô dos meninos aloprados, o velho bruxo.

Há um casal de jovens que vive numa velha Kombi – Ferdinando e Adalgisa. Eles estacionam o carro em uma rua qualquer, ou numa praça, e sua morada vira um ponto de venda. O estabelecimento ambulante tem nome autóctone e personalista: Baiúca da Adalgisa. Bruxo costuma ir à baiuca para tomar sua cachacinha costumeira, e por ser um frequentador assíduo acabou por fazer amizade com o casal dono do bar.

Ferdinando e Adalgisa desde sempre preferem chamar de Mago ao apelido esdrúxulo e caricato de Bruxo. Quando eles revelaram que queriam tratá-lo de Mago, Bruxo deu de ombros, pois sempre aceitou a irrogação do apelido mesmo porque mago e bruxo é tudo a mesma coisa, costuma dizer, ambos lidam com a magia, que é a arte de resistência desde à época da Inquisição.

— Mago — disse Ferdinando —, hoje é o aniversário de minha amada Adalgisa, 10 de setembro de 1989. Hoje ela faz vinte e duas rissonhas primaveras.

— Joyeux anniversaire, madame. Seu aniversário é num dia especial. Aliás, todos os séculos têm a data 10 de setembro do ano de 89; por exemplo, 10-09-1689, 10-09-1789, 10-09-1889 e etc., quando você retira o mês e o século dessa data, restam quatro algarismos: 1, 0, 8 e 9. Esse é o número mágico, cabalístico: 1089. Quer ver?

Ele pediu de Adalgisa parte do número de seu CPF com três algarismos distintos, e ela citou: 392. Ele ensinou como fazer a operação matemática. Escrever o número de trás para frente e subtrair o menor do maior: $392 - 293 = 099$. Agora inverter esse resultado e fazer a soma: $099 + 990 = 1089$. Com qualquer número que se fizer essa operação, o resultado será sempre: 1089, o número mágico. É só experimentar!

Ferdinando resolveu desafiar Mago com uma charada:

— Se um pato botar um ovo em cima da linha do Equador, o ovo fica em pé?

Quando Mago se preparava para responder, Ferdinando foi atender a um cliente.

Quando desocupou não viu mais o amigo e pensou que ele tivesse ido embora. Mas que nada! Mago deu a volta de bicicleta na Praça, passou lentamente em frente ao bar e respondeu à pergunta capciosa de Ferdinando:

— Pato não bota ovo.

Adalgisa riu, fez um gesto álcere e espalhafatoso, e disse a Ferdinando:

— Você bem que podia ir dormir sem essa, mon amour.

Mago frequenta quase que diariamente a longínqua e pequenina Igreja de Santa

Edwiges. É visto sentado no mesmo banco, próximo da janela de vitrais cuja luz ajuda a iluminar a leitura dos livros que lê no sossego das tardes mornas e no silêncio epistêmico da Capela. Certa vez, Ferdinando se aproximou sorrateiramente por trás dos ombros de Mago para espiar o que ele lia, quando ouviu o mestre sussurrar por trás de si:

— O que você quer, Ferdinando?

Mago fechou o livro e o repousou no regaço do colo, Ferdinando espichou o pescoço e pôde ver a capa onde estava escrito: O Aleph, Jorge Luís Borges. Pensou que fosse a Bíblia — não era. Pediu desculpas e foi embora.

Mago chegou meio que atabalhoado ao largo do monumento do Equador, reconheceu a Kombi dos amigos estacionada próximo dali, e pedalou até lá. Bateu no vidro embaçado do carro. Ferdinando abriu a janela. Mago perguntou as horas. Adalgisa estreitou os olhos para consultar seu minúsculo relógio de pulso, e disse que era 1h12 da madrugada. Ele conferiu com o seu relógio de bolso e constatou a exatidão da hora.

Ferdinando quis saber:

— O senhor não me leve a mal, mas pode me dizer o que faz aqui a esta hora?

Mago temperou a garganta, tossiu a sua tosse vetusta, pigarreou e falou:

— Olha, se vocês pensam que estão trepando olímpicamente em cima da linha que divide o mundo, estão enganados. Houve um erro de localização ao construir o monumento. Une petit oiseau vert me contou que a verdadeira linha imaginária do Equador passa logo ali, à distância de 20 metros daqui. Hoje, 23 de setembro de 1989, é o dia do Equinócio, que acontece daqui a pouquinho, à 1h19. Tenho de ir. Au revoir.

Mago se posicionou diante de uma trilha fosforescente que surgiu no chão, começou a pedalar na direção para onde a trilha de luz apontava. Acelerou as pedaladas e a bicicleta começou a levitar: primeiro, a roda dianteira se ergueu do chão; em seguida, a bicicleta inteira se empinou no ar como uma aeronave sem asa. A tempestade de raios, relâmpagos e trovões, mas sem uma gota sequer de chuva explodia na escuridão. Um cone de luz cintilante se projetou do céu e uma força imantada atraía a bicicleta mágica do Mago. Subitamente a tempestade cessou, sem deixar vestígios de nada. Mago foi abduzido e desapareceu entre as estrelas naquela noite de Equinócio.

Ferdinando e Adalgisa, ao lado da Kombi, assistiam de mãos dadas à cena magnífica e cinematográfica, e nem se deram conta que estavam completamente nus. Ficaram impassíveis ante o espetáculo, não entendiam direito o que de fato acontecia.

Algo caiu do alto e balouçava no ar como uma folha seca até pousar vagarosamente no chão. Adalgisa, despida, correu até lá e juntou o objeto. Ela reconheceu: era a boina surrada do Mago. Premeu o boné entre os seios nus e se abraçou com Ferdinando. Eles entraram na Kombi, acenderam outro diáfano cigarrinho de maconha e partiram. Nunca mais se ouviu falar no Bruxo, nem no Mago — nem em Paul Lerouge.

O CONTO DA MATA

Ezedequias de Souza Correa

Contam os mais velhos que a natureza sempre cobra de quem não se contenta com o que tem e sempre quer ter mais.


Na vila de Açaituba morava um homem, o nome dele era Angelino. Era muito trabalhador, isso não se pode negar, mas Angelino era também muito ganancioso, ele gostava de caçar todo dia, para que todo dia sua geladeira estivesse sempre abastecida de comida. Esse homem não tinha piedade dos bichos da floresta, ele matava desde os bichos que habitavam o alto das árvores até os que viviam nas entranhas dos rios e igarapés.

Observando a ganância de Angelino a mãe natureza considerou que aquela situação não poderia continuar, por isso resolveu intervir. Certa noite, quando Angelino estava no meio da mata, procurando a quem pudesse fazer mal, ele avistou um grupo de guaribas que se agitavam nos galhos de umas árvores, procurou a que estava mais próxima e atirou com sua espingarda, porém o tiro pegou de raspão.

O animal ficou dependurado nos galhos das árvores, enquanto Angelino se preparava para dar outro tiro. Novamente ele mirou no bicho que já estava ensanguentado, porém quando apertou o gatilho uma luz muito forte embaçou sua visão e ele ficou tonto e desorientado no meio da mata, quando recobrou a visão percebeu que já não havia nenhuma guariba por perto e pensou consigo mesmo que já não valia mais a pena continuar com aquela caçada, por isso resolveu ir embora.

Quando finalmente guardou a sua arma percebeu que uma febre começava a se apoderar de seu corpo, parecia que a cada passo que dava a febre aumentava, e junto com a febre veio a tontura, e junto com a tontura veio a desorientação, e pareceu que os caminhos da mata haviam se fechado diante de seus olhos e a floresta que ele tanto conhecia passou a ser um território estranho onde ele nunca havia postos os pés.

Andando febril e desorientado começou a ouvir gritos, mas não eram gritos de gente, e sim de animais. Ele já tinha ouvido aqueles gritos antes, eram gemidos de apelos, grunhidos que evocavam pela sua piedade. Eram os gritos dos animais que ele mesmo havia matado, os bichos que foram mortos por sua ganância.



Num relance pareceu ter enxergado o vulto de uma mulher que se esgueirava por entre as árvores. Não era uma mulher comum, na verdade parecia aos seus olhos que aquela mulher não andava, mas voava por entre as árvores, e parecia que ela estava vestida de folhas e os adereços que enfeitavam seu corpo eram as flores que nasciam no interior da mata.

Andou cambaleante mata adentro e com muito esforço chegou a uma baixa onde pôde se refrescar com a água fria das nascentes que surgem no seio da vegetação. Angelino fechou os olhos para pensar um pouco, para arejar as ideias, quando os abriu já não mais estava na mata, encontrava-se deitado na ponte que dá para a vila onde morava, mas não sabia como havia chegado lá.

Deitado na ponte, mas ainda distante de sua casa, ele foi avistado por alguns moradores da vila. Ao constatarem que Angelino não estava bem eles o levaram para a casa de dona Jesuína, a curandeira do lugar. Lá ele foi devidamente tratado com as ervas colhidas na floresta, mas custou ainda a recobrar a consciência.

Depois de alguns dias, e já recuperado, Angelino pôs-se a pensar sobre o que aconteceu naquela estranha noite na floresta. Relembrou com muito esforço de todos os eventos que sucederam naquela ocasião e ponderou consigo mesmo que talvez fosse a hora de aposentar sua espingarda e deixar os bichos da floresta em paz. Desde então Angelino, que era um matador impiedoso, passou a ser um defensor de todas as vidas existentes na floresta.

O MITO DAS MULHERES-MIRITI

Rodrigo Corrêa Mergulhão

Em tempos antanhos, uma diminuta população Parikwene habitava os arredores da atualmente alcunhada Stonehenge do Brasil — o Parque Arqueológico do Solstício. Herança tupi milenar, os miritizeiros da região estendiam-se até o litoral do território, banhado pelo oceano Atlântico. Eram estas árvores a fonte do principal alimento desses Parikwene.

Ali, entre suas e seus, havia três mulheres-miriti. Avó, mãe e filha. Longos cabelos vermelhos, pele amarela ocre, olhos cor de marfim. Àquele povo, personificavam o miriti como ato de bênção do uno divino por seu sustentável consumo do plano terrestre. A cada trinta invernos, nova criança nascia: filha tornava-se mãe; mãe assumia-se avó; avó de outrora morria.

Por três vezes seiscentos solstícios, sob a paz da natureza, viveram as mulheres-miriti, os Parikwene que preservavam as rochas tocadas por inteiro pelo sol a receberem os cíclicos ritos xamânicos em honra ao fruto de casca vermelha, carne amarela e branca semente.

No início e em meados do cristão século XX, a área já estava irreparavelmente invadida por homens que não compreendiam a essência da existência na (e da) terra. Exploravam o que denominavam ouro. Desmatavam para erguerem abrigos a que chamavam colônia. Assim foi fundado o município de Calçoene, a nordeste do, à época, Território Federal do Amapá, por lei humana datada de 22/12/1956; sob o solstício de inverno deste ano.

* * *

A redivisão do município de Amapá, homônimo da hoje unidade federativa, culminou em Calçoene. Mas Nenê gostava mesmo quando tudo ali era vila, em 45, pois o nome de posse muito valia: as minas eram *do Lourenço*, a cachoeira era *do Firmino*. Ainda que jamais tivesse conhecido algum dos dois.

René Doré foi apelidado Nenê pelos barqueiros que transportavam insumo às minas extrativas do ouro local. Ai dele se soubessem que seu pai foi um filho de um

primo de Tamba; para muitos, o verdadeiro primeiro guianense cobiçador do ouro do lado brasileiro. Bastava a Nenê prosseguir quieto como faiscador. Em Caiena, ele mal comia. Devia cunhar vida nova e apagar as memórias do país natal, Guiana vizinha mais ao norte. Se conseguira o impossível, atenuar o peso do francês crioulo, o resto seria apenas difícil.

Faiscação solitária de restos de ouro às margens era trabalho sem descanso ou lucro. O sol batia forte; nem sombra ao chão fazia. O aumento do controle e da disputa não lhe alegrava há anos. A região agora se apinhava não apenas de paraenses depois do papo de que a BR-156 chegaria em breve. Nenê não suportava ser contestado. Maldita lei de 56.

Aprendeu a explorar as águas de Calçoene, em busca da “mina do Nenê”. Numa noite de início de outubro de 88, após comemorar com antigos colegas de garimpo a elevação do Amapá a estado pelo advento da Constituição Federal, as navegações de Nenê pelo igarapé Rêgo Grande finalmente fizeram-no encontrar seu tesouro ímpar.

Mesmo sob a falta de lua daquele dia 10, a figura selvagem era notável. Cabelos remetiam a fios de cobre; pele luzia feito ouro; olhos de leitosa opala brilhavam como os de felinos no escuro. A criatura esquisita era pequena. Filhote d’alguma aberração da mata. Nenê perseguiu o monstro pela floresta calçoenense até um ambiente de enormes rochas pontiagudas, de três metros de altura, fincadas ao solo a apontarem ao céu. O homem golpeou o bicho. O suor e o choro do ser bizarro exalavam açúcarados. De fato, um achado sem igual.

Nenê sufocou o animal estranho para fazê-lo interromper os guinchos de pavor. Ao longe, avistou indígenas correndo em sua direção, atraídos pelo barulho da cria, liderados por dois outros monstros também exóticos. Fugiu com o tesouro nos braços, retomando o igarapé.

* * *

O sumiço da mais jovem das mulheres-miritti afetou a história daqueles Parikwe-ne. A avó encerrou-se ao pranto demasiado e desgastante. Enquanto acordada, suas lágrimas eram tão abundantes que as demais gerações nascidas na aldeia passaram a chamá-la “avó da chuva”. Recolhiam seu choro para ofertá-lo ao rochoso templo de fé ao ciclo da natureza; à esperança de que ressurgiria a criança levada. Exausta, a avó evanesceu ao leito por poucos sóis para depois, desperta, chorar com mais pesar.

A mãe fez-se de dor errante. Andava por terras percorrendo sozinha a mata e as águas dos Parikwene e os caminhos e as colônias dos homens. Em seu espírito, sentia que devia recuperar a filha. Aquela aldeia não mais seria lar sem as mulheres-miriti. Os miritizeiros não nasceriam aos montes. Os solstícios de inverno transcorreriam, mas a filha não se tornaria mãe. A mãe não se assumiria avó. A avó não desfrutaria do destino de transformar-se em nova semente.

* * *

Há quem diga sem querer crer que, à noite, uma alma vaga pelas rodovias do Amapá. Dois pontos de luz cristalina, como par de olhos de gato, a flutuarem no escuro de uma ponta à outra da BR-156 e da Perimetral Norte.

- Se tu dizes que é amarelo e o olho clareou no farol... foi onça, mano.
- Não pode ser onça, mano! Onça não anda de dois!
- Mas então era amarelo tipo o quê? Tucupi? Taperebá?
- Miriti.

Outros, em Pracuúba, contam sem querer rever que, no rio Flexal, algo confunde quem por ali se banha de madrugada: mesmo quando é lua nova, às vezes dá pra avistar uma fogueira muito dourada acesa do nada e por ninguém e que surge ali e acolá e entra na mata sem queimá-la e some e surge de novo lá pela Região dos Lagos.

Um casal de comerciantes do fim da rua Teodoro Antônio Leal, em Calçoene, jura que dá, sim, para ouvir um inquietante som de lamento quando caem as chuvas intermitentes da cidade. Basta prestar atenção. Uma vez, o caçula, estudante do Curso Técnico em Logística, do Instituto Federal do Amapá, foi visitar os pais calçoenenses durante as férias do Campus Avançado Oiapoque. Levou consigo dois aparelhos registradores de amplitudes de ondas sonoras de baixíssima intensidade que comprara justamente para tirar logo a limpo essa história que crescera ouvindo sem querer ouvir. Antes orgulhosamente ateu, hoje o rapaz, toda vez que lá está, é voluntário na gestão administrativa da Paróquia Divino Espírito Santo e lidera a procissão do Círio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município — que ocorre a cada dezembro.

OPERAÇÃO VERDE

Iraguacema Lima Maciel/ Iramel Lima (nome literário)

O jacaré despertou de seu descanso habitual, sentindo um odor forte no rio Marupi e observou a água com uma cor muito escura. Nadou para outro local, diversos animais também se aproximaram assustados.

A sucuri alertou sobre o problema no rio e não sabia a causa daquilo. O tucano disse que poderia investigar, o problema era grave e precisavam tomar uma atitude para defender o rio e a floresta. O jacaré-açu afirmou que ficariam aguardando o retorno dele.

No fim da tarde, o tucano regressou muito cansado e relatou que os garimpeiros se encontravam instalados às margens do rio Marupi, nas terras do Oiapoque. Afirmou ainda, a existência de vários acampamentos e a situação era gravíssima. O jacaré sugeriu a destruição dos acampamentos e das máquinas. A sucuri propôs que poderia ajudar, chegando de surpresa e causando uma grande onda que levaria tudo. O tucano refletiu e advertiu ser mais prudente não sacrificar a vida dos garimpeiros, por isso, era preciso afastá-los antes da destruição dos acampamentos. Poderiam chamar as vespas ou as saúvas para atacá-los. Após essa ação, a sucuri provocaria a onda.

A lontra destacou que seria melhor o ataque dos dois insetos, assim, os garimpeiros não teriam como se protegerem, ficariam sem alimento e fugiriam imediatamente. O jacaré concordou que o ataque de ambos forçaria a retirada de toda a população daquele local, porque ficariam com medo do veneno das vespas e também sem alimentação.

O tucano organizou a operação, propondo que no dia seguinte, as vespas e as saúvas realizassem o plano bem cedo. Ele ficaria observando a fuga dos garimpeiros, logo que não houvesse pessoas no acampamento, avisaria a sucuri para provocar a onda. Os animais concordaram com a ideia.

No dia seguinte, as saúvas chegaram, em torno das cinco da manhã, e começaram a comer toda a alimentação estocada. Em seguida, o enxame de vespas sobrevoou o acampamento gerando pavor. Os garimpeiros levantaram

assustados e atordoados. Nas primeiras picadas dos insetos, eles começaram a correr para as embarcações e fugiram. O enxame seguiu as embarcações até ficaram bem distantes.

O tucano avisou a sucuri que os garimpeiros fugiram e ela se aproximou, causando uma onda gigante que destruiu tudo.

Os jornais do Brasil noticiaram o acontecimento. Todos se perguntavam como a natureza fez tudo aquilo. Os animais comemoraram a ação vitoriosa e decidiram formar o grupo Operação Verde em defesa da vida e preservação da natureza.

ORGULHO DE SER AMAPÁ

Keum Hee Ladica dos Santos

Quando cheguei no local onde o evento estava acontecendo, vários jornalistas já tinham posicionado seus equipamentos, outros já entrevistavam autoridades e outros apenas contemplavam a beleza de uma manhã no Mercado Central. Não era uma simples manhã, mas sim a manhã de aniversário de 68 anos desse espaço e coincidentemente aniversário também de 78 anos do ex-Território Federal do Amapá. Achei que não chegaria a tempo, tendo em vista que a programação começou cedo desde as primeiras horas do dia.

Me aproximei mais do local, o sol estava de um jeito amapaense de ser e a grama estava fofa, havia uma euforia no ar. Vejo que todos olham em uma direção e de repente lá estava a personagem do dia: a famosa cápsula do tempo. Todos estavam à sua volta como se ela abrigasse o nosso futuro, mas aquilo era o nosso presente.

O que seria uma cápsula do tempo? Nada mais do que um simples recipiente feito especialmente para guardar objetos ou informações com a finalidade para serem abertos pelas gerações futuras, preservando o presente.

Na cápsula estavam cartas e recordações de crianças de todas as partes do estado para serem abertas no centenário de aniversário do território, em 13 de setembro de 2043. Agora uma sensação de mistério, curiosidade e até esperança paira no ar enquanto todos observam a cápsula ser fechada. A iniciativa é feita por um grupo político presente, mas eu me atento à história que está sendo registrada.

Do outro lado da rua, as pessoas observavam com curiosidade a programação de longe, assim como os comerciantes que mesmo em feriado estavam abrindo seus estabelecimentos. Curiosa, eu caminho até um pequeno grupo de trabalhadores do local e pergunto se podem me conceder uma entrevista. Um senhor chamado João me responde educadamente “Mas é claro”. Descubro que ele trabalha no espaço há mais de três décadas.

Enquanto aguardo ele terminar de abrir sua tímida loja de sapatos, observo a movimentação no local, a banda da Guarda Municipal tocava o hino do estado. Quando a solenidade termina, a maioria dos presentes se dirigem para dentro do

Mercado. Risadas pairam no ar. Alguém diz “Não demorem muito, senão não sobra bolo!”, mas ao em vez de ir, posicionei a câmera e o microfone para a entrevista. Entre uma conversa e outra vejo o entrevistado lentamente vindo até mim.

A história que contavam na escola é que foi visando fatores estratégicos e econômicos que no dia 13 de setembro de 1943 foi criado o então Território Federal do Amapá. A região foi desmembrada do estado do Pará, e teve como seu primeiro governador Janary Gentil Nunes. Ele foi importante para estruturação física e política do território, pois realizou várias obras que até hoje são consideradas como marcos históricos na criação do estado. O Mercado Central foi uma delas, sendo inaugurado no dia 13 de setembro de 1953, dez anos após a transformação do território. O local era ponto de encontro para compra de alimentos e abrigou empreendedores que foram importantes para o início das atividades comerciais do estado. O estabelecimento contém memórias vivas que ajudam a contar a história do comércio local.

Na programação de aniversário, além do plantio da cápsula do tempo, foi plantado um açaizeiro que vai crescer ao seu lado. E também foi o lançamento do box de livros “Amapá: Mitos e Histórias” que conta com narrativas que valorizam a cultura amapaense.

Com o tímido comerciante já ao meu lado, antes de iniciar a entrevista dou uma olhada rápida para a estrutura do mercado. A luz do sol que reflete o estabelecimento dá um ar esplendoroso para o espaço.

Começo perguntando o que o espaço representa para ele, que me retribui com um olhar de como se a resposta fosse óbvia, mas diz com muita paixão: “Esse foi o lugar onde nasci, cresci e estou até hoje. É a minha casa, e pretendo permanecer nela até minhas próximas gerações. Além do mais, hoje é a nossa certidão de nascimento, é a nossa data de nascimento, 13 de setembro de 1943 viu nascer ao Brasil e ao mundo o território do Amapá. Esta terra é de um povo que é vocacionado a ser feliz. Pra cá ocorreram migrantes [do qual fui um deles] de todos os cantos para constituir e formar este território, essa parte do país”.

Noto seu tom de voz o orgulho pelo que fala, e me impressiono quando conta sobre sua contribuição para a história do espaço. Desde a inauguração do Mercado em meados da década de 50, seu João ainda era uma criança quando chegou em Macapá junto com a família. Todos os dias ele acompanhava o pai no trabalho diário de sapateiro, onde tinha um pequeno espaço dentro do mercado. Logo que seu

pai morreu, João assumiu o seu lugar desde então e viu o espaço se transformar ao longo dos anos. Por todos percalços que passou durante a vida, seu João ainda possui um brilho no olhar.

Em seguida pergunto sua opinião sobre o plantio da cápsula do tempo, que até então para mim é uma novidade fazerem iniciativas como essa. Ele prossegue com uma sinceridade esperançosa: “Eu creio que a cápsula possui sonhos e desejos para podermos colher nos anos seguintes. Ela será aberta em 13 de setembro de 2043, quando essa terra completará 100 anos. Eu não devo estar mais aqui, mas espero que um dia no futuro possa ser construído um Amapá generoso para aqueles que no dia a dia dão tanto por essa terra”.

Enquanto ele fala me pergunto como as coisas vão ser daqui a 22 anos, percebo que não tenho muitas expectativas quanto ao meu próprio futuro. Como se ele estivesse lendo meus pensamentos, Seu João diz “Um povo não vive sem esperança. Essa terra é onde nossos ancestrais ensinaram que o seu povo tem vocação para ser feliz. E será, basta termos confiança e crença nisso”.

Após essa fala otimista há uma pausa para água por conta do calor, vejo outros olhares observando a entrevista, mas não me deixo intimidar.

Vendo através da câmera pergunto quais são os desafios a serem alcançados pela frente, ele com um olhar distraído, mas, ao mesmo tempo, confiante, fala sobre a situação que o estado enfrenta por conta da pandemia, “Nós estamos vivendo um momento muito difícil de crise sanitária, de crise pandêmica, de crise social, acho que com o plantio dessa cápsula é necessário pra vislumbrarmos como vamos superar isso. Pra nós vislumbramos o que nós queremos daqui a 22 anos”.

Por um instante tenho a sensação que ele esquece que é uma entrevista e me diz em tom de conversa: “O fato de falar com vocês aqui de máscara mostra a circunstância que nós estamos vivendo. Essa gravação aqui quando estiver no ar daqui a 22 anos, uma geração como a sua vai perguntar “mas por que ele estava de máscara?”. No momento desta fala uma brisa leve agita meus cabelos.

Com os olhos cansados ele conta que não temos muito o que celebrar, mas este dia é uma data muito simbólica e que não poderíamos deixar passar em branco. Vejo que alguém o chama e agradeço a entrevista. Na despedida ele me fita com um olhar esperançoso e diz “Guardem bolo para mim!”, agradeço a generosidade e me despeço.

Debaixo da lona, agora sozinha, observo as equipes finalmente lacrando e plantando a cápsula em seu lugar. Me pergunto o que escreveram para a cápsula do tempo, bem, talvez em 13 de setembro de 2043 nos vemos de novo.

O RIO E A CASA ASSOMBRADA

Fernando Castro Amoras

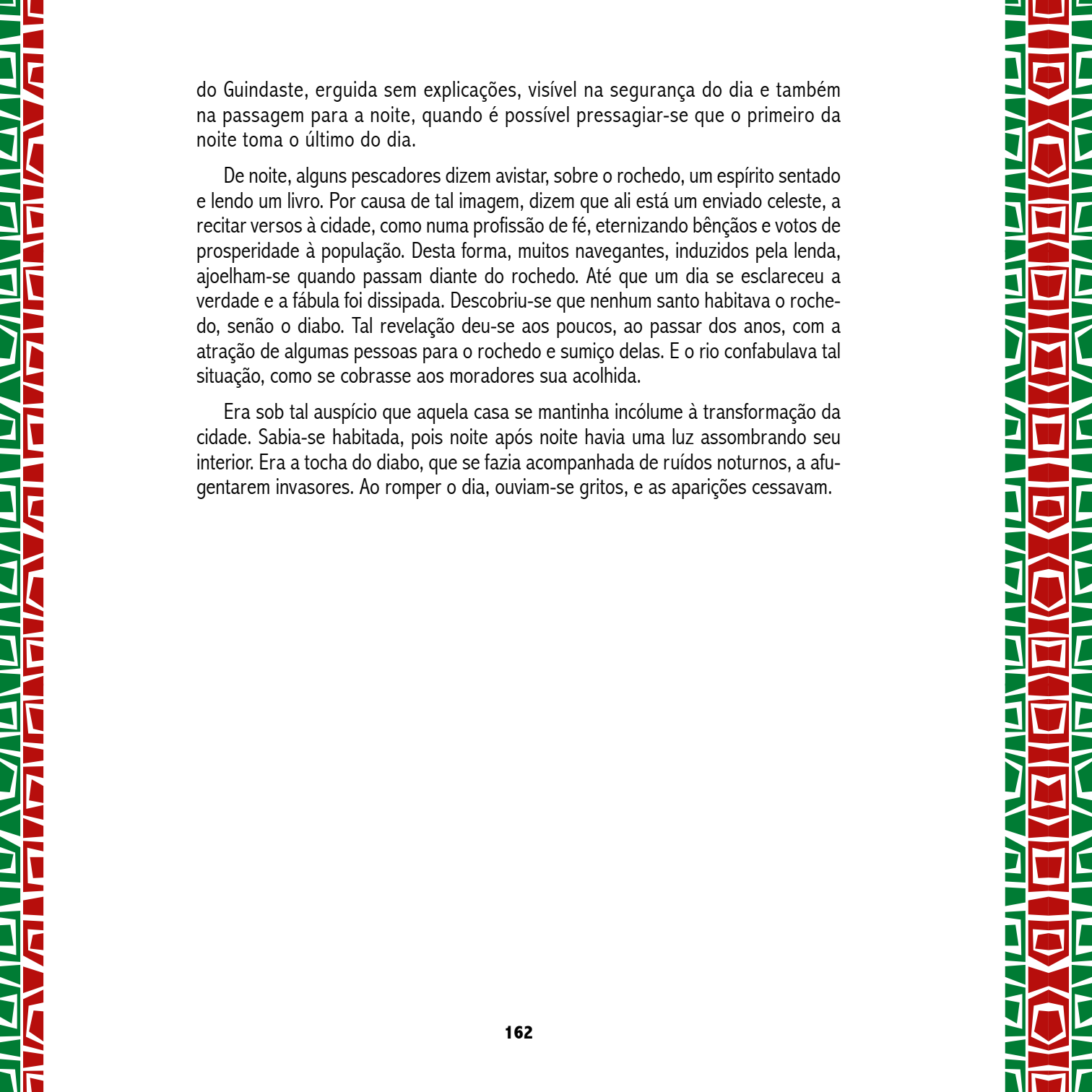
Esta história aconteceu na cidade de Macapá, em que desde sua criação, os moradores postaram estrategicamente suas casas próximas ao grande Rio Amazonas. E assim a cidade surgiu, com suas ruas e avenidas a montarem um complexo labirinto, que dir-se-ia, grosso modo, ser a construção da moradia do Minotauro, com as casas venezianas sorvendo o ar úmido do rio, apesar de estar-se situado sob a linha equatorial, e por isso só o ar terrestre era quase irrespirável, quase morto.

A data presente é 1930, mês de abril, e conquanto sua evolução e desenvolvimento urbano, uma parte da cidade conserva seus caracteres originais; a outra é o próprio reflexo de uma metrópole contrastante e importada, feita aos moldes de seus habitantes e políticos.

O Rio Amazonas é semelhante a um oceano, em que se o olha, e se nele espelha toda a força incalculável de seus seres disformes. É este rio que se avassala ao oceano, mas escraviza os raios do céu imperioso, que consegue rasgar os véus do espaço, esperando furiosamente quem lhe venha desvendar seus mistérios, e os mistérios do infinito.

Muitos tinham construído suas casas à margem do Amazonas, e com o adensamento populacional, aqueles moradores iniciais, forçosamente à velhice, passaram suas propriedades aos descendentes e estes aos seus. E estes, a cada vez que se apropriavam dos bens dos avoengos dos seus avoengos, achavam por critério pessoal modificar a aparência e estrutura de suas residências. E tal mudança consequente é a única permanência que se pode notar em Macapá.

Todavia, uma casa permanecia tal como fora em seus primórdios, ressalvado seu retardado envelhecimento, proveniente de sua resistência aos séculos e às décadas, em que se vê seu embate com os elementos naturais. E é por causa desta sua tenacidade que, imagina-se, foi que por bem aprouve o rio erguer-lhe um monumento às suas vistas, como símbolo de reconhecimento de uma amizade sobrenatural. Este monumento constava de um rochedo, a Pedra



do Guindaste, erguida sem explicações, visível na segurança do dia e também na passagem para a noite, quando é possível pressagiar-se que o primeiro da noite toma o último do dia.

De noite, alguns pescadores dizem avistar, sobre o rochedo, um espírito sentado e lendo um livro. Por causa de tal imagem, dizem que ali está um enviado celeste, a recitar versos à cidade, como numa profissão de fé, eternizando bênçãos e votos de prosperidade à população. Desta forma, muitos navegantes, induzidos pela lenda, ajoelham-se quando passam diante do rochedo. Até que um dia se esclareceu a verdade e a fábula foi dissipada. Descobriu-se que nenhum santo habitava o rochedo, senão o diabo. Tal revelação deu-se aos poucos, ao passar dos anos, com a atração de algumas pessoas para o rochedo e sumiço delas. E o rio confabulava tal situação, como se cobrasse aos moradores sua acolhida.

Era sob tal auspício que aquela casa se mantinha incólume à transformação da cidade. Sabia-se habitada, pois noite após noite havia uma luz assombrando seu interior. Era a tocha do diabo, que se fazia acompanhada de ruídos noturnos, a afugentarem invasores. Ao romper o dia, ouviam-se gritos, e as aparições cessavam.

O OVO FICOU EM PÉ

Midiam de Oliveira França

Era por volta de mil novecentos e tantos quando andava por aqui, de passagem, um caboclo por nome Zé do ovo.

Zé do ovo, vendia ovo, mas além de vender, comia, e comia muitos ovos, por tanto o nome.

Nesse período as duas cidades mais povoadas dessas redondezas eram Macapá e Santana, a estrada mesmo era de chão, transporte burrico puxado por carroças, quando tinha, e Zé do ovo não tinha esses luxos, precisava se locomover a pé.

Certo dia, Zé ia pra Santana, a pé, vender ovos.

Era por volta do meio dia, sol a pino, e Zé ia ali por perto do Jardim Marco Zero, como é conhecido hoje, naquele tempo sem nem uma habitação e mata a perder de vista, Zé sentiu fome. Puxou de seu bernal um ovo, meio descuidado.

O ovo caiu a seus pés e rolou até mais adiante uma certa distância e parou ali em pezinho. Zé achou aquilo incrível, e tentou repetir a proeza. Lançando mão de outro ovo, arremessou pelo mesmo caminho do primeiro, que rolou e parou mais a frente, em pé novamente.

Zé procurou por ali um pedaço de pau e marcou aquele lugar, pois já ouvira falar que o Amapá tinha muitas histórias pra contar.

Zé seguiu seu caminho às vendas. Passado algum tempo caminhando de ida, mais algum tempo caminhando de volta, era por volta das 16h, quando passou de retorno pelo mesmo lugar e Zé teve outra surpresa... olhando para o ponto onde havia marcado, o sol batia sobre o “marco” que Zé colocou para identificar o lugar onde o ovo ficou de pé. Ali, bem ali, naquele mesmo lugar, o sol lançava sua luz e formava uma linha que ia a perder de vista em direção ao Rio.

Zé foi-se de Macapá para outros lugares, mas mesmo depois de muito tempo não esquecia o lugar onde o ovo ficara de pé. Tentou em outros lugares, de várias formas, mas nunca mais conseguiu.

Passado se algumas décadas Zé voltou ao Amapá a passeio, pois já não vendia ovos como mascateiro, prosperou, virou Senhor comerciante.

Em Macapá, Zé resolveu passear na cidade vizinha, onde outrora tinha muitos conhecidos que lhe compravam ovos.

Zé já não ia a pé, ia de automóvel, pois agora havia outros meios de se locomover. Quem diria... Isso não foi só o que mudou, no lugar das matas, muitas casas, a estrada de chão por onde andava agora era de asfalto, até que...

Uma movimentação parou sua viagem. Zé curioso que só, desceu do carro, se juntou à multidão para olhar.

Muitas pessoas se reuniam em baixo de uma enorme torre com um círculo no meio, lá no alto, Zé não entendia o que chamava tanta atenção, mas de repente ao olhar para cima, os raios do sol cruzaram por aquele buraco lançando sobre a terra uma linha que ia dar lá no Rio.

Zé então lembrou de anos atrás, um dia qualquer, enquanto andava por essas terras e a deixou um ovo cair.

SÓ MAIS UM CASAL FELIZ

Ana Livia Ramos Costa

Carolina acordou com uma agonia em seu coração. Era mais uma daquelas noites em que suas lembranças tomavam os seus sonhos e faziam com que despertasse sem fôlego. A menina se revirou no colchão, tentando encontrar o sono perdido. Sem sucesso.

Suas noites eram vazias, lembrava dos majestosos olhos azuis de Heitor, agora ela não podia ver nada azul que bile invadia a sua garganta. As lembranças de seus dias com Heitor invadiram a sua mente, deixando a pobre menina sem opção, a não ser reviver toda aquela trágica história.

Tudo começou quando sua família se mudou para Macapá, graças ao trabalho de seu pai como construtor. Isso sempre acontecia, Carolina sempre se via obrigada a deixar tudo para trás em prol do trabalho do pai, mas tinha algo diferente com a nova cidade, algo promissor.

Foi no primeiro dia de aula no IFAP que conheceu aquele que viria ser o amor de sua vida. Heitor era um menino alto, de pele morena clara e olhos azuis hipnotizantes. Carolina era insegura em relação a sua aparência, possuía cabelos compridos castanhos, um corpo comum e olhos castanhos mais comuns ainda, achava ser uma menina sem graça. Contudo, a menina chamou a atenção do belo rapaz, os olhos dele chegaram antes de tudo, eles eram o nascer do mundo, não existia nada a não ser eles.

Carolina agradecia a todas as entidades que conhecia, assim que viu Heitor se aproximando. Meio sem jeito o menino lhe disse:

- Olá, és nova em Macapá?
- Sou sim, cheguei semana passada.
- Seja bem-vinda então! Eu me chamo Heitor, qual o seu nome?
- Sou Carolina, é um prazer te conhecer.
- Ei, gostaria de tomar um sorvete comigo na orla?
- Com certeza! Quer dizer, sim, minha agenda está vazia.

— Ótimo, vejo seu rostinho lindo mais tarde.

Eles se despediram e seguiram caminhos diferentes na escola, um milhão de borboletas estavam enlouquecidas em seu estômago. Aquele era o início do fim.

A não ser a parte em que provavelmente conhecera o seu futuro marido, o dia na escola foi péssimo. A menina que se sentara a seu lado na sala de aula era uma vaca mítica, Verônica era o seu nome. A menina tinha cabelos negros iguais petróleo e olhos verdes bonitos, a não ser a sua aparência, tudo nela era feio. Verônica era uma menina mimada e arrogante, e por algum motivo que só Deus sabia, ela resolveu implicar com Carolina, debochando e rindo de tudo o que a menina dizia na aula. Ok, Carolina decidiu não procurar briga, se bem que a menina era faixa laranja no judô, Verônica não teria chance, mas não, teria um encontro em pouco tempo, não poderia aparecer lá com marcas de briga.

A menina contava os minutos para a aula acabar e finalmente encontrar Heitor. Quando ouviu o som da campainha da escola soando, saiu correndo para poder encontrar aqueles olhos azuis. Heitor foi um tremendo cavalheiro, a orla da cidade de Macapá era muito romântica ao fim de tarde. Os pombinhos conversaram e riram por horas, horas essas que passaram voando. No final do encontro, Heitor se disponibilizou para levar Carolina para casa, quando chegaram e foram se despedir, Heitor roubou um beijo da menina e ela logo roubou um beijo dele também. Ela poderia morrer naquele momento, que partiria feliz. Eles se despediram e Carolina entrou em casa, ela ficou repassando todos os detalhes daquele encontro perfeito em sua mente antes de dormir, suspirando de amor sempre que lembrava daquele beijo roubado.

Acordou com o som dos anjos cantando ao pé de seu ouvido, o dia seria esplêndido. Não foi. Ao chegar na escola, Carolina percebeu que Heitor estava tendo uma discussão com Verônica, ele saiu sem perceber que a menina estava perto, mas Verônica percebeu a sua presença, com toda a sua arrogância, Verônica disse:

- Olha quem está aqui, a fura olho, gosta de roubar o homem das outras?
- O que? Sobre o que você está dizendo?
- Não se faça de sonsa, você roubou o Heitor de mim!
- Eu não sabia que ele namorava, ele não me disse nada.

— Agora sabe, fique longe dele!

Seu estômago estava dando cambalhotas, o seu chão estava desmoronando, não, não era possível que Heitor estivesse brincando com os seus sentimentos. Mesmo só conhecendo ele há um dia oficialmente, parecia que ela já havia o conhecido anos antes, eles se davam tão bem, Carolina procuraria respostas.

Ela ignorou o sinal da campa da escola, indicando para ir para a sala de aula. Saiu em disparada procurando por Heitor, encontrou ele perto do bebedouro, ela não pensou, apenas disse:

— Como assim você namora?

— O que? Eu não namoro, a não ser que você queira...

— Verônica disse que vocês namoravam, que eu era uma ladra de namorados.

— Nós namorávamos, ela é a minha ex.

— Então por qual motivo ela veio dizendo isso para mim?

— Ela não superou o nosso término ainda e ficou sabendo que estávamos nos aproximando, então surtou.

— Ela é louca!

— Fique tranquila, falando nisso... Sei que pode ser muito cedo, mas você aceitaria tornar isso oficial e namorar comigo? Não tem motivos para esperarmos.

— Você está falando sério? Claro que eu quero namorar com você!

Ele a carregou e girou, dando um beijo logo em seguida, o dia acabou de se tornar o mais feliz de toda a sua vida. Carolina passou o resto do dia suspirando de amor e pensando em todas as coisas que queria para o seu futuro com Heitor, eles seriam eternamente felizes.

O segundo ano do ensino médio era difícil, Carolina estava tendo dificuldade com as primeiras provas, ainda mais com Verônica enchendo o seu saco sempre que podia, ela morria de inveja de seu relacionamento com Heitor. O casal já estava completando 1 mês de namoro, Carolina não podia estar mais feliz, seus pais o amavam e Heitor havia a convidado para conhecer os seus pais também, a menina estava nervosa, e se não gostassem dela? Heitor sempre a tranquilizava, dizendo que ela era incrível e não tinha motivos para se preocupar.

O grande dia chegou, Carolina vestiu o vestido mais elegante que encontrou em seu guarda-roupa, Heitor a veio buscar em seu carro, ela roeu as unhas o caminho todo, os pais de Heitor moravam na zona norte de Macapá, em um condomínio chique. Chegando à casa de seu amado, a menina se tranquilizou, pois percebeu que os seus sogros eram tão doces quanto mel, a noite foi maravilhosa, ela se achava uma tremenda boba por estar com medo. Ao se despedir dos pais de Heitor, a mãe dele, dona Celina, a puxou para um canto e lhe disse:

- Você não me engana, garota.
- Desculpe, o que você disse?
- Minha intuição não me engana, você é problema.
- Dona Celina, eu prometo que vou fazer o seu filho a pessoa mais feliz do mundo.
- Estou de olho em você.

Carolina apenas saiu de perto de dona Celina e foi para o carro de Heitor, para finalmente voltar a sua residência. O que ela queria dizer com aquilo? Não existia uma pessoa no mundo que amasse Heitor mais do que ela, devia ser apenas ciúmes de mãe. A menina não contou a ninguém sobre essa conversa estranha.

O tempo passou rápido, já fazia seis meses que namorava com Heitor e o casal estava aproveitando muito as férias juntos. Mas tudo o que é bom dura pouco, Heitor começava a demonstrar um ciúme chato, ela não podia usar qualquer roupa, ele tinha que aprovar antes e Carolina não achava aquilo tão anormal, ela apenas queria agradecer o namorado, não se importava com as roupas.

Primeiro dia de agosto, volta às aulas, Heitor tinha sumido na última semana, não atendia as suas ligações, não respondia as mensagens, Carolina estava com os olhos vermelhos de tanto chorar, o que ela tinha feito? Estava tudo normal, eles eram felizes, ela fazia de tudo para ele e era tudo aquilo que ele queria que ela fosse. A pobre menina já havia ligado para os pais de Heitor, que disseram que ele estava em casa jogando videogame com seus amigos. O que diabos aconteceu com ele para simplesmente parar de falar com ela? Ela entenderia se ele dissesse que queria um tempo com os amigos, não precisava sumir sem dar nenhuma explicação.

Heitor não foi no primeiro dia de aula, Carolina já estava cansada, não iria procurá-lo. No intervalo, a menina foi abordada por um colega de sala, Leandro, um rapaz de cabelos castanhos e olhos cor de mel, ele lhe disse:

- Finalmente desgrudou daquele traste.
- O Heitor? Não fale assim dele!
- Ouvi dizer que ele está em uma festa louca com os amigos, pensei que tinham se separado.
- Não nos separamos, pelo menos não oficialmente
- Ele não é homem suficiente para você.
- E você é?
- Posso ser se você deixar.
- Faça um favor para nós dois e me deixe em paz
- Eu nunca faria você ficar com os olhos vermelhos de tanto chorar.

Carolina apenas saiu, deixando Leandro falando sozinho, chega de garotos, chega de tudo! À noite ela recebeu uma mensagem de Heitor, que apenas pedia desculpas e dizia que a amava, mas algo havia mudado em Carolina, algo frio havia despertado.

Quando chegou à escola no dia seguinte, Heitor veio a beijar, mas ela se esquivou e saiu sem dizer nada, era a vez dela ignorar ele. Aproveitando o seu novo estilo de menina indiferente, Carolina se aproximou de Leandro e ficou grudada nele o resto do dia, ele não reclamou em nenhum momento. Heitor estava vermelho de raiva e para se vingar de toda a indiferença da namorada, ao final do dia puxou Verônica e lhe deu um longo beijo de língua, essa retribuiu na mesma medida.

Assim que Carolina viu aquela cena, seu coração parou por um segundo, o mundo ficou em silêncio, sua cabeça rodou, ela vomitou ali mesmo. Leandro foi correndo ajudar a pobre menina, ao ir embora nos braços dele ela apenas viu Heitor e Verônica rindo e dando um outro beijo em seguida.

Os dias que se seguiram foram de pura tristeza, Carolina não comia, não ia à escola, não fazia nada além de chorar, o que ela tinha feito? Ela foi a melhor que pode, deu seu corpo, coração e alma para Heitor, o que mais ele queria?

Após uma semana dentro de seu quarto, seus pais praticamente a obrigaram a voltar para a escola, eles disseram para ela enfrentar a sua tristeza e mostrar que ela estava melhor sem ele. Ok, ela tentaria.

Assim que pisou na escola todo mundo a olhou e começou a rir, imitando o gesto de vomitar, ela ignorou, mas assim que viu Heitor e Verônica juntos e felizes, ela não aguentou. Só que não era tristeza que invadia o seu coração, Heitor a havia enganado, sem ela ter feito nada para merecer aquilo, Verônica estava no pé dela desde o primeiro dia de aula, sem ela ter feito nada para ela, mas agora ela faria por merecer.

Se sentou atrás de Verônica na aula e discretamente cortou um pedaço de seu cabelo. Esperou pacientemente o fim da aula e seguiu Heitor até um beco perto de sua casa, ela não deu tempo para ele falar nada, apenas o atacou com uma tesoura longa e bem afiada, um golpe para cada lágrima que ele fez cair. O frenesi do ato a fez disparar golpes mais fortes, mais, mais e mais, até perceber que Heitor não se movia mais. Ao final de tudo, ela pegou o cabelo que cortou de Verônica e jogou alguns fios em cima do corpo de Heitor. Depois ligou para a polícia anonimamente e reportou o corpo.

Verônica foi presa por assassinar Heitor, graças ao DNA dos fios de cabelo encontrados no corpo dele. Agora todo mundo na escola tratava Carolina como uma pobre viúva. Entretanto, o sentimento de ter dado um fim ao amor de sua vida a sufocava mais e mais.

Depois de reviver todas essas memórias, Carolina levantou de sua cama decidida a dar um fim a todo aquele sofrimento e colocar um ponto final naquele terror. Carolina acabou com a sua vida se enforcando, em sua carta de suicídio ela confessava todo o crime, o motivo: se ele não fosse dela, não seria de mais ninguém e sem ele, a vida não tinha sentido.

Foto: Aluizio Cardoso





POSFÁCIO

Com muito entusiasmo recebi o convite para escrever sobre a obra “I Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas” a obra organizada pela EDIFAP, surge no cenário nacional em um período onde a cultura tem ocupado um espaço secundário, assim, aglutinar diversos poemas e contos em um livro compõe parte de um processo de valorização da cultura amapaense, colocando à disposição da sociedade como uma ferramenta potente para o desenvolvimento social, cultural e profissional.

É importante destacar que a poesia contribui para a formação do imaginário, do jogo simbólico e, conseqüentemente, da criatividade humana. Poemas expressam a beleza e o sentimento por meio da linguagem literária e contribuem para o desenvolvimento da sensibilidade estética, construindo uma ponte entre a criança, o mundo real e tudo aquilo que é simbólico.

Poemas e contos possibilitam a construção de imagens, jogos de associações de palavras e metáforas, desenvolvendo um olhar curioso sobre o mundo e ao mesmo tempo, fortalecendo os laços da sensibilidade humana.

No modelo de vida contemporâneo, onde as relações se constituem de uma forma superficial e, onde a globalização tem exposto os seres humanos em um ritmo acelerado e ao consumo de diversas informações no qual, grande parte delas, sequer, contribuem para a constituição do conhecimento e do bem estar do indivíduo. Em um modelo de vida onde a ansiedade e depressão estão presentes em diversas famílias, ter essa obra a disposição da sociedade e o ato do seu consumo representa, também, uma insubordinação criativa aos ritmos atuais de sociedade.

É importante destacar que a obra supracitada tem um caráter de valorização da cultura Amapaense. A reunião com textos de autorias diversas, fortalece a essência da Edifap e dá vazão a coletividade artística do Amapá que, durante muitos anos, não tiveram no estado um espaço de publicidade das suas obras.

Dito isto, convido todos os leitores a mergulhar seu imaginário nos textos aqui reunidos, conclamo que após a leitura possamos socializar a obra com mais pessoas, divulgando as obras da terra feita pela nossa gente.

A cultura vive!

A poesia vive!

A Edifap vive!

Boa leitura!

Romaro Silva

Sobre os autores

Ademir Pedrosa - É amapaense nascido em Juazeiro do Norte, CE. Nunca pisou em solo cearense, pois veio para Macapá quando tinha apenas seis meses de idade — era de colo. Formado em Letras, habilitado em Língua Portuguesa, Literatura e Francês. É compositor, e as letras de suas músicas estão intimamente ligadas à literatura. Participou de diversos concursos literário pelo Brasil: Os Contistas da Amazônia, da Universidade Federal do Pará-UFPa; Fundação Cassiano Ricardo, SP; Concurso Literário de Santa Maria, RG. Representou a Amazônia na Feira de Livros de Frankfurt, Alemanha. Seu poema Poço do Mato, que retrata parte de sua infância vivida no nicho autóctone do Bairro do Laginho, virou música e foi trilha sonora do Programa Globo-Ecologia. É escritor e haicasta. E-mail: pedrosademir@hotmail.com

Adriana de Melo Andrade - Licencianda em Letras Português e Inglês pelo Instituto Federal do Amapá (2023). E-mail: adrianamello468@gmail.com

Adriany Pinheiro da Silva - Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Atual de Macapá-Amapá, Graduada em Letras e Administração nos anos de (2006) e (2010). É Professora efetiva do Quadro Estadual do Amapá. Coordena o Projeto Heróis da Leitura desde 2015 na E.E. Cívico Militar Nilton Balieiro Machado. e-mail: adrianypinheiro@hotmail.com

Aldenice Contente - Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, pela Must University. É professora da rede estadual de ensino. Graduada em Letras/ Português, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Pós-graduada em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Centro Universitário Internacional. E especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal do Amapá. E-mail: aldenicegabrielias@hotmail.com

Alessandra Tolosa Guedes Neves — Poetisa e acadêmica do Curso de Letras do Instituto Federal do Amapá. Musicista e cantora em formação pelo Centro educacional de Música Walkiria Lima no estado do Amapá. E-mail: alessandraneves147@gmail.com

Ana Anspach - Nome artístico, nasci em 08.04.1966, no Rio de Janeiro. Em agosto de 1995, mudei para o estado do Amapá e vivo na capital, Macapá. Sou filha de Sergio Simon Anspach (in memoriam) e Olga Pacheco de Carvalho (in memoriam). Sou graduada em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, pela PUC do RJ, e tenho licenciatura no Programa Especial de Formação Pedagógica para Formadores

da Educação Profissional, pela Unisul Virtual. Atuo como Assessora de Comunicação, cerimonialista, escrevo artigos técnicos na área de Marketing, manuais e livros (ghost writer). Artisticamente escrevo poesias e sou cantora. Tenho 1 livro publicado: “A Trilha do Mar”, pela editora Biblioteca 24 horas, lançado em dezembro de 2018. Participei das antologias: Antologia Café e os poetas — Volumes I e II, Antologia Poética A Beleza de Ser Negro, Pandemia: conto, crônica e poesia, Pequenos Poemas — 50 Poetas, Literatura Amapaense: Poemas Escolhidos Sarau. Brasil.2021 - Seleção Poesia Brasileira e Por Toda Poesia, da Confraria da Liberdade e Independência Poética. Em 2019 fui classificada em segundo lugar na categoria Poemas, com a poesia “Somos Anas e Marias”, composição conjunta com Eliete Miranda, na I Antologia da Academia Tobienne de Letras e Artes - ATLAS. Recebi o Certificado Destaque Cultural concedido em 8 de agosto de 2021, pelo Governo do Estado do Amapá por relevantes serviços realizados em prol da literatura. Sou membro da ALIEAP - Associação Literária do Estado do Amapá, do grupo literomusical Coletivo Juremas, da Academia de Letras Guimarães Rosa (ALEGRO) e da Confraria da Liberdade e Independência Poética (CLIP). E-mail: anspachbr@yahoo.com.br

Ana Eloise Ferro Nery (Ana Nery) - Acadêmica de Licenciatura em Letras Português e Inglês Início de curso no ano de 2019 Formação de curso em 2023 anaeloisenery2001@gmail.com

Ana Livia Ramos Costa - Aluna do curso técnico em nível médio em Marketing do Instituto de Ciência e Tecnologia do Amapá. Possui seu primeiro artigo escrito “A ausência de bibliotecas no município de Santana” no ano de 2022. Possuindo também, novos projetos e artigos em andamento. E-mail: analiviarmos@hotmail.com

Andréina de Souza Vasconcelos - Estudante do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês - 2019 - 2023 andreinavasconcelos16@gmail.com

Angélica Machado — Licenciada em Letras Português-Francês pela Instituição de Ensino Superior do Amapá (IESAP). Possui curso de Francês básico pelo Centro Danielle Miterrand. Atualmente é professora na Rede Estadual de Educação do Amapá. E-mail: angelpuresa1977@gmail.com

Antonio da Luz Machado — Graduando em Engenharia Civil pela Unip. E-mail: puresaantonio5@gmail.com

Arilson Viana de Souza - Especialista em metodologia da Matemática e da Física- pela Universidade de Curitiba (2011). É professor de Matemática do Governo do Estado do Amapá-GEA, atuando no Sistema de Educação Modular de Ensino- SOME, desde 2002. Poeta Tucuju, faz parte do movimento Literário Afrologia Tucuju. E-mail: av-souza2011@hotmail.com

Ataiane Lima do Carmo - Graduada em Arte Visuais pela Universidade Federal do Amapá. (2013) e em Pedagogia pelo Instituto Federal do Amapá -IFAP em parceria com a Universidade aberta do Brasil – UAB (2022) É especialista em metodologia do ensino de artes pelo Centro de Ensino Uninter. (2021) atualmente trabalha como servidora pública pela secretaria de educação do estado do Amapá como professora de Arte atuando na escola estadual Maria Cristina Botelho Rodrigues desde 2013. E-mail: ataianelima@gmail.com

Augusto Cezar Lima Queiroz - Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Amapá (1995). Pós-graduado em História e Historiografia da Amazônia pela Universidade Federal do Amapá (2002). Mestrando em História Social pela mesma instituição. E-mail: acqueiroz@yahoo.com.br

Benedita Machado Pureza - Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProEPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP/Campus Santana). Especialista em Gestão Pública pela Fatech. Bacharela e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Graduada em Licenciatura em Letras Português-Inglês pela Unifaveni. Servidora Pública efetiva no Instituto Federal do Amapá, na função de Auxiliar em Assuntos Educacionais. Atualmente é Membro da Equipe Técnica da Editora do Instituto Federal do Amapá – EDIFAP. E-mail: benedita.pureza@ifap.edu.br

Bruna da Silva Alves - Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Amapá Campus Santana (UNIFAP/STN). É membro do Grupo de Pesquisa sobre Mulheres na Literatura - Maria Firmina dos Reis (UNIFAP) e membro do GRIOT - Grupo de Pesquisa em Literaturas Pós-coloniais (UNESP - Araraquara). E-mail: nunaalvesap08@gmail.com

Camila de Nazaré Colares da Rocha - Especialista em Docência do Ensino Superior (META) e Língua Inglesa (IESAP) Letras bacharelado pela Instituição de Ensino Superior do Amapá (IESAP/ 2007) e Licenciatura em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/2013). É professora EBTT de Língua Inglesa no Instituto acederão do Amapá, atuando no Ensino Médio Técnico e no Ensino Superior. Atuante também como preceptora do programa Residência pedagógica, desde novembro de 2022. E-mail: camila.calculadora10@gmail.com

Cláudia Patrícia Nunes Almeida - Uso o pseudônimo de Cláudia Almeida Flor D'Maria em homenagem a minha avó Maria Coutinho. Carrego comigo a ancestralidade indígena de minha avó Maria. Ela era parteira,

benzeira e curandeira no Rio Tacuera/PA. Atualmente, sou professora do Instituto Federal do Amapá, mestre em ensino e doutoranda em ensino da UNIVATES(RS). Como professora, pesquisadora e cidadã, tenho como objeto de pesquisa a cultura das minorias: afro e indígena. Integro o grupo de pesquisa CEM -CURRÍCULO, ESPAÇO E MOVIMENTO (- UNIVATES) e sou Bolsista CAPES/ CNPQ. Como artista das letras, escritora, meus manuscritos trazem a cultura indígena e ribeirinha, minhas raízes em verso e prosa estão plantadas no chão da Amazônia e no jeito de ser do povo daqui. Sou uma mulher das águas barrentas do Amazonas, das lançantes e do remanso das águas do meu rio mar. Sou mulher das matas úmidas e dos cantos dos pássaros. Sou mulher mãe feito onça pintada que lambe sua cria e defende seu território. A Amazônia é minha casa e ela alimenta todas as vidas que carrego em meu corpo humano. claudiapatricia.nunesap@gmail.com

Deuzarina Alfaia – Graduanda em Educação Física pela Unopar. Parteira e amante da natureza. E-mail: deuzaalfaia123@gmail.com

Ednamar Melo Silva - Assistente Social e Historiadora, pós graduada em História do Amapá. Atuando na Saúde do Estado do Amapá. Apaixonada por Lendas e mitos, sonhadora. E-mail ednamell1969@gmail.com

Ellen Patricia Belfor da Silva - Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Inglês pelo Instituto Federal do Amapá. É residente do Programa Residência Pedagógica desde 2022. Fez parte da comissão eleitoral do Centro Acadêmico de Letras Ferdinand de Saussure (CALEFS) E-mail: ellenbelfor46@gmail.com

Elza Lopes de Oliveira – Mestra em Planejamento e Políticas Pela Universidade Estadual do Ceará (2019). Professora da Educação Especial na rede pública do Estado do Amapá- Centro de Apoio Pedagógico à Pessoa com Deficiência Visual – CAP/AP. E-mail: elzaveira@gmail.com

Ester Ferreira Lopes - Graduanda de Licenciatura em Letras Português-Inglês E-mail: esterferreiralopesifap@gmail.com

Eva Diana da Silva Miranda - Escritora e poetisa. Curso Técnico em segurança do trabalho- pelo Instituto Federal do Amapá de Porto Grande -Amapá (2018). Autora do Hino oficial de Porto Grande-Amapá. Autora do livro Menino trecheiro (cordel do Valdeça) - pela Amazon. E-mail: evamiranda42.em@gmail.com

Ezequias Correa - Especialista em Cultura e Literatura - Pesquisador nas áreas de Oralidade e Performance na Literatura Amapaense. Aluno do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLET/UNIFAP). Professor de Literatura na rede pública de ensino. Integrante do Tatamirô Grupo de Poesia, desde o ano de 2010. E-mail: letras.ap@hotmail.com

Fabício de Souza dos Santos - Professor de Matemática, atualmente Gestor Escolar Na Rede Municipal Macapá, Formado em Matemática pela

Universidade Vale do Acaraú (2014), formado em Tecnologia de Redes de Computadores pelo IFAP (2019), Especialista em Gestão em Gestão Docência no Ensino Superior, Pesquisador EtnoMatemático e Educação Escolar Quilombola. E-mail: fabricio.de.santos@gmail.com

Fernando Castro Amoras - Mestre em Desenvolvimento Regional, Especialista em Gestão Pública e Graduado em Ciências Sociais, todos os cursos realizados na Universidade Federal do Amapá, onde trabalha como Técnico em Assuntos Educacionais. E-mail: fernandogentry@hotmail.com

Geovana de Moraes da Silva - Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica - Pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (2022). É professora efetiva do Estado do Amapá, atuando como Formadora Local pelo Programa Criança Alfabetizada, desde 2021. E-mail: geovanaprofessora2021@gmail.com

Iasmin Oliveira do Carmo — Em formação no curso de Letras Português e Inglês, desde 2019 pelo Instituto Federal do Amapá, Campus Macapá. Atuou pelo período de um ano como professora de inglês em escola de idiomas. cursou o ensino médio de forma integral no Instituto Federal do Amapá, Campus Santana que concluiu no ano de 2018. E-mail: docarmo.iasmin01@gmail.com

Iramel Lima - Doutora em Antropologia pela Universidade Nacional Autônoma do México - UNAM É escritora amapaense e professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Amapá/SEED- AP E-mail: iraguacema10@gmail.com

Ivaldo da Silva Sousa - Doutor em Ciências da Educação, Mestre em Ciência da Educação, Mestre em Planejamento e Políticas Públicas - Profissional — MPPPP (Universidade Estadual do Ceará), Pós-graduado em Psicopedagogia, Especialista em Educação, Pós-graduado em Metodologia do Ensino de Arte, Pós-graduação em História e Literatura Afrodescendente, Graduado em Artes Plásticas, Graduado em História, Parecerista da Revista Científica da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Consultor em Cultura e Artesanato pelo SEBRAE-AP. Artigos Científicos publicados na Revista Científica da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Autor dos livros Científicos: Classificado entre os melhores projetos do Educador nota 10 (2019,2020); Classificado entre os melhores projetos nacionais do Arte na Escola (2020); Pesquisador de melhores formas de inclusão social dos grupos minoritários, contra qualquer tipo de preconceito e exclusão social. ivaldo-sousa@uol.com.br

Izabela Picanço Borges - Acadêmica de Letras Português e Inglês no Instituto Federal do Amapá (IFAP) e professora de Língua Inglesa desde 2019. E-mail: izabelaborges132@gmail.com

Jaciara Rodrigues de Miranda — Graduanda do 6º semestre de Licenciatura em Letras Português e Inglês. E-mail: jaciara.anabella@gmail.com

Jadson Luis Rebelo Porto - Graduado em Bacharelado e Licenciatura em Geografia (UFPA, 1990, 1993); Mestre em Geografia (UFSC,1998); Doutor em Ciência Econômica (Unicamp, 2002); Pós-Doutorado em Desenvolvimento Regional (FURB, 2014); Pós-Doutorado em Geografia, pela Universidade de Coimbra (Portugal) (2015); Pós-Doutorado em Estudos Sociais, pela Universidad Nacional de la Patagonia Austral - Unidade Rio Gallegos (UNPA/UARG), Argentina (2017); Pós-doutor em Desenvolvimento (UFT, 2020). Coordenador do Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos (NESUR/UNIFAP). Professor Titular da Universidade Federal do Amapá. Professor do Mestrado em Desenvolvimento Regional da UNIFAP Vencedor do Prêmio Pesquisador Destaque - 2021, pela Secretaria de Ciências, Tecnologia e Inovação do Amapá. Integrante efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba, PR), cadeira de n. 3, Patrono Alberto Oliveira (2022). Integrante efetivo da Academia Amapaense de Letras (Macapá, AP), cadeira 17, Patrono Joaquim Caetano da Silva (2022). E-mail: jadsonporto@yahoo.com.br

Jhuliano Oliveira dos Santos - Graduando em Licenciatura em Letras Português e Inglês pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - Campus Macapá (2019 - Presente). É bolsista do Programa Residência Pedagógica da CAPES (2022 - Presente), atuando no Instituto Federal do Amapá - Campus Macapá. E-mail: jhulianooliveira@gmail.com

João Wilson Savino Carvalho - Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU/MG (2012). É Professor Associado IV da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP onde leciona Filosofia vinculado ao Departamento de Ciências Humanas — DFCH/UNIFAP. É membro da Academia Amapaense de Letras - AAL, já recebeu vários prêmios literários, participou de várias coletâneas de contos e crônicas, e publicou vários romances. E-mail: wilsoncarvalho@unifap.br. Blog: wilsoncarvalho.com.br

Josilene Barbosa de Souza - Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês do Instituto Federal de ciência e tecnologia do Amapá Campus Macapá. É discente do curso desde de 2019. Josileneb302@gmail.com

Josué Martins de Souza - Graduado em História pela Unifap, cursando especialização em educação das relações étnico raciais história e cultura afro-brasileira e indígena na Universidade federal de Ouro Preto, atua como professor na rede de ensino pública do estado do Amapá a 7 anos, militante do movimento negro.

Jouze Danielle Alves de Brito - Especialização em Autismo (em andamento) pela CBI of Miami (2021-2023). Bacharel em Direito-pela Faculdade Estácio do Amapá- Famap (2020). Bacharel em administração Geral - pela Faculdade Fama (2011). Assistente em Administração do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI, Servidora efetiva da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP desde 2014 até os dias atuais. Colaboradora do Projeto

de Extensão: Assessoria em educação inclusiva Campus Bonacional/Unifap (2016-2017). Vice-coordenadora do Projeto de Extensão “Incluir: ato de amor e respeito ao próximo” (2021-2023). Participo de um movimento chamado Renovação Carismática Católica, onde estou como Coordenadora do Grupo de Oração Cristo Bom Pastor-RCC AMAPÁ- (2021-2023) e também sirvo no ministério de música e artes (2010 até os dias atuais). Participo da Pastoral Carcerária do Amapá jouzedanielle@gmail.com

Kátia Pureza – Doutora em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre em Ensino pelo Centro Universitário Univates. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Meta. Bacharela e Licenciada em Geografia pela Unifap. Professora da Rede Estadual de Educação do Amapá. Atualmente é Secretária da Escola Estadual Augusto dos Anjos. E-mail: katia.pureza@yahoo.com.br

Kelly Pureza – Licenciada em Pedagogia pela Unip. É professora na rede municipal de ensino do Amapá. E-mail: kel.pureza@yahoo.com.br

Keum Hee - Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá. Atua no Jornalismo amapaense desde 2018, passando pela TV Tucuju e Rádio 102 FM, e atualmente na TV Equinócio. E-mail: keumheexoxo@gmail.com

Larissa da Silva Nascimento Siqueira - Formada em Licenciatura em Letras Português, Inglês e suas respectivas literaturas - pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá. E-mail: larissadasilvaa098@gmail.com

Lorena Reis Brito - Acadêmica de Licenciatura em Letras Português e Inglês no IFAP (campus Macapá). Formada em Língua Inglesa pela escola de idiomas Fisk Macapá (Iaguinho), com certificado MET. Monitora de Língua Inglesa na escola de idiomas Fisk Macapá (Iaguinho) desde 2021. E-mail: lorenareisbrito1@gmail.com

Lourdylen Maria da Luz Silva - Formada em Licenciatura em Letras Português, Inglês e suas respectivas literaturas - pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá. E-mail: lurdylenegmail.com

Lucas Dias Coelho - Graduando em Letras - Português e Inglês e suas Respectivas Literaturas - pelo Instituto Federal do Amapá (2019). É discente do curso Técnico em Estradas, na forma subsequente, do IFAP e está em período de apresentação de TCC para a conclusão do curso. É estagiário na escola Gonçalves Dias localizada no bairro Buritizal. E-mail: lucascoelho.licenciatura@gmail.com

Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires – Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP/Campus Santana). Especialista em Gestão Pública pela Fatech. Bacharel em Direito pela Faculdade de Macapá – FAMAP, Servidor Público Federal do Instituto Federal do Amapá - Reitoria, com um

pouco mais de 5 anos de experiência. Ao longo desses anos, dentro do Instituto, trabalhou na Coordenação de Extensão (24/12 a 28/12/2018 e 07/01/2019 a 11/01/2019); na Diretoria de Extensão (12 a 16/03/2018, 27 a 31/08/2018, 22/04 a 25/04/2019, 06/05 a 17/05/2019); na Coordenação de Estágio e Egressos (04 a 15/12/2017); Coordenação de Editora do Instituto Federal do Amapá (Atualmente, desde 2020). E-mail: luiz.aires@ifap.edu.br

Maitê da Conceição Soares - Estudante do 6º Semestre de letras do Instituto Federal do Amapá- Campus Macapá. E-mail: maitesoares41@gmail.com

Marciléia do Socorro da Rocha Campos Lopes - Especialista em Economia Verde, pela Universidade do estado do Amapá; Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional, Educação Especial e Inclusiva, Atendimento Educacional Especializado em Educação Especial e Inclusão, pela Faculdade Intervale; Docência para a Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá; Mestranda em Desenvolvimento Regional, pela Universidade Federal do Amapá. Professora da rede municipal de Macapá. E-mail: marcileialopesap@gmail.com

Marcileia Pantoja Leal - Especialista em docência da Educação Básica, pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (2020). É professora do Ensino fundamental II na Escola Estadual Dr. Coaracy Nunes. Graduanda do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: marcypleal@gmail.com

Marcileide Pimenta de Freitas - Técnica em Serviços Públicos pelo Instituto Federal do Amapá - Ifap (2015); Licenciada em Pedagogia pela Unopar (2019); Tecnóloga em Gestão Pública pela Uninter (2018); Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior - Fatech (2018); Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Servidora efetiva no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amapá - Ifap/ campus Jari, na função de Assistente de alunos, atuando na tutoria e como professora formadora no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Aberta do Brasil - UAB. E-mail: marcileide.freitas@ifap.edu.br

Marcos Antonio Ferreira Alves - Graduando em Licenciatura em Letras Português e Inglês pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá. Faz parte do Programa Residência Pedagógica desde 2022. Foi membro do Centro Acadêmico de Letras Ferdinand Suassure (CALEFS). (2020-2022) Publicou o Conto Bilingue What Is Dead Doesn't Hurt Me sob a orientação da Professora Michele Yokono e apoio de IFAP. (2019) E-mail: mark.alves21@gmail.com

Margarida de Cassia Queiroz Fernandes - Acadêmica de Letras Português/Inglês - Turma 2019.1 - Instituto Federal do Amapá Técnica em Alimentos - Ensino médio (técnico) do Instituto Federal do Amapá (2016-2018) Atua como professora de Inglês desde 2019 em escola de idiomas. E-MAIL: queirozma03@gmail.com

Mayla Monise de Oliveira Coelho - Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Instituto Federal do Amapá- IFAP. Iniciou o curso no ano de 2019, o qual termina em 2023. Residente do programa Residência Pedagógica, Projeto de Inglês da Capes, pelo Instituto Federal do Amapá- IFAP. maylamonisee@gmail.com

Midiam de Oliveira França - Licenciada em Pedagogia pelo Instituto de ensino superior do Amapá-IESAP em 2009. Pós-Graduada em Gestão Pública pela Faculdade de tecnologia e ciências humanas - FATECH em 2018. Funcionária Pública do Quadro Efetivo Da Prefeitura Municipal De Santana desde 1998. Midianoffap@hotmail.com /midian.franca@gmail.com

Pedro Tiago Chaves — Licenciado em Educação Física pela Unopar. Cursando Pós-Graduação em Educação Física Escolar pela Educaminas. E-mail: pedro-pinheiro3@hotmail.com

Raisa Ribeiro de Souza - Possui graduação em História pela Universidade Vale do Acaraú (2010), Bacharel em Direito pela Faculdade de Macapá (2011). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Meta (2010). Atualmente cursa Licenciatura em Música pela Universidade do Estado do Amapá. Área de atuação Educação. E-mail: raisamusica@gmail.com

Rodrigo Mergulhão - Ciclista preguiçoso. Estudante solitário de piano. Expulso de karaokês. Cinéfilo de sofá. Boêmio roqueiro. Francófono mediano. Neopagão. Peixes com Virgem. Preto. Pobre. Fluido. LGBTQIAP+. Socio militante nos bastidores. Ogro fofo. Acadêmico de Administração/UNIFAP. Servidor público federal — por ora. Produtor textual — para sempre. Componente de antologias locais. Autor de “faz café” (2019). Amapaense de 1999. Paraense de 1987. rodrigomergulhao@hotmail.com

Sandra Maria De Jesus Gonçalves - Mestre Em Planejamento e Políticas Públicas - Pela Universidade Estadual Do Ceará - Uece (2022). Pedagoga - Secretária De Estado Da Educação (Gea) - Atuando Como Assessora Técnica No Conselho Estadual De Educação Do Amapá - Câmara De Educação Profissional e Educação Superior Desde 2013. E-mail: sandracuriau@gmail.com

Stephane Mayara Melo Nunes - Especialista em Educação - Informática na Educação - pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - IFAP (2022). É acadêmica de Licenciatura em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas - no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - IFAP, Campus Macapá, e desenvolve atividades no programa Residência Pedagógica da CAPES. E-mail: stephane.nunes@outlook.com

Tatiane Campos - De origem paraense - de Afuá -nascida em Macapá - Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú,

2004. Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia pela FCE. Graduada em Matemática pela UNAMA-PA, 2011. Especialista em Fundamentos da Matemática Elementar pela UFPA, 2007. É Professora efetiva da rede municipal de ensino de Macapá desde abril de 2019. Atuando na Escola Municipal Eunice Picanço. Participou de dois projetos de Antologia pela Editora Portuguesa Chiado Books com os projetos: Além do céu além da terra, com o poema Anarquista e Projeto de Poesia Contemporânea intitulado Liberdade, com o poema Liberdade é Sentir. 2021. E-mail: tatianecampos.sa@gmail.com

Thor do Nascimento Martins - Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, campus Macapá, matriculado na turma 2019.1. Email: tmart946@gmail.com

Tiago Quingosta - Formado em Direito e especialista em Direito Processual Civil, escritor, declamador, poeta e autor, juntamente com outros escritores amapaenses, dos livros Foz Florescente (OffFlip, Brasil, 2013); Trilogia Poética: Os Opostos Existenciais (Chiado, Portugal, 2016); Poemas, Poesias e Outras Rimas (Scortecci, Brasil, 2018); Pena & Pergaminho (Ar, Brasil, 2018) e Literatura Amapaense: Poemas Escolhidos (Amazon, USA, 2020). Autor solo do livro “Aluvional” (Scortecci, Brasil 2022), já foi eleito pela sociedade civil organizada (segmento da Literatura) como Conselheiro de Cultura do Estado do Amapá, para o biênio 2015/2017 e reeleito para o biênio 2017-2019, tendo recebido, ainda, do Governo do Estado do Amapá, por 2 (duas) vezes, o Troféu Equinócio da Palavra, entregue, respectivamente, na 49ª e 50ª Expofeira Agropecuária do Amapá. E-mail: tiago_quingosta@hotmail.com

Valneres Rodrigues de Lima - Mestrando em Educação - pela Universidade Luterana do Brasil (2022-2023), pós-graduado em Educação Global, Desenvolvimento Humano e Gestão da Inovação(2019), pós-graduado em Novas Linguagens e Novas Abordagens para o Ensino da Língua Portuguesa- pela Faculdade Atual(2011), pós-graduado em Pedagogia Escolar Supervisão Orientação e Administração- pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2011), graduado em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa. É professor da EBT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, desde 2015. E-mail: valneres.lima@ifap.edu.br

Wanderlene Cardoso Borges - Especialistas na área de Letras - pela Faculdade Atual (2010). É professora titular na Escola Padre João Piamarta desde 2009. Trabalha no campo da educação desde o ano 2000, atuando como professora de Língua Portuguesa na referida escola. E-mail: cardosowanderlene@gmail.com

Sobre os organizadores

Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires — Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP/Campus Santana). Especialista em Gestão Pública pela Fatech. Bacharel em Direito pela Faculdade de Macapá – FAMAP, Servidor Público Federal do Instituto Federal do Amapá - Reitoria, com um pouco mais de 5 anos de experiência. Ao longo desses anos, dentro do Instituto, trabalhou na Coordenação de Extensão (24/12 a 28/12/2018 e 07/01/2019 a 11/01/2019); na Diretoria de Extensão (12 a 16/03/2018, 27 a 31/08/2018, 22/04 a 25/04/2019, 06/05 a 17/05/2019); na Coordenação de Estágio e Egressos (04 a 15/12/2017); Coordenação de Editora do Instituto Federal do Amapá (Atualmente, desde 2020). E-mail: luiz.aires@ifap.edu.br

Benedita Machado Pureza — Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP/Campus Santana). Especialista em Gestão Pública pela Fatech. Bacharela e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Inglês pela Unifaveni. Servidora Pública efetiva no Instituto Federal do Amapá, na função de Auxiliar em Assuntos Educacionais. Atualmente é Membro da Equipe Técnica da Editora do Instituto Federal do Amapá – EDIFAP. E-mail: benedita.pureza@ifap.edu.br

Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa — Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), em exercício provisório no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Avaré. E-mail: flaviakarolinlima@gmail.com

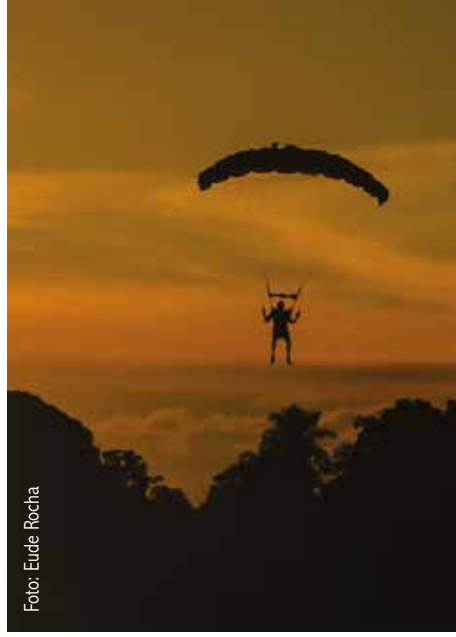


Foto: Euclides Rocha



Foto: Euclides Rocha



Foto: Euclides Rocha



Foto: Euclides Rocha



Foto: Eude Rocha

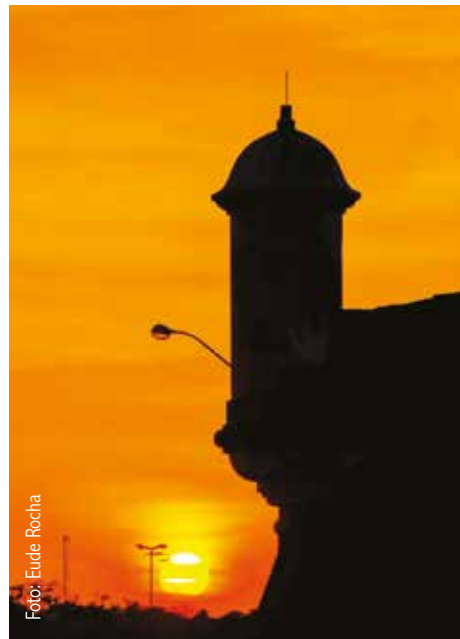


Foto: Eude Rocha



Foto: Eude Rocha



Foto: Eude Rocha





Foto: Eude Rocha



Foto: Eude Rocha



Foto: Eude Rocha



Foto: Eude Rocha





Foto: Eude Rocha



Foto: Eude Rocha

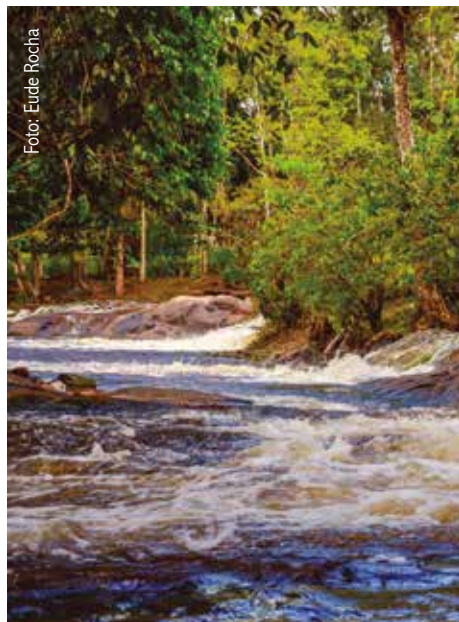


Foto: Eude Rocha



Foto: Eude Rocha



